

# SEG - Socioeconomic and Governance Assessment

## CR – Cultural Roles

### MMAS (Marine Managed Area Science)

---

PI: Profa. Dra. Isabela Baleeiro Curado, FGV/EAESP

Bolsistas: Omar Nicolau  
Manoela Freire de Oliveira

Contribuição: Pablo Faget

---

# INTRODUÇÃO

---

Essa pesquisa tem por objeto elaborar um perfil sociocultural e econômico das comunidades pesqueiras da região do Banco dos Abrolhos, a fim de se perceber quais e quão profundos são os impactos ao modo de vida daquela população, aportando subsídios importantes para a gestão compartilhada das áreas protegidas existentes e, principalmente, para o planejamento de novas áreas protegidas.

A pesquisa integra os resultados do SEG - Socioeconomic and Governance Assessment e do *Cultural Roles*, projetos de pesquisa vinculado ao Programa MMAS (*Marine Managed Area Science*) da Conservação Internacional, e visa contribuir para preencher lacunas críticas de conhecimento e gerar exemplos e modelos locais (“estudos de caso”) que possam ser utilizados em outras regiões e numa análise global dos efeitos e efetividade das Áreas Marinhas Protegidas nas dimensões social, cultural e econômica. O diagnóstico aqui proposto complementa os diagnósticos pesqueiro e ecológico do Programa MMAS, contribuindo para o planejamento de novas áreas protegidas e para o manejo adaptativo e participativo das áreas protegidas já existentes. Os resultados do estudo comparativo entre as diferentes áreas e categorias de Unidades de Conservação marinhas também permitirá avaliar as diferentes respostas efeitos sociais, culturais e econômicas decorrentes da aplicação destas ferramentas de manejo, uma abordagem inovadora no Brasil.

O principal objetivo da pesquisa aqui apresentada foi **levantar dados socioeconômicos e ter um diagnóstico geral dos principais usuários do Banco dos Abrolhos - os pescadores** da RESEX Corumbau, de Prado, de Alcobaça, de Caravelas e de Nova Viçosa.

Alguns objetivos complementares são:

- \* validar uma tipologia de pescadores, a partir das artes de pesca, e analisar as características sócio-econômicas de cada tipo de pescador (linha, rede, balão, marisqueiro etc);
- \* ter uma *base line* para futuras comparações;
- \* listar os usuários para auxiliar no processo de cadastramento dos pescadores pelos órgão governamentais (SEAP, ICMBio, MDA etc);
- \* gerar informações para a elaboração de políticas públicas e projetos específicos para a região;
- \* obter dados para a construção de indicadores socioculturais e de governança de um programa de monitoramento socioeconômico, o qual poderá ser aplicado em outros territórios costeiros, facilitando comparações entre diferentes regiões.

Por meio da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), os pescadores artesanais estão classificados como “povos tradicionais”. São considerados povos tradicionais, os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Segundo Diegues (2001, p. 31) “o conhecimento tradicional é definido com o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração”. O conhecimento tradicional comporta tanto o empírico/técnico/racional como o simbólico/mitológico/mágico, que ao mesmo tempo é uno e duplo, ou seja, comporta aspectos do simbólico e do racional, do empírico e do mitológico, do mágico e do prático. Sendo assim, esse tipo de saber tradicional geralmente possui em sua dinâmica, meios para a construção de uma gestão do Meio Ambiente que se aproxime da sustentabilidade em concomitância com o conhecimento técnico científico, mas isso só é possível num contexto de planejamento e gestão participativos.

Em comunidades tradicionais o modo de apropriação social do mar tem tendências a se basear, não em estratégias de subsistência, mas em crenças culturais e valores que se relacionam no intuito de manter a identidade social e um sentido do lugar (Cordel, 1989, Nietschmann, 1989). Nesse sentido, conservacionistas e pescadores muitas vezes comungam as mesmas preocupações para com a natureza, mas têm percepções e entendimentos diferentes sobre o meio-ambiente e idéias distintas do que significa o uso sustentável dos recursos. É necessário apontar então as características culturais desses povos, suas crenças, usos, valores, tradições, saberes, religiosidades. Para que assim, na agregação dos conhecimentos e atores, as responsabilidades possam ser distribuídas, tornando-os, todos os envolvidos, em protagonistas no planejamento e gestão estratégicos do meio ambiente.

## METODOLOGIA

---

Esse relatório de pesquisa integra as informações do SEG - *Socioeconomic and Governance Assessment* e do CR - *Cultural Roles*. O levantamento das informações, realizado entre março de 2008 e agosto de 2009, envolveu:

- Levantamento bibliográfico específico sobre o tema;
- Uma pesquisa qualitativa preliminar, com 30 entrevistas qualitativa;
- Uma pesquisa quantitativa 682 questionários;
- Pesquisa qualitativa, com 92 entrevistas, direcionadas para o levantamento das características culturais dos pescadores.

### A pesquisa bibliográfica

Num primeiro momento, foi feito o levantamento bibliográfico específico sobre o tema em livros, monografias, teses, dissertações, artigos em meio impresso e eletrônico e também dados secundários constantes em estatísticas oficiais tais como SEI, IBGE, SEAP, Colônias de Pescadores Z-23, Z-24, Z-25, Z-29 e outros dados, além da análise de notícias divulgadas nos meios de comunicação.

Na revisão bibliográfica também foram analisados manuais de levantamento de dados socioeconômicos em áreas marinhas protegidas, como, por exemplo, os guias “How is your MPA doing? A Guidebook of Natural and Social Indicators for Evaluating Marine Protected Area Management Effectiveness” e “Socioeconomic manual for coral reef management” além de trabalhos de levantamento de características socioeconômicas de extrativistas e populações tradicionais, com objetivo de auxiliar na construção do questionário da pesquisa quantitativa.

### A pesquisa qualitativa preliminar e quantitativa

O levantamento do perfil sociocultural e econômico das comunidades pesqueiras da região do Banco dos Abrolhos foi realizado por meio de uma pesquisa quantitativa com dois tipos de questionários:

- \* questionário longo: questionário estruturado com perguntas fechadas e abertas;
- \* questionário curto: questionário estruturado com perguntas fechadas.

Para a elaboração dos questionários foram realizadas 30 entrevistas qualitativas com pescadores da região dos Abrolhos, observação participante nas localidades envolvidas na pesquisa.

## A pesquisa qualitativa

Foi elaborado um roteiro de entrevistas semi-estruturado para ser aplicado com informantes-chaves, como: lideranças, festeiros, pescadores antigos, marisqueiras, pessoas que possuem relevante conhecimento cultural da região e etc. Além das entrevistas, foram visitados locais tradicionais de agregação e convivência dos pescadores como: praças, Colônia de Pescadores, festas populares, Igrejas e etc; utilizando-se a “observação participante”, quando o pesquisador interage e participa do dia a dia e dos eventos importantes do seu objeto de estudo, podendo assim se familiarizar e obter outras impressões que não foram percebidas por meio das entrevistas.

Foram realizadas 92 entrevistas ao todo, com duração de 30 minutos a 1 hora. As entrevistas foram todas gravadas e posteriormente decupadas ou transcritas. Algumas festas e rituais típicos foram filmados e fotografados com a permissão prévia da comunidade para compor a pesquisa e para validação dos dados apresentados.

Os questionários da pesquisa quantitativa e o roteiro da pesquisa qualitativa estão em anexo.

## Área de Estudo

Extremo Sul da Bahia possui somente 5% do total da população baiana (IBGE, 2000) e ultimamente vem desenvolvendo-se economicamente com a agroindústria do papel e celulose, tendo também a agropecuária como significativa fonte de renda, principalmente nas culturas de mamão, café, cacau, côco, abacaxi e melancia e o escoamento da produção é feito pela BR-101 (IBGE, Senso Agropecuário, 200..). Uma iniciativa da prefeitura de Alcobaça fomenta o cultivo de maracujá no município. O turismo também vem apresentando significativos impactos na economia e há uma atenção por parte do Estado da Bahia para investimentos de infra-estrutura para atender as demandas dessa atividade. Mesmo assim, grande parte da receita dos municípios da abrangência da pesquisa é proveniente do setor primário. A pesquisa aqui descrita envolve os municípios de Nova Viçosa, Caravelas, Alcobaça, Prado e uma pequena parte de Porto Seguro.

Uma vez que não existem dados oficiais dos usuários do Banco dos Abrolhos, o Universo foi estimado a partir do número e tipo de barcos de cada localidade<sup>1</sup>. Para a pesquisa, será considerada a unidade familiar, portanto, o universo total é composto de aproximadamente 2.550 famílias.

A amostra total da pesquisa quantitativa (682 famílias) foi definida a partir das áreas marinhas protegidas de cada localidade. A amostra total está dividida em questionários longos e questionários curtos. A proposta de proporção de entrevistas longas varia entre 18% e 32% da amostra total, segundo a tabela abaixo.

#### Universo e amostragem da pesquisa, estimativa inicial

local	Num. Pescador estimado pela(s) colônia(s)	RGP emitidas	Barcos/ Botes / canoas	Estimativa famílias pescador	Percentual amostral %	Entrev. Total	Entrev. Longas	Entrev. Curtas
				<b>UNIVERSO</b>		<b>AMOSTRA TOTAL</b>	(de 16% a 32%)	(de 68% a 84%)
RESEX CASSURUBA *	1900	1700	400	1.000	38	375	94	281
RESEX CORUMBAU *	-	-	220	300	29	88	28	60
PRADO **	1200	800	180	400	24	94	20	74
ALCOBAÇA	1200	700	+	600	21	125	20	105
<b>TOTAL GERAL</b>				<b>2.300</b>	<b>29</b>	<b>682</b>	<b>162</b>	<b>520</b>

\* número de pescadores divididos em duas ou mais colônias

\*\* parte dos pescadores da colônia de Prado estão computados na RESEX Corumbau, barcos de Prado refere-se aos barcos que ficam na sede do município

+ dados indisponíveis

A determinação do universo e da amostra, para cada localidade, usou como base as informações das Colônias de Pescadores. Apesar desses números não serem precisos, uma vez que algumas colônias aceitam não-pescadores entre os seus membros e nem todos os pescadores estão associados às colônias, eles apresentam uma boa aproximação para o início do processo de estimativa do Universo e da amostra. A partir dos números de associados das colônias e do número aproximado de barcos, pudemos ter uma boa estimativa do Universo.

Cabe observar que a nossa unidade de análise são as unidades domiciliares, podendo, na mesma unidade domiciliar, residir mais de uma família.

<sup>1</sup> Evitou-se usar o número de pescadores com RGP uma vez que o mesmo não reflete a realidade.

# Descrição da região

## Características socioeconômicas da região

O Extremo Sul da Bahia possui somente 5% do total da população baiana (IBGE, 2000) e ultimamente vem desenvolvendo-se economicamente com a agroindústria do papel e celulose, tendo também a agropecuária como significativa fonte de renda, principalmente nas culturas de mamão, café, cacau, coco, abacaxi e melancia e o escoamento da produção é feito pela BR-1012 (IBGE, Senso Agropecuário, 200..). Uma iniciativa da prefeitura de Alcobaça fomenta o cultivo de maracujá no município. O turismo também vem apresentando significativos impactos na economia e há uma atenção por parte do Estado da Bahia para investimentos de infra-estrutura para atender as demandas dessa atividade. Mesmo assim, grande parte da receita dos municípios da abrangência da pesquisa é proveniente do setor primário.

População estimada, área e densidade demográfica, por municípios, Bahia - 2002 - 2003

Municípios	População Estimada 2002	População Estimada 2003	Área (km <sup>2</sup> ) (1)	Densidade demográfica (hab/km <sup>2</sup> )	
				2002	2003
Caravelas	20.361	20.481	2.361,3	8,62	8,67
Alcobaça	21.894	22.355	1.506,0	14,54	14,84
Nova Viçosa	33.445	34.080	1.326,1	25,22	25,70
Prado	27.311	27.689	1.664,5	16,41	16,63

Fonte: Sei/BA

Não se nota significativas disparidades populacionais entre Alcobaça, Caravelas, Nova Viçosa e Prado. Sendo este último o município de maior população e Nova Viçosa de maior densidade demográfica. A população rural nos quatro municípios vem diminuindo vultosamente, pela expulsão da comunidade rural pelo plantio desenfreado do eucalipto. (Koopmans, 2005).

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 2000										
Município	Esperança de vida ao nascer	Taxa de alfabetização de adultos	Taxa bruta de frequência escolar	Renda per capita	Índice de esperança de vida (IDHM-L)	Índice de educação (IDHM-E)	Índice de PIB (IDHM-R)	Índice de Des. Humano Municipal (IDH-M)	Ranking por UF	Ranking Nacional
Alcobaça	61,150	0,697	0,830	116,631	0,602	0,741	0,567	0,637	152	3989
Caravelas	62,638	0,684	0,827	184,732	0,627	0,731	0,644	0,668	65	3502
Nova Viçosa	63,755	0,716	0,812	125,743	0,646	0,748	0,580	0,658	81	3638
Prado	63,446	0,716	0,782	155,926	0,641	0,738	0,616	0,665	69	3543

Fonte: ONU

<sup>2</sup> A BR-418 que liga os municípios de Posto da Mata, às margens da BR-101, e Caravelas começa a ser asfaltada pela demanda de carretas das toras de eucalipto. Essa rodovia irá dinamizar o fluxo de veículos, pessoas e mercadorias da região, pois tanto Mucuri, Nova Viçosa, Caravelas, Alcobaça e Prado terão mais um acesso à BR-101.

Dos municípios em tela, Alcobaça é o que apresenta o menor IDH - Índice de Desenvolvimento Humano, porém as condições sociais dos municípios encontram-se praticamente no mesmo patamar. Na sua fisionomia, os municípios apresentam características bem semelhantes, apesar dos números das receitas tributárias e geração de divisas em torno da agroindústria da celulose indicarem um desenvolvimento econômico significativo. Não obstante a renda per capita ter sido notavelmente incrementada nos últimos 20 anos, as condições socioeconômicas da população desses municípios não indicam o mesmo crescimento.

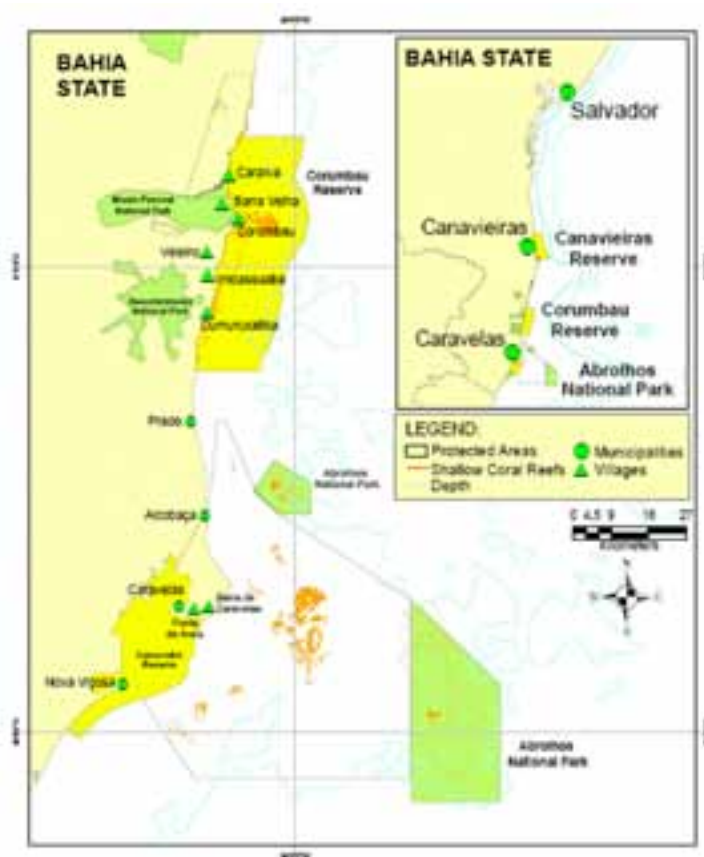
**Estimativa do Produto Municipal dos munic'pios  
bairanos - 2000**

Munic'pios	Produto Municipal (R\$1.000.000,00)	Classificaç' o
Alcobaça	57,14039739	78¼
Caravelas	78,55215771	57¼
Nova Viçosa	89,72728755	50¼
Prado	84,93817201	54¼

Fonte: Sei/BA

Quanto às Unidades de Conservação, um mosaico de territórios vem sendo criados para a conservação de ecossistemas. Dessas a APA Caraíva- Trancoso, a APA- Ponta da Baleia- Abrolhos (estaduais) e as RESEXs do Corumbau e do Cassurubá são Unidades de uso direto. A proposta

As pescarias identificadas inicialmente nas diferentes localidades são balão, linha, rede, gancho, gamboa, redinha, rede de lagosta e mergulho.



Unidades de Conservação	Área Total ( ha )	Administração	Municípios
Parque Nacional do Monte Pascoal	22.500,00	Federal	Porto Seguro
Parque Nacional do Descobrimento	21.118,00	Federal	Prado
Parque Nacional do Pau Brasil	12.112,00	Federal	Porto Seguro
APA da Ponta da Baleia-Abrolhos	34.600,00	Estadual	Alcobaça, Caravelas
APA de Caraíva-Trancoso	31.900,00	Estadual	Porto Seguro
RPPN Fazenda Avaí	469,10	Particular	Caravelas
RPPN Lagoa do Peixe	31,00	Particular	Caravelas
RPPN Carroula	15,00	Particular	Prado
Reserva Extrativista Marinha do Corumbau	89500,00	Federal	Porto Seguro, Prado

Fonte: SEI/BA

### Tipos de pesca das áreas de estudo

Município	localidade	Arte principal	Ecosistema
Nova Viçosa	Sede	Balão	Mangue, estuário, soft bottom
	Barra Velha	Tainheira, gancho	
	Estuário	Gamboa, linha, redinha	
Caravelas Z-25	Barra de Caravelas	Balão	Mangue, estuário, soft bottom e coral
	Ponta de Areia	Balão, linha	
	Sede	Balão	
	Estuário	Gamboa, linha, gancho, redinha	
Alcobaça	Centro	Balão, linha, rede de lagosta, mergulho	Mangue, soft bottom e coral
Prado	Centro	Balão, linha	Mangue, soft bottom e coral
RESEX Corumbau	Caraiva	Balão, linha	Mangue, soft bottom e coral
	Ponta do Corumbau	Balão	
	Barra Velha	Linha, rede	
	Veleiro	rede	
	Imbassuaba	Linha, rede	
	Cumuruxatiba	Balão, rede	

A área na qual estão situados os municípios de Prado, Alcobaça, Caravelas e Nova Viçosa é denominada de Eixo Econômico do Extremo Sul. A primeira atividade econômica do Extremo Sul baiano foi a exploração do Pau Brasil; foram atividades importantes também a produção de açúcar e o arrendamento das terras, complementadas pela produção agrícola e pela pesca. Neste século houve a introdução da lavoura do cacau, por volta dos anos vinte, e, posteriormente, da pecuária. A partir dos anos cinquenta, com a intensificação da exploração madeireira, o Extremo Sul baiano saiu do isolamento e passou a articular-se economicamente com os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e

Rio de Janeiro. Nos anos setenta teve início a diversificação da produção agropecuária com o estabelecimento da fruticultura moderna, com destaque para o mamão; da pecuária; da silvicultura, articulada à produção de celulose e madeira - o mais novo vetor de crescimento econômico do estado da Bahia; e, nos últimos anos, do turismo, atividade em grande expansão. A partir dos anos noventa a principal atividade regional é a indústria de papel e celulose.

A região do Extremo Sul da Bahia é uma das áreas de mais antigo povoamento do estado da Bahia, por ter sido o local de chegada dos colonizadores. Sua população autóctone era formada por Tupiniquins, Pataxó, Maxacalí, Botocudo, Puri, Kamakã e outros. Os sete municípios já existentes eram litorâneos, e a expansão demográfica para o interior só passou a ser representativa a partir de meados do século XX, quando foram criados 14 dos 21 municípios atuais.

Na primeira fase da colonização eram comuns os conflitos entre índios, colonos e governo. A política da Coroa Portuguesa era de ocupação das aldeias, vilas e cidades por degredados portugueses e índios colonizados. Nos séculos XVIII e XIX foram adotadas políticas voltadas para maior integração da população indígena com a sociedade regional. No século XX a introdução do cacau no Extremo Sul da Bahia permitiu a inserção da região no conjunto da economia estadual. Foi pela integração econômica que se intensificou o povoamento da área.

Segundo dados do IBGE, entre os anos de 1991 e 1996 o Extremo Sul e o Baixo Médio São Francisco foram as regiões econômicas da Bahia que movidas pelo turismo e pela irrigação, apresentaram maior ganho populacional por imigração. O movimento campo-cidade é crescente e é voltado principalmente para a busca de trabalho.

Atualmente, a região do Banco dos Abrolhos, no extremo sul da Bahia, é uma área de fronteira econômica onde, além da monocultura do eucalipto altamente mecanizada que vem crescendo constantemente, observa-se também grandes fazendas de gado, sítios onde se pratica uma agricultura de base familiar e comunidades pesqueiras artesanais, que subsistem apesar do relativo isolamento da área em relação às capitais e das dificuldades trazidas pelo declínio econômico da região.

Os agentes produtivos da região e agentes sociais centrais desta luta desigual são, por um lado, a indústria do eucalipto e da celulose e, por outro, as comunidades indígenas, afro-indígenas e quilombolas, pequenos produtores rurais e pescadores artesanais. (MELLO, Cecília: 2002).

O histórico de ocupação e formação do território Extremo Sul da Bahia nos remete a chegada dos portugueses no Brasil com início ao domínio e dizimação dos povos indígenas da região. Depois de inúmeros conflitos travados pela conquista de território e conseqüentes formas de sobrevivência em meio à civilização, hoje os Pataxó representam o que restou dos povos indígenas no litoral baiano, caracterizando-se num símbolo de resistência ao poder dos colonizadores.

Muitas são as influências culturais dessa região desde a herança deixada pelas diversas etnias indígenas que habitavam a área e que ainda sobrevivem em alguns locais, como os Pataxó da Barra Velha. Além disso, pode-se notar a influência das comunidades remanescentes de quilombo, como, por exemplo, a comunidade situada em Euwérsia, município de Nova Viçosa, considerada uma comunidade quilombola.

Os povos indígenas do atual Extremo Sul baiano são personagens marcantes já do primeiro documento da história do Brasil, a notória carta de Vaz de Caminha (1500). A aguçada descrição etnográfica aí contida não deixa dúvidas, quanto a serem tupis estes índios, ou mais precisamente Tupiniquim, como se tornariam conhecidos em toda a documentação colonial subsequente para a região, especialmente aquela produzida por missionários jesuítas que entre eles se estabeleceram já nas décadas iniciais do período colonial, por exemplo (Nóbrega, 1549-70). Os Tupis tendiam a se concentrar em aldeias estáveis, relativamente grandes, onde poderiam viver de mil a três mil indivíduos. Os Tupis costeiros eram mais sedentários e capazes de exercer um domínio mais estável sobre um território específico, onde plantavam suas grandes roças de mandioca e milho, intercaladas por extensões de mata – áreas de caça e coleta –, além do domínio de importantíssimos ecossistemas costeiros, especialmente estuários, restingas e manguezais, ricos em proteína animal, além do acesso ao próprio oceano.

Neste processo, as grandes concentrações indígenas – intensificadas pelo trabalho catequético dos jesuítas – foram amplamente dizimadas pelas epidemias européias, rapidamente alastradas, de modo tal que, ao se encerrar o século XVI, praticamente já não havia tupiniquins livres na atual costa baiana. A faixa correspondente, "grosso modo", ao atual Extremo Sul baiano era, pois, dominada pelos Pataxó, como ficou dito, e, também, por grupos Maxakalí. Parece ser, porém, possível discernir que os Pataxó mantinham maiores concentrações na área mais próxima à costa, enquanto que os Maxakalí teriam seu pólo de dispersão nas cercanias da Serra dos Aimorés – atual divisa entre Bahia e Minas Gerais –, disposição que, de resto, conservam ambos no presente (Carvalho e Sampaio, 1992).

No que diz respeito ao Extremo Sul, porém, tudo indica que, já em meados do século XIX, a maioria da população indígena sobrevivente vivia junto às vilas coloniais costeiras – de Santa Cruz Cabralia a Porto Alegre, atual Mucuri –, para onde fora trazida na tentativa de submetê-la ao trabalho a serviço dos regionais. Em 1861, contudo, preocupado com os constantes conflitos entre estes e os índios e, provavelmente, também com a possibilidade legal dos últimos reivindicarem as terras que ocupavam, o Presidente da Província da Bahia determinou a concentração compulsória de toda a população indígena da região numa única aldeia, a ser estabelecida no ponto médio daquela costa, junto à embocadura do rio Corumbau. Esta é, seguramente, a origem da atual aldeia de Barra Velha (Carvalho, 1977), anteriormente também conhecida pela denominação de Bom Jardim.

Com relação a sobrevivências dessas tradições culturais, herdadas pelos povos que povoaram a região, foi observado que, nos últimos anos, houve uma migração considerável de famílias consideradas católicas para as igrejas evangélicas. Essa migração fez com que diferentes costumes da região diminuíssem ou desaparecessem ao longo das últimas décadas. Mesmos assim, em algumas localidades, pôde-se perceber que o perfil de algumas famílias extrativistas do mangue ou de alguns distritos, diferencia-se em muito das famílias urbanas ou de outras áreas rurais próximas.

- **PRADO**

Prado teve origem numa aldeia de índios, descendentes dos Aimorés, que se estabeleceram antes de 1755, na margem norte do Rio Jucuruçu, próximo à beira mar.

O município foi criado por força da Carta Régia de 03 de março de 1755, com território desmembrado de Caravelas e recebendo a denominação de Vila Nova do Prado. A Sede, criada com a invocação de Nossa Senhora da Purificação, por Alvará Régio, de 20 de outubro de 1795, ganhou condição de Cidade, por Lei Estadual de 03 de Agosto de 1896. O município de Prado pertence a área de influência de Itamarajú, diferenciando-se de Alcobaça e Caravelas que se relacionam diretamente com Teixeira de Freitas. Tem uma faixa litorânea de 65 km, indo na direção de Porto Seguro, e recebe influência direta do turismo daquela área. Sua economia é sustentada principalmente pela pecuária, turismo e produção de mamão. Seu distrito mais populoso é Cumuruxatiba, distante 30 km da sede. Dentre os municípios analisados, Prado é o que apresenta maior dinamismo turístico, mas antes da BR - 101 era um município isolado, de acesso difícil e com poucas perspectivas de crescimento. Prado, na atualidade, tem uma taxa de crescimento mais elevada que a média do Estado da Bahia e há previsão de investimentos que podem alterar completamente o perfil da população residente. Vestígios do século XIX podem ser apreciados no centro

histórico, destacando-se a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação e os antigos prédios no estilo colonial.

Dados do IBGE, 2007, apontam a Agropecuária como o Produto Interno Bruto mais importante, com 56% do valor adicionado, seguido pela atividade de serviços, com 39%.

Prado apresenta uma significativa comunidade pesqueira, tanto na sede do município, como também em seus distritos e praias, como é o caso da comunidade de pescadores artesanais que estão no em torno da Reserva Extrativista Marinha do Corumbau.

- **ALCOBAÇA**

O município de Alcobaça localiza-se em uma pequena faixa de terra entre o rio Itanhém e o Oceano Atlântico. O maior centro urbano mais próximo é o município de Teixeira de Freitas, cujo território se originou de um desmembramento de Alcobaça. A área onde hoje se encontra o município pertencia a uma sesmaria (terra doada pelo governo, no Brasil Colônia, para fins de colonização) administrada pelo capitão Francisco Martins Pereira a partir de 1697. Localizada numa área com grande incidência de indígena. Suas terras eram férteis e o rio Itanhém possibilitava acesso ao "sertão" (região afastada do litoral). Talvez por causa da fertilidade do terreno, a região começou a ser ocupada pelos primeiros homens brancos oriundos da Vila de Caravelas, por volta de 1747. Nessa época, segundo a tradição, os portugueses Antonio Gomes Pereira e Antonio Mendes, moradores da cidade vizinha de Caravelas e provenientes da cidade medieval de Alcobaça, em Portugal, assentaram acampamento às margens do rio Itanhém com suas respectivas famílias. Em pouco tempo, surgiu ali um povoado com o nome de Arraial de Itanhém. Somente em 12 de novembro de 1772, com uma grande festa na presença de convidados das vilas vizinhas de Prado e Caravelas, é que foi formalmente criada a vila de Alcobaça. O oficial encarregado do ato foi o desembargador José Xavier Machado Monteiro, segundo Ouvidor da Capitania de Porto Seguro, posto no qual havia sido empossado em 1767. Através da leitura dos livros paroquiais de Alcobaça dessa época, que são alguns dos raríssimos registros remanescentes do período, pode-se fazer uma divisão da história do povoamento da vila em três momentos:

- De 1772 até mais ou menos 1780 o local era habitado quase exclusivamente por índios;
- De 1781 até 1789 estabelecem-se os primeiros portugueses e ilhéus do Arquipélago dos Açores, para lá transferidos pela Coroa portuguesa;
- De 1790 em diante a vila assume sua configuração definitiva de aglomeração e mistura de brancos, negros e índios e suas respectivas

variações.

Atualmente, a costa do município, localizada na área do canal piscoso de Abrolhos, tornou-o um produtor pesqueiro, o que facilitou a utilização dos solos para culturas e explorações que necessitam de grandes extensões, como o eucalipto e a pecuária extensiva. Alcobaça é um dos principais produtores de eucalipto da região Extremo Sul. Dados do IBGE, 2007, apontam Serviços como o Produto Interno Bruto mais importante, com 49% do valor adicionado, seguido pela atividade agropecuária, com 42%. Com relação à pesca em Alcobaça, pode-se notar que esta se encontra num estágio mais avançado, voltado para uma pesca mais industrial.

- **CARAVELAS:**

Caravelas é um município do Extremo Sul do Estado da Bahia, que tem 2.361 km<sup>2</sup> de área, fazendo limite com os municípios de Alcobaça, Vereda, Medeiros Neto, Lajedão, Ibirapuã, Nova Viçosa e com o oceano atlântico. Sua economia, integrada com a organização econômica da região do Extremo Sul, está voltada à policultura, com destaque para o mamão; à pecuária, que não apresenta representatividade regional; a indústria de celulose, que ocupa 70% das terras agricultáveis do município, à pesca e ao turismo, com menos representatividade no PIB, mas de grande importância para a população local. De acordo com o IDE - Indicador de Desempenho das Economias Locais”, Caravelas é classificada como “Economia Pouco Produtiva, com Bom Esforço Arrecadador”. No último censo, em 2004, Caravelas apresentou uma população estimada em 20481 habitantes, com densidade demográfica de 8,62 hab/km<sup>2</sup>. Apenas 786 domicílios estão ligados à rede de esgoto, enquanto 2.727 recebem água tratada e 2.646 tem seu lixo coletado.

Caravelas foi descoberta no período colonial quando Portugal enviou as expedições exploradoras, na segunda expedição comandada por Gonçalo Coelho, tendo a bordo o gênio das navegações o italiano Américo Vespúcio. Os primeiros relatos mencionando a presença humana nesta região encontram-se registrados em carta datada do ano de 1504, onde Vespúcio detalha, num dos seus percursos pela costa brasileira em 1503, em missão de desbravamento, a chegada e desembarque na altura da latitude 17° 44' 07" e 35° de longitude oeste do meridiano de Lisboa, onde fundou uma benfeitoria, ponto onde - pelas cartas náuticas - situa-se a cidade de Caravelas.

Pela sua localização privilegiada, a Vila de Santo Antônio das Caravelas era considerada uma das mais importantes etapas da navegação costeira, permitindo o abrigo e desembarque das mercadorias e pessoas a bordo dos navios carregados de utensílios e víveres, fornecendo material para o desbravamento do interior do Brasil. E assim, todas as Entradas subiam e desciam pelo Rio das

Caravelas. Desde 1503 até o final do século XIX, abrigar as embarcações e fazer a obrigatória manutenção das mesmas fez com que o porto de Caravelas se tornasse o local ideal para se consertar peças ou, em tempos mais remotos, reparar velas avariadas. O clima hostil que existia entre os brancos e os índios tupiniquins e pataxós, as dificuldades geradas pelas doenças daquele tempo (tifo, malária, tuberculose...), a mata virgem densa, a precariedade no fornecimento dos bens de consumo, entre outros, fez com que Caravelas tornasse uma referência (abrigo) para os colonizadores e demais habitantes desta região.

A Antônio Dias Adorno coube a primazia de batizar estas terras com o nome de Caravelas. Sua Entrada desembarcou à margem esquerda do estuário em 13 de junho de 1574, razão pela qual deu ao rio o nome de "Rio Santo Antônio", apelidando-o depois de Rio das Caravelas, quando em seus relatórios referia-se ao local onde deixava fundeadas as caravelas da sua expedição. Caravelas foi elevada à categoria de cidade ao alcançar sua emancipação no dia 23 de Abril de 1855. Até o final do século XIX grande parte das riquezas produzida em Minas Gerais era transportada em lombos de mulas, em longas e demoradas caminhadas sendo escoada pelo porto local, tornando cada vez mais a localidade de Caravelas como peça fundamental para o desenvolvimento regional. Para acelerar o processo de desbravamento do interior do Brasil e com o aumento do volume de produtos transportados, iniciou-se no ano de 1860 a construção da E.F.B.M (Estrada de Ferro Bahia e Minas) que interligava as cidades de Araçuaí-MG a Caravelas-BA, tendo como estações principais de embarque e desembarque as cidades de Caravelas-Ba e Teófilo Otoni-MG. As locomotivas traziam o desenvolvimento às comunidades que margeavam os trilhos.

Vale ressaltar que a energia elétrica só chegou em Caravelas no final dos anos 60; a água encanada foi inaugurada na década de 70, e a realidade dos anos anteriores a esse período era bem diferente. O abastecimento de água era feito através de grandes barris que, ou eram rolados pelas ruas estreitas de Caravelas, puxados por pessoas ou atrelado a animais, ou também em pequenos barris colocados no lombo de animais (principalmente o jumento), e que eram abastecidos em uma cacimba existente na, hoje, chamada Rua Dr. José André da Cruz. Caravelas foi cenário dos grandes bailes, onde bandas famosas por aqui passavam vindas principalmente do Rio de Janeiro e que lotavam o Clube dos 40; e também possuía o Cine Teatro que movimentava a vida social da cidade nas décadas de 20 e 50.

Dados do IBGE, 2007, apontam Serviços e Aropecuária como os Produtos Interno Bruto mais importantes, com 48% e 46% do valor adicionado, respectivamente.

Um das principais atividades econômicas desenvolvida em Caravelas hoje é a atividade pesqueira, tanto a Barra de Caravelas como o distrito de Ponta de Areia é composta por pescadores e marisqueiras que sobrevivem da pesca. A pesca aparentemente se manifesta de diferentes formas a partir da arte empregada.

- **NOVA VIÇOSA:**

Nova Viçosa é um dos municípios que apresenta a maior população, estimada em 2004 em 35.414 habitantes. A primeira notícia de povoação da região refere-se à aldeia indígena da etnia Botocudo de Campinhos à foz do rio Peruípe. Em 1748, João Domingos Monteiro, um dos fundadores do povoado fez edificar uma capela em louvor a Nossa Senhora da Conceição, pela qual ele era devoto. Município criado com território desmembrado de Caravelas, com sede na aldeia indígena de Campinhos, denominado por Vila Viçosa, por força de carta Régia de 03/03/1775. O município foi extinto em 1931, passando a ser distrito de Mucuri. Restaurado com a denominação de Nova Viçosa, por Lei Estadual de 27/07/1962, com os territórios integrais do distrito de Nova Viçosa e Elvécia, parte dos territórios de Argolo e Mucuri, todos desmembrados de Mucuri e parte do território de Ponta de Areia, desmembrada de Caravelas.

A sede criada com a invocação de Nossa Senhora da Conceição de Campinhos, por Álvaro Régio, de 23/10/1748, só veio ganhar a condição de cidade, quando da criação do município de Nova Viçosa, em 1962. Foi criado como distrito, em 1931, com a denominação de Viçosa, topônimo alterado para Vila Marobá, em 1943, e definitivamente para Nova Viçosa, em 1953. Nova Viçosa possui vários distritos que são: Posto da Mata, Elvécia, Argolo, Candido Mariano, Bela Vista e Colônia Nova.

Uma das principais atividades exercidas em Nova Viçosa é a atividade de turismo. Dados do IBGE, 2007, apontam Serviços como o Produto Interno Bruto mais importante, com 65% do valor adicionado, seguido pela atividade agropecuária, com 23%.

# O CONTEXTO DA PESCA NA REGIÃO

---

## Um breve histórico da Pesca

No Brasil, a pesca artesanal está ligada, historicamente, à influência de três correntes étnicas que formaram a cultura das comunidades litorâneas: a indígena, a portuguesa e a negra. Da cultura indígena as populações litorâneas herdaram o preparo do peixe para a alimentação, o feitiço das canoas e jangadas, as flechas, os arpões e as tapagens; da cultura portuguesa, herdaram os anzóis, pesos de metal, redes de arremessar e de arrastar; e da cultura negra, herdaram a variedade de cestos e outros utensílios utilizados para a captura dos peixes. A pesca, praticada pelos índios, é uma atividade anterior à chegada dos navegadores portugueses ao Brasil, e peixes, crustáceos e moluscos eram parte importante de sua dieta alimentar. A atividade pesqueira deu origem a inúmeras identidades e culturas litorâneas regionais ligadas à pesca, entre as quais podem ser citadas: a do jangadeiro, em todo o litoral nordestino, do Ceará até o sul da Bahia; a do caiçara, no litoral entre o Rio de Janeiro e São Paulo; e o açoriano, no litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Enquanto esses dois últimos tipos de pescadores estavam também ligados à atividade agrícola, os primeiros dependiam quase inteiramente da pesca costeira.

#### PEQUENO HISTÓRICO DA ATIVIDADE PESQUEIRA NO BRASIL

1846 - Divisão dos pescadores em “distritos de pesca”. A Marinha passa a ter a responsabilidade administrativa pela pesca. Determinação de obrigatoriedade da matrícula para os pescadores profissionais. Os distritos de pesca são considerados os embriões das futuras colônias de pescadores.

1912 - A responsabilidade administrativa da pesca é transferida para o Ministério da Agricultura com a criação da Inspetoria de Pesca, que ficou responsável pelo levantamento das espécies marinhas.

1917-1919 - A responsabilidade administrativa de pesca volta ao Ministério da Marinha. Extinção da Inspetoria de Pesca (1918). Uma missão que parte do Rio de Janeiro organiza cerca de 800 colônias cooperativas, funda cerca de mil escolas e matricula cerca de 100 mil pescadores. O objetivo dessas colônias, segundo seus idealizadores, era criar pontos de fiscalização da pesca, vigilância da costa e de defesa nacional de fácil mobilização.

1923 - O Ministério dos Negócios da Marinha aprova os estatutos das colônias de pescadores. É criada a Caixa de Socorro da Pesca, com o objetivo de promover serviços de revenda de material de pesca, financiamento de insumos e de provimento das necessidades da Confederação Geral dos Pescadores do Brasil.

1924 - Instalada a Confederação Geral dos Pescadores do Brasil.

1932 - Extinto o Serviço da Pesca e Saneamento Básico do Litoral da Diretoria de Portos e Costas do Ministério da Marinha e criada, no Ministério da Agricultura, no Departamento de Indústria Animal, a Divisão de Caça e Pesca e, em seguida, é instalado o Serviço de Caça e Pesca. A criação da Divisão de Caça e Pesca marca o começo de um período qualificado como etapa de “tecnificação do setor”. Houve melhorias e capacitação de mão-de-obra, com a implantação da Escola de Pesca de Tamandaré que tinha como objetivo aumentar a produtividade do trabalhador e a produção pesqueira.

1942 - As colônias de pescadores passam para a jurisdição do Ministério da Marinha, subordinadas aos comandos navais e às capitânicas dos portos, para os assuntos de vigilância e defesa das águas territoriais, permanecendo o fomento e a orientação técnica a cargo do Ministério da Agricultura.

1943 - Criada a Comissão Executiva da Pesca, com o objetivo de organizar cooperativamente a pesca no país. São extintos o Conselho Nacional de Pesca, as Federações Estaduais de Pescadores e a Confederação Geral dos Pescadores do Brasil. As colônias deverão ser transformadas em cooperativas.

1950 - Aprovados pelo Ministério da Agricultura, os Estatutos para Confederação Geral dos Pescadores do Brasil, para as Federações Estaduais de Pescadores e para as Colônias de Pescadores.

1961 - Criado o Conselho de Desenvolvimento da Pesca (Condepe), passando a Divisão de Caça e Pesca a ser executora das recomendações daquele Conselho.

1962 - Criada a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (Sudepe), autarquia vinculada ao Ministério da Agricultura, com o objetivo do desenvolvimento da pesca.

1967 - Revogado o Código da Pesca. Reorganização e a regulamentação das atividades das colônias de pescadores, federações e Confederação Geral dos Pescadores do Brasil, indevidamente nomeada, esta última, como Confederação Nacional dos Pescadores.

1973 - Criado, em convênio com o Ministério da Agricultura/INCRA/BNCC e Sudepe, o Plano de Assistência à Pesca Artesanal (Pescart), com o objetivo de prestar assistência técnica aos pescadores e às suas organizações. Através deste plano, muitas colônias são reorganizadas administrativamente.

1980 - Criado o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Pesqueiro que inclui na sua estrutura uma coordenação de extensão com o objetivo de prestar assistência técnica aos pescadores artesanais. O serviço anteriormente prestado pelo Pescart é absorvido pelo novo órgão.

1989 - Criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis e extinção da Sudepe, autarquia vinculada ao Ministério da Agricultura, passando o fomento e o ordenamento da pesca para o Ibama. A administração da pesca sofreu uma mudança significativa, à medida que a sustentabilidade ganhou um peso considerável na gestão do uso dos recursos pesqueiros. Essa nova fase, propiciando outra visão ao ordenamento dos recursos pesqueiros, se por um lado nega a política de exploração característica do período anterior, por outro vincula a atividade pesqueira quase que exclusivamente à dimensão ambiental.

1999 - Em maio de 1998, com a nova reestruturação organizacional da Presidência da República e dos ministérios, foi transferida a competência relacionada com o apoio da produção e o fomento da atividade pesqueira para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), através do Departamento de Pesca e Aquicultura, permanecendo no MMA e Ibama as responsabilidades relacionadas com a política de preservação, conservação e uso sustentável dos recursos naturais.

2003 - Criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP), um órgão que tem caráter de ministério, com o objetivo de assessorar direta e indiretamente o presidente da República na formulação de políticas e diretrizes para o desenvolvimento e o fomento da produção pesqueira e aquícola no país.

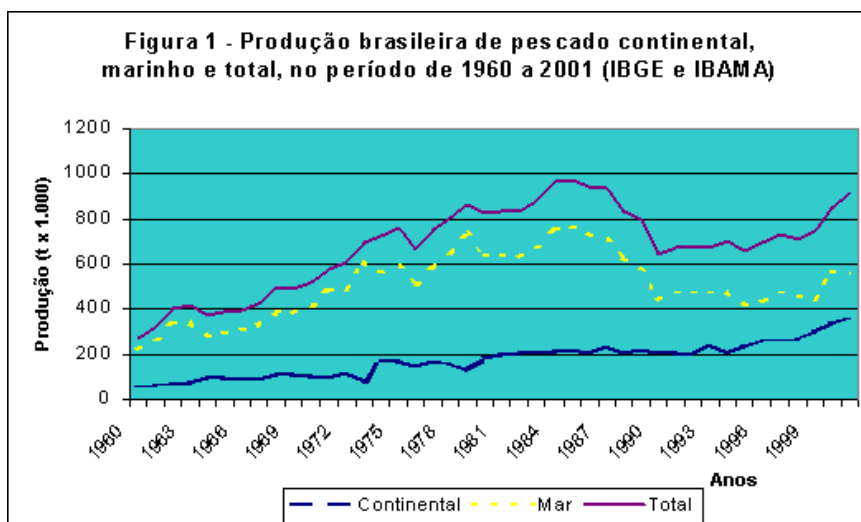
2008 - Criação do Ministério da Pesca.

Fonte: Atualizado a partir de *Manual de Administração de Colônias de Pescadores - DF* apud Instituto Capixaba de Pesquisa Assistência Técnica e Extensão Rural ([www.incaper.es.gov.br](http://www.incaper.es.gov.br)), e de dados do site da SEAP ([www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencia/seap](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/seap))

Nas últimas décadas a pesca artesanal vem sendo substituída pela pesca industrial. No Brasil esse processo começou, nas primeiras décadas do século XX, com as indústrias de salga, secagem e enlatamento de sardinha, no litoral sudeste e com as indústrias pesqueiras do Rio grande do Sul, que processavam principalmente merluza. (DIEGUES, 2004)

A partir da década de 1960, com a criação da SUDEPE (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca) e com a política de incentivos fiscais há o crescimento da produção brasileira de pescado em função do crescimento da frota pesqueira. A concentração da pesca nos recursos pesqueiros tradicionais provocou a redução dos rendimentos da pesca, e os estoques pesqueiros de algumas espécies situam-se próximo do seu esgotamento. Com a extinção da SUDEPE, em 1989, foram desmantelados os sistemas de planejamento, de extensão pesqueira e de estatística, prejudicando o tratamento das informações do setor.

Até 1994, a produção total brasileira de pescado era ditada pelo desempenho da pesca marítima. A partir desse ano, a produção das águas continentais



passou a exercer uma influência mais significativa no comportamento da produção total. Uma outra mudança que pode ser observada na produção total de pescado é o aumento crescente da proporção da aquicultura na produção total - em 1994 a aquicultura representava 0,5% da produção total, enquanto que, 2004 chega a 26,5%. E interessante observar que, na última década, a produção extrativista se manteve relativamente estável (entre 420 e 500 mil toneladas), ou seja, o crescimento da produção total pode ser totalmente atribuído à aquicultura.

- Produção por ambiente e total (em toneladas) e participação relativa (%) da pesca extrativa e da aquicultura marítima e de água doce, no período de 1994 a 2001\* (em 1.000 toneladas).

ANO	PESCA EXTRATIVA				AQUICULTURA				TOTAL
	MARINHA	ÁGUA DOCE	TOTAL	%	MAR	AGUA DOCE	TOTAL	%	
1994	494,3	203,2	697,5	99,5	3,4	0,4	3,8	0,5	<b>701,3</b>
1995	413,7	193,0	606,7	92,9	5,4	40,8	46,2	7,1	<b>652,9</b>
1996	422,2	210,3	632,5	91,2	8,5	52,2	60,7	8,8	<b>693,2</b>
1997	465,7	178,9	644,6	88,0	10,2	77,5	87,7	12,0	<b>732,3</b>
1998	432,6	174,2	606,8	85,4	15,3	88,6	103,9	14,6	<b>710,7</b>
1999	418,5	185,5	604,0	81,1	26,5	114,1	140,6	18,9	<b>744,6</b>
2000	467,7	199,2	680,0	80,6	38,3	138,2	176,5	20,9	<b>843,5</b>
2001	509,9	220,4	730,3	77,7	52,8	156,5	209,3	22,3	<b>939,7</b>
2002	516,1	239,4	755,5	75,0	71,1	180,1	251,2	25,0	<b>1.006,8</b>
2003	484,5	227,5	712,1	71,9	101,0	177,1	278,1	28,1	<b>990,2</b>
2004	500,1	246,1	746,2	73,5	88,9	180,7	269,6	26,5	<b>1.015,9</b>

Fonte: IBAMA (2001 e 2005)

## Organização da produção da pesca

Diegues (1983) subdivide a organização da produção da pesca em:

- produção capitalista ou industrial
  - produção das empresas de pesca
  - produção dos armadores de pesca e embarcados
- produção mercantil simples ou artesanal
  - produção dos pescadores artesanais
  - pequena produção familiar de pescadores-lavradores

A pesca industrial das empresas de pesca é caracterizada pelo controle total dos meios de produção pela a empresa: esta é proprietária tanto das embarcações como dos apetrechos de pesca. É organizada em diversos setores e, em alguns casos, integra verticalmente a captura, o beneficiamento e a comercialização. As embarcações dispõem de mecanização não só para deslocamento, mas também a pesca, com o lançamento e recolhimento de redes e, em alguns casos, beneficiamento do pescado a bordo. A mão-de-obra, embora recrutada, em sua maioria, entre pescadores artesanais ou em barcos de

armadores, necessita de treinamento específico para operação da maquinaria que vem substituir mais profundamente o saber-fazer adquirido pela tradição. É da prática comum o regime de salário mensal ou semanal, embora apenas como um piso mínimo, pois ainda predomina o pagamento de partes, que passam a ser calculadas sobre o valor global da produção.

A pesca industrial desenvolvida por armadores de pesca, pessoas físicas ou jurídicas, caracteriza-se pelo fato de os proprietários das embarcações e dos petrechos de pesca, no caso os armadores, não participarem de modo direto do processo produtivo, função delegada ao mestre da embarcação. As embarcações, motorizadas, são de maior porte e raio de ação que aquelas utilizadas pela pesca de pequena escala e exigem uma certa divisão de trabalho entre os tripulantes: mestre, cozinheiro, gelador, maquinista, pescador, etc. Para a realização da pescaria é exigido algum treinamento formal para determinadas funções que, no entanto, não substituem completamente o saber-fazer dos pescadores e, sobretudo, do mestre que o emprega. A mão-de-obra é remunerada pelo sistema de partes, ainda que, para algumas funções, possam existir formas de pagamento do tipo assalariado.

Existem no mundo cerca de dez milhões de pescadores artesanais responsáveis por quase metade da produção pesqueira, seja em águas costeiras, litorâneas ou interiores. No Brasil, os pescadores artesanais produzem grande parcela da captura do pescado, destinada tanto à exportação quanto ao consumo interno (DIEGUES, 1993). Enquanto 60% da produção pesqueira extrativista é proveniente da pesca artesanal conduzida em águas interiores e ao longo da costa do território nacional (PAIVA, 1997b), no nordeste brasileiro o pescado estuarino/marinho é majoritariamente oriunda da pesca artesanal (cerca de 75% das capturas regionais, SEAP, 2005).

A pesca artesanal atua nas capturas com o objetivo comercial, associado à obtenção de alimento para as famílias dos participantes. O pescador artesanal exerce sua atividade de maneira individual, em pares ou em pequenos grupos, geralmente de familiares ou grupos de vizinhança. Os pescadores são proprietários de seus meios de produção: redes, anzóis etc. e proprietário da embarcação é, normalmente, um dos pescadores que participa, como os demais, de toda a faina de pesca. A comercialização, na maior parte das vezes, é realizada por intermediários. Esta vai do atravessador individual, geralmente alguém da comunidade que se especializou na compra e venda de pescado, até os representantes de empresas que compram e financiam a produção. Uma vez que o excedente é reduzido e irregular, é difícil a acumulação de capital pelos pescadores artesanais, processo esse que resulta dependência dos produtores a fontes de financiamento (atravessadores), seja no adiantamento em espécie, na abertura de crédito nos pontos de abastecimento de rancho, gelo e óleo combustível, seja nas casas de materiais de pesca (Diegues, 1983).

A pesca de subsistência é exercida com o objetivo de obtenção de alimento, não tendo finalidade comercial e é praticada com técnicas rudimentares. Apesar de não terem finalidade comercial, é importante observar que a pesca de subsistência, dependendo da área, podem ter importância semelhante ou, até mesmo, serem mais expressivas que a pesca comercial (artesanal ou industrial). Na pesca de subsistência é comum que a atividade pesqueira seja alternada com outras atividades, principalmente a agrícola.



Fonte: Diegues, 1983, p.115

### Infra-estrutura e relações comerciais entre os atores do mercado

A pesca artesanal ou de pequena escala é exercida em todo o litoral, com maior ou menor significado, de acordo com o núcleo populacional no qual é exercida, o seu nível de organização social e de trabalho, o tamanho do município mais próximo, a demanda pelo produto gerado, a tecnologia empregada e, é claro, de acordo com a produtividade pesqueira da área. Em consequência, pode ser caracterizada, de um lado, pela quase total ausência de infra-estrutura ou os mais rudimentares mecanismos para apoio à produção e, de outro, pelo concurso de infra-estrutura comparável àquelas do primeiro mundo. Esses dois exemplos, entretanto, correspondem aos extremos, dominando, na maior parte da pequena produção, um padrão intermediário.

Em relação à infra-estrutura disponível nas diversas localidades do litoral, historicamente esta foi (ou não) desenvolvida em função do grau de intervenção do Poder Executivo, especialmente o federal, do nível tecnológico da pescaria, da organização social da localidade. Em decorrência desses fatores pode se verificar o grau de estruturação do sistema de intermediação para comercialização do pescado.

Pode-se observar, no auge da concessão dos incentivos fiscais (década de 80), houve uma verdadeira corrida visando à construção de entrepostos e

terminais pesqueiros em todo País. Na busca de aplicar os recursos existentes, não houve um planejamento sério que, entre outras variáveis, contemplasse a localização correta, a necessidade de estrutura, o dimensionamento dos equipamentos e a compatibilidade destes com os terminais e entrepostos que foram construídos. Em conseqüência, verifica-se, no país, uma infra-estrutura com grande dificuldade operacional, baixo grau de utilização de seus componentes. Em algumas localidades, em função do potencial produtivo da área de abrangência, a infra-estrutura implantada não se justifica.

Com o desmonte promovido pelo setor público e a transferência da gestão dos terminais e entrepostos para os governos estaduais, municipais ou a entidades de classe dos pescadores, verifica-se um quadro difícil no setor: apesar de algumas experiências bem sucedidas, a maior parte das infra-estruturas construídas ou estão paralisadas ou sobrevivendo com enormes dificuldades.

Os dados do Registro Geral de Pesca (SEAP, 2007) apontam para a existência de 600.000 pescadores artesanais no Brasil<sup>3</sup>. Segundo estimativas da SEAP (2005), no Brasil 27.000 embarcações são utilizadas pela pesca artesanal: jangadas, canoas, botes, baiteiras, barcos pequenos etc. Essas embarcações de pequeno porte, pelas suas características, têm pouco raio de ação e, conseqüentemente, limitada autonomia de mar. A maior parte da produção da pesca artesanal é destinada ao mercado nacional e predomina a comercialização local do pescado, geralmente, para atravessadores os frigoríficos menores. Dependendo do tipo de pescaria este pode ser vendido para as empresas de pesca industrial, que, depois de processarem o pescado, o destinam para o mercado internacional. Na fase de comercialização e distribuição desse pescado são detectadas graves distorções. Dificilmente o pescador artesanal se dispõe ou está capacitado para comercializar o produto da sua pescaria, o que acaba acarretando as distorções entre o que é pago ao pescador e o valor do pescado no mercado consumidor final.

A pesca industrial pesqueira é composta por aproximadamente 300 empresas que trabalham, sobretudo, com os produtos que apresentam uma maior rentabilidade ou valor na pauta de exportação e com diversas linhas de processamento. Enquanto que, nas regiões Norte e Nordeste predomina a linha de congelados destinados ao mercado externo (camarão, piramutaba, lagostas e pargo, nas regiões Sudeste e Sul, as indústrias apresentam uma infra-estrutura direcionada para a produção de conservas (sardinha e bonito) e produtos resfriados/congelados, voltados, em sua maior parte, para o mercado interno. Esse parque possui uma estrutura de beneficiamento relativamente nova, de cerca de 20 anos de funcionamento, com nível tecnológico comparável aos melhores do mundo. Em função do restrito potencial das espécies capturadas ou

---

<sup>3</sup> Cabe observar que esse número reflete os pescadores cadastrados. Uma estimativa realizada pelos técnicos da SEAP é que o número total de pescadores artesanais seja próximo de 1 milhão.

do potencial produtivo da área de abrangência, o parque industrial superdimensionado e, hoje, vem operando com elevado nível de ociosidade. Apesar da excelência tecnológica, o segmento industrial ainda apresenta significativos índices de desperdícios, especialmente em decorrência do inadequado manuseio do pescado, principalmente no momento da captura. Como exemplos, podem ser citados o impróprio acondicionamento a bordo nas capturas de sardinha, resultando em perdas de 20% a 30% da produção total, e o ainda insignificante aproveitamento da chamada “fauna acompanhante” da pesca de arrasto do camarão da costa Norte.

A frota dos chamados barcos industriais compõe-se de cerca de 1600 embarcações, em geral velhas, obsoletas, ou com tecnologia de captura defasada, à exceção da maior parte da frota camaroeira da região Norte, de parte das traineiras (cerqueiros para sardinha) de Santa Catarina e parte dos barcos de pesca de bonito com isca-viva.

## **A pesca no Extremo Sul da Bahia**

O contexto da pesca no Sul da Bahia (Banco dos Abrolhos e adjacências) passou por diversas transformações ao longo de sua história. Desde a pesca da garoupa no Século XVII e da caça à baleia no Século XIX, as populações do sul da Bahia vêm utilizando os recursos marinhos não apenas como fonte de alimentação, subsistência e agregação social, mas, principalmente, alimentando mercados externos à região com *commodities* extrativistas (e.g. a garoupa seca exportada para a Europa nos XVI e XVII e o óleo de baleia utilizado na construção civil e iluminação pública até o início de Século XX) (NICOLAU 2006). Embora tais conexões sejam ainda pouco conhecidas, diversas espécies marinhas são atualmente capturadas com vistas a mercados externos à região. Com a popularização massiva das embarcações movidas à combustão e outras inovações tecnológicas ocorridas nos últimos 30 anos, o esforço de pesca vem gradativamente aumentando. (CORDELL 1989).

A pesca da baleia apareceu como vocação natural da região no início do século XIX. A caça da baleia foi uma importante atividade econômica na região que dinamizou significativamente a economia da cidade. As “armações”, estabelecimentos para o processamento do óleo de baleia para iluminação e construção civil, se espalharam por toda a costa brasileira até o litoral de Santa Catarina. Caravelas hospedou o mais antigo e um dos principais portos baleeiros da Bahia. A proximidade com o arquipélago de Abrolhos, distante aproximadamente 70 km da costa, local privilegiado de cria e reprodução da baleia jubarte facilitou a edificação de seis armações, cinco delas localizadas na praia da Barra de Caravelas. Não sobram hoje nem ruínas dessas armações, somente uns poucos tachos utilizados na carnagem.

A pesca da garoupa, no século XVII, inicialmente introduzida no Recôncavo Baiano, em Itaparica, entrada da Baía de Todos os Santos, foi também foi uma importante atividade econômica na região. Pescadores portugueses iniciaram a prática e seu saber fazer parece ter sido difundido entre as comunidades costeiras, principalmente indígenas. Os Pataxó, que já praticavam a pesca estuarina e costeira, incrementaram seu saber-fazer da pesca com o intercâmbio dos primeiros pescadores “de fora” na caça da baleia e pesca da garoupa.

O litoral baiano é o maior da costa brasileira, com aproximadamente 1.200 km de extensão, concentrando também a maior biodiversidade do Atlântico Sul, especialmente no Banco dos Abrolhos e suas adjacências. Recifes coralíneos e complexos estuarinos com formações de manguezais arbóreos, além de serem mega-diversos em espécies biológicas, são ecossistemas altamente produtivos, oferecendo o sustento para um grande contingente de pescadores e marisqueiros(as) ao longo de toda a região. Segundo dados do IBAMA (CEPENE 2004), a pesca efetuada na Bahia apresenta-se predominantemente com características artesanais, com emprego de “embarcações de pequeno porte e técnicas rudimentares, não-industriais”. Segundo Relatório do Projeto Timbebas (INTERAMINENSE 2002), a organização social da pesca “artesanal” é baixa tanto pelo desinteresse, conflitos entre pescadores e a precária estruturação das entidades que os representam (Colônias de Pescadores e Cooperativas de pesca), como também pela débil atenção dos governos ao setor, marcado pela ausência de políticas de desenvolvimento. Além desse contexto mais abrangente da pesca no Banco dos Abrolhos, merece destaque a produção pesqueira em áreas sob proteção formal por meio de Unidades de Conservação (UCs) (Zona de Amortecimento do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, RESEX Corumbau, RESEX Canavieiras, bem como no polígono proposto para a RESEX Cassurubá), nas quais é possível verificar outras nuances, não apenas no que tange aos “dados brutos” da produção pesqueira, mas também quanto a todo o universo simbólico e de representações sociais e culturais destes territórios. Além das ameaças elevadas a partir da orientação das políticas públicas e da pressão da iniciativa privada para atividades de turismo e aqüicultura, as comunidades extrativistas têm se adaptado a partir dos aportes socioeconômicos da intervenção do Estado e das intermediações de ONGs e associações, que muitas vezes impactam o modo de vida tradicional dos pescadores de formas e magnitude ainda pouco conhecidas.

A pesca nos municípios estudados pode ser classificada em três tipos principais: a pesca de subsistência - exercida com propósito único de alimentação, não tendo finalidade comercial. Esta pescaria é realizada por poucos, geralmente pelos povos ribeirinhos que vivem distantes do eixo urbano; a pesca artesanal de pequena escala - pescado capturado é total ou parcialmente comercializado. Os pescadores podem ser os proprietários dos

barcos e petrechos ou utilizá-los em sistema de parceria com os proprietários. Utilizam-se embarcações de pequeno e médio porte, motorizadas ou não. Os petrechos e insumos utilizados são relativamente simples e muitas vezes confeccionados pelos próprios pescadores, é o caso, por exemplo, dos distritos de Caravelas, Barra e Ponta de Areia; artesanal de larga escala - realizada por embarcações maiores, com maior autonomia, capazes de operar a maiores distâncias da costa. As embarcações apresentam sistemas de mecanização a bordo para facilitar o manuseio dos petrechos. As embarcações possuem sistemas de apoio à pesca como sistemas de localização por satélites e rádios-transmissores. Os proprietários das embarcações podem ser empresas e indústrias de beneficiamento de pescado e normalmente atua sobre estoques pesqueiros específicos, é caso de várias embarcações existentes em Alcobaça.

No que diz respeito à pesca, tendo como base os institutos de pesquisa oficiais, os dados secundários encontram-se na maior parte das vezes agregados. Somente os boletins técnicos do CEPENE/ICM-BIO - Centro de pesquisa de gestão e recursos pesqueiros do Nordeste dão conta dos números da atividade pesqueira.

<b>Produção e valor total da produção de pescado desembarcada no Estado da Bahia, por município, no ano de 2005.</b>			
<b>Município</b>	<b>Produção estimada (t)</b>	<b>Valor da produção (R\$)</b>	<b>%</b>
Alcobaça	1.521,50	12.234.104,08	5,5
Caravelas.	1166	4.590.403,74	2,1
Nova Viçosa	2.179,70	6.826.704,35	3,1
Prado	1.790,70	9.382.763,33	4,2
<b>Total</b>	<b>45.631,00</b>	<b>220.778.701,90</b>	<b>100</b>
Fonte: Estatpesca, CEPENE 2005			

Nesta tabela, a produção de Alcobaça é inferior do Prado e de Nova Viçosa, porém sua produção em reais é o dobro da de Nova Viçosa e bem superior a do Prado. Muito provavelmente a estrutura de distribuição de pescado em Alcobaça seja mais integralizada que a dos outros dois municípios. A impressão que temos é que a produção de Alcobaça aparenta ser muito superior a dos outros municípios. Mas muitos barcos linheiros, p. ex., vêm do Espírito Santo e não distribuem o pescado no município: têm sua própria estrutura. Um caminhão frigorífico é acionado quando os barcos retornam do mar; o desembarque é feito no porto, mas o pescado é distribuído em outras praças.

# OS PESCADORES DE ABROLHOS

---

A análise dos dados da pesquisa foi dividida em dois blocos: um bloco inicial, onde são apresentados os principais dados agrupados dos 682 questionários e um bloco dividido por tipo de Área Marinha Protegida:

- RESEX Cassurubá, abordando os pescadores de Caravelas e Nova Viçosa;
- RESEX Corubau, abordando os pescadores de Prado e Porto Seguro vinculados à essa AMP;
- Mar sem AMP; abordado os pescadores de Prado sede e Alcobaça.

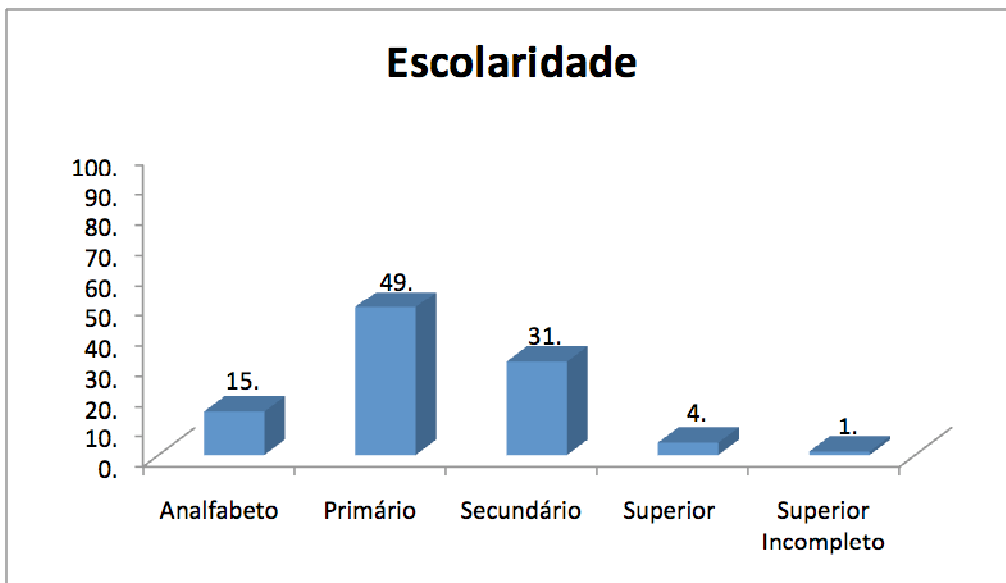
Neste bloco serão apresentados os resultados da amostra total, composta de 682 questionários, sendo 162 entrevistas longas e 520 entrevistas curtas. Foram consideradas, para a construção das frequências, as respostas válidas. Será indicado, no rodapé do gráfico, os casos em quando o número de respostas válidas for inferior à 90% da amostra total.

Ao final do bloco são apresentadas as características culturais dos pescadores de Abrolhos.

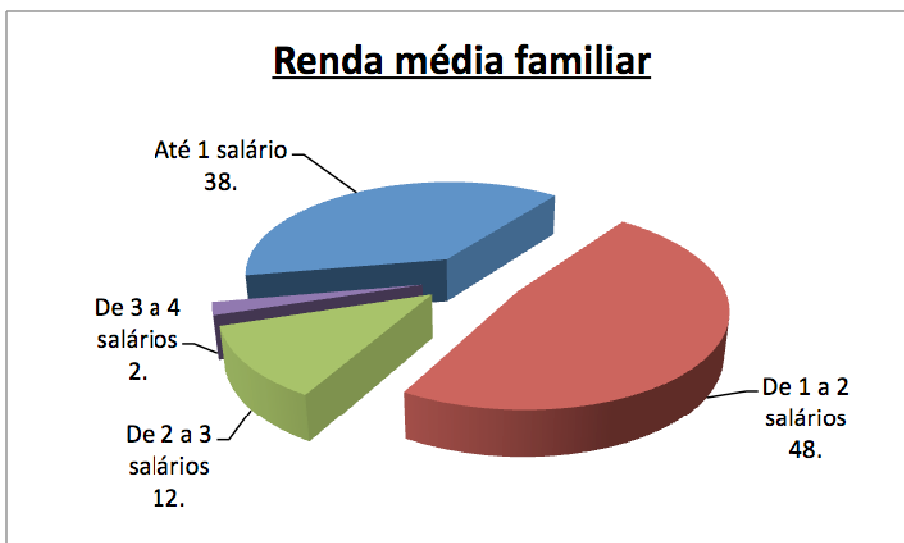
## **Dados Gerais sobre as famílias**

Foi considerada como unidade amostral a unidade domiciliar. As unidades domiciliares (ud) têm, em média, 4 moradores. Nas 682 uds entrevistadas existem 2500 moradores, sendo que 26% são chefes de família, 22% esposas, 40% são filhos/as e 8% tem outras relações de parentesco (irmãos, pais etc).

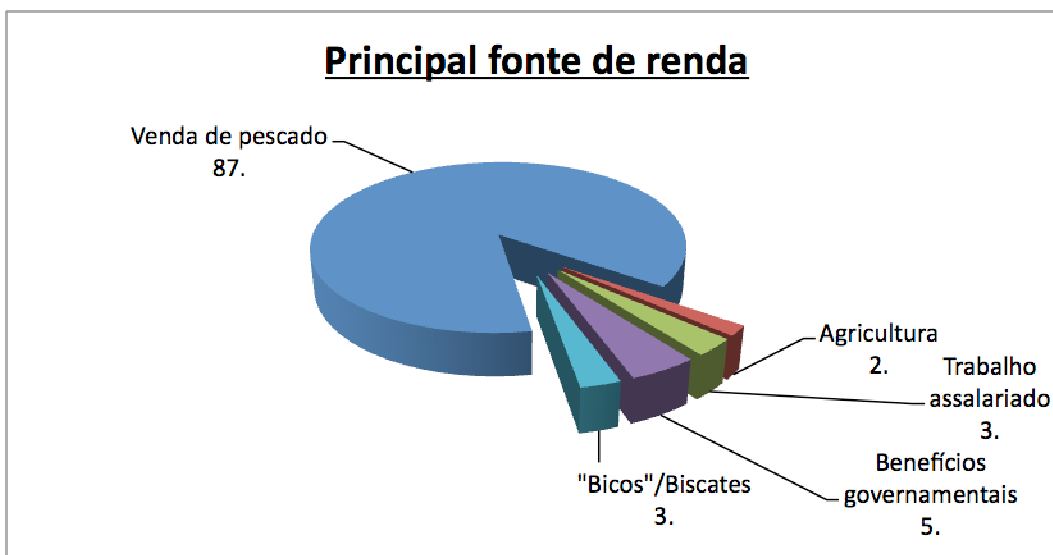
O nível de escolaridade é baixo, 64% dos moradores tem até o primário.



A renda mensal familiar informada sinaliza a precariedade de renda dos pescadores do Extremo Sul: 38% das unidades domiciliares recebem até 1 salário mínimo e 48%, de 1 a 2 salários mínimos.



A maior parte das unidades familiares (87%) recebe sua renda por meio da venda de pescado.

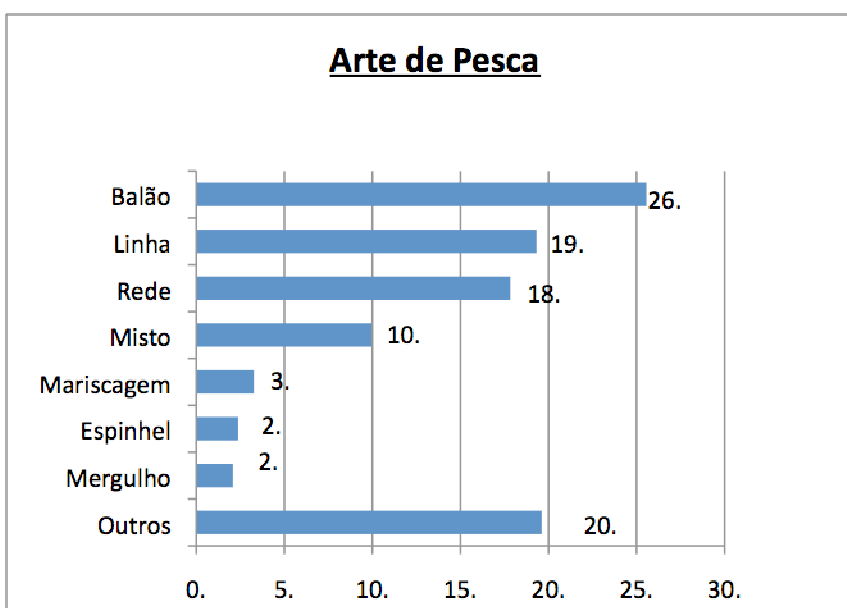


Dos entrevistados, 80% é natural do município e 66% reside na localidade desde o nascimento.

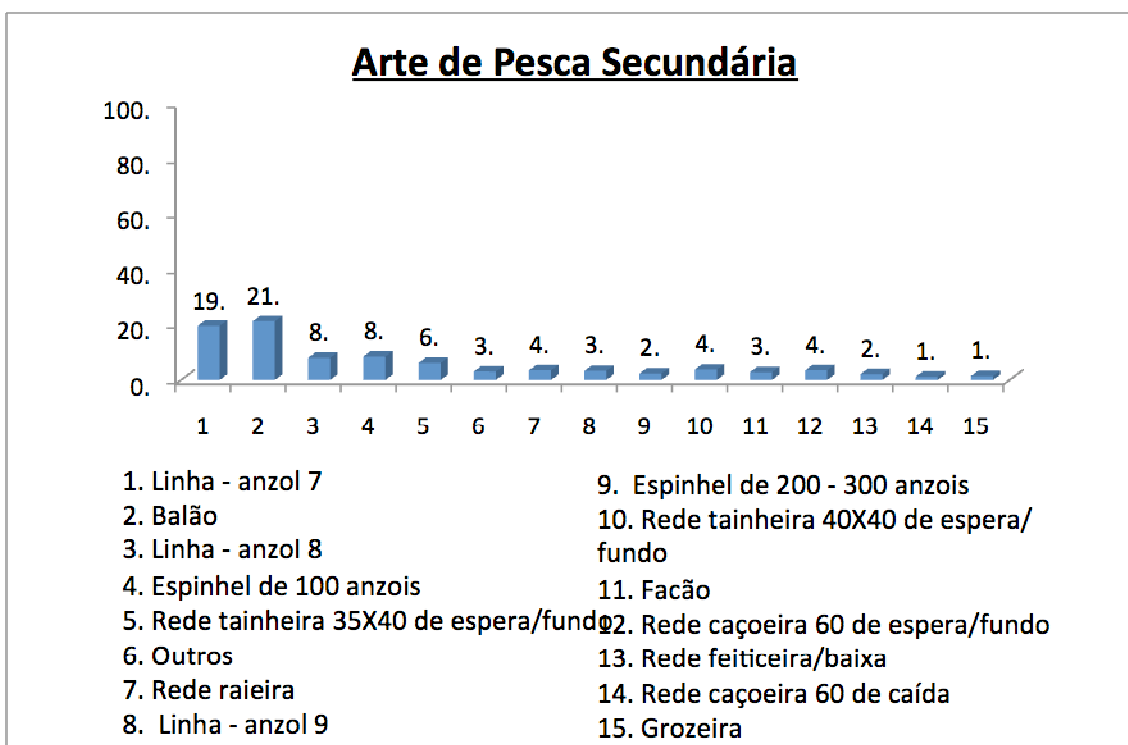
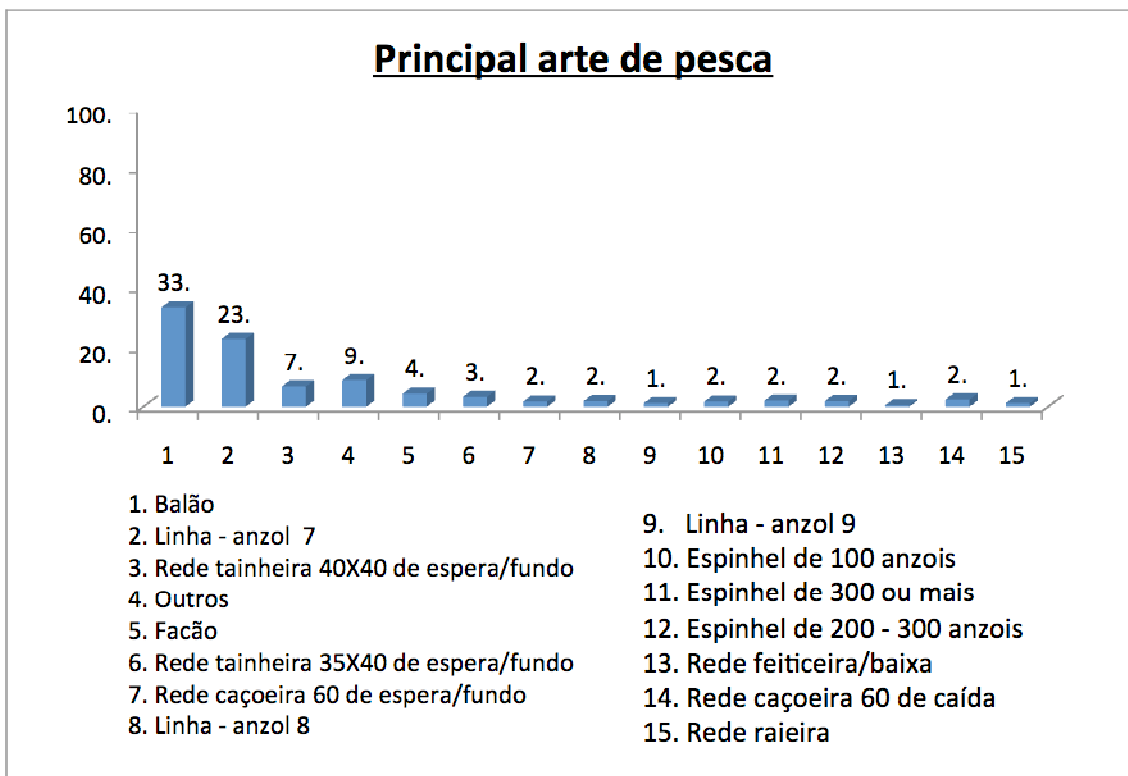
### Dados sobre a pesca

A primeira questão do questionário estava relacionada à auto-identificação da atividade pesqueira principal, ou seja, era perguntado ao pescador “O Sr. Pesca de que?”

A resposta espontânea aponta que a maioria dos pescadores pesca de balão (26%), seguido pela pesca de linha (19%) e de rede (18%).



Em outro momento, foi indagado se o pescador praticava mais de uma arte de pesca e 65% responde que sim. Para estes, foi indagado qual seria a arte de pesca principal e a arte de pesca secundária. O aumento da frequência de balão e linha pode ser atribuída à incidência de pescadores que responderam, na resposta espontânea, “misto”.



Um pouco mais da metade dos pescadores possuem embarcação (51%), sendo que destes, 66% possuem barco a motor, na seguinte proporção:

Motor B18	38%
Motor B11	25%
Motor MWM	14%



Três quartos dos pescadores (75%) informou não pescar sozinhos, sendo que os companheiros de pesca se dividem em:

Parentes		46%
<i>Pai, filho, irmão, esposo(a)</i>	26%	
<i>Primo, compadre</i>	13%	
<i>Genro, cunhado</i>	7%	
Companheiro		54%

Em relação à frequência de pesca, 29% declarou ir para o mar todos os dias enquanto que 28% respondeu que depende da época e 43% que não vai para o mar todos os dias. Dos 457 pescadores que informaram não ir para o mar todos os dias, 71% vai 2 ou 3 vezes por semana, 12% vai uma vez por semana e 18% vai raramente.

Em função do tipo de arte de pesca e do fato dos barcos serem pequenos (os barcos a motor tem 8 metros, em média), predomina a pescaria de um dia, 69% dos pescadores vão e voltam no mesmo dia.

## A reprodução cultural dos pescadores de Abrolhos

O que é ser pescador? O que define um pescador? Como o pescador se relaciona com a sua lida, com o espaço, com o tempo? Essas foram algumas das questões que nortearam o levantamento das características culturais dos pescadores de Abrolhos.

Ser pescador é sofrido, é luta, é a batalha diária com o mar em busca de um pescado que nem sempre vem. Mas também é liberdade, autonomia, possibilidade de ser dono do seu próprio destino, do seu tempo.

Percepção da pesca	
Coisas boas	Coisas ruins
Liberdade, não ter patrão	Falta de união, falta de fiscalização por parte do Estado
Alimentação saudável	Esforço físico, problemas de saúde
Interação com a natureza	Tempo ruim, insegurança

### O Espaço-tempo

O tempo cronológico invade o mundo da pesca. A idéia de um passado heróico tal como Diegues e Nogara (1999) relataram sobre os pescadores do Saco de Mamanguá, no litoral sul do Rio de Janeiro, também aparece no Banco de Abrolhos. Enquanto os jovens pescadores que crêem haver peixe suficiente para a manutenção da pesca, os pescadores mais antigos vêm na pesca um futuro catastrófico, uma vez que a memória é de um passado glorioso.

A pescaria tem um ponto de partida, um começo. É muito comum nos depoimentos a nostalgia de um passado heróico, no qual os pescadores se lançavam ao mar com os meios mais rudimentares de petrechos e equipamentos. Saber passado de pai para filho, a pescaria ganha novos contornos a partir da introdução de novas tecnologias. (para o assunto cf. Diegues e Nogara, Cordell) Com este advento, o amálgama identitário inclui novas percepções que costumam solver o cimento social; novas tecnologias geralmente imprimem novos relacionamentos dos pescadores entre si e com o mundo natural e com a ciência. Além disso, permite também que uma dinâmica migratória, pela busca de novos pesqueiros por parte dos diversos pescadores da costa brasileira, ocorra na região, inaugurando novas tensões entre os pescadores “locais” com os pescadores “de fora”.

Foi-nos revelado o mito de origem da pesca na região do Banco do Abrolhos. Apesar da atividade ter sido praticada desde o século XVII, com a pesca da garoupa e posteriormente a pesca da baleia (para o assunto Cf. Nicolau, 2006), a memória viva dos pescadores mais antigos relatam a pesca de “antigamente” como um ofício que exigia bastante da disposição de quem a exercia.

Num passado não muito distante, as linhas usadas na pescaria eram feitas a partir da palha do Coqueiro de Tucum e outras espécies de plantas fibrosas. Era o trabalho feminino a excursão à mata para recolher a palha que eram batidas e postas ao sol para secar por dois ou três dias. As fibras soltas e secas de aproximadamente 30 cm eram então “cochadas” (fiadas) com a ajuda de uma estaca. A faina levava muitos dias para que se obtivesse um novelo esférico da linha, suficiente para ser usado pelos pescadores. Às vezes o novelo era vendido, mas a maior parte era feito pelas mulheres dos próprios pescadores. Depois de pronta linha, era o trabalho dos homens o da costura das redes e o de “entralhar”. O fio também era utilizado para linha de mão, cujos anzóis eram comprados em Caravelas e Porto Seguro.

As embarcações eram canoas de um só tronco, movidas á vela. Trabalho masculino coletivo, os homens adentravam a mata para encontrar uma árvore com diâmetro e altura suficientes para a canoa que se precisava. Descoberta a árvore, ela era então derrubada com a ajuda de vários machados e o mestre marceneiro esculpia o tronco, dando-lhe o formato de uma canoa. As canoas eram feitas de Oiticica, Aparaju, Angelim e de outras árvores de madeira forte e leve. Já as velas eram aproveitadas dos sacos de farinha ou de pano (tecido) vendido no comércio de Porto Seguro e Caravelas.

Muitas vezes os barcos eram carregados com sal e partia-se para o mar. O sal servia para conservar os peixes dos pesqueiros distantes da costa. O arquipélago de Abrolhos foi muitas vezes visitado por esses pescadores. Ali eles assustavam os Atobá que regurgitavam os peixes que serviam de isca. Também usavam como isca o camarão “redado” com a puçá ou com a rede de “parelha” e o “goroçá”, espécie de caranguejo da praia.

O dinheiro pouco circulava sendo muito comum, nos fins de semana, excursões do “povo da roça” que vinham em tropas de burro trazendo porco, feijão, farinha e trocava-se o peixe pelos produtos agropecuários. “*Não se sabia nem quem tava ganhando, nem quem tava perdendo*”. O que se trocava, entretanto, não eram apenas os produtos, mas algo de simbólico e a própria sobrevivência dos grupos envolvidos estava em jogo. Os relatos nos contam que esses momentos eram quando pescadores e lavradores negociavam não apenas os produtos em si, mas “*era uma festa*” quando o “*povo da roça descia para a praia*”. Muitos casamentos ocorreram nesses encontros e as festas populares

também eram realizadas com a participação de pescadores e lavradores. Na verdade essas identidades se interconectam: os pescadores eram os que moravam na praia, mas criavam galinhas, e porcos, plantavam feijão, mandioca, milho, caçavam. Os lavradores moravam próximo aos rios e canais estuarinos e, além da caça, da lavoura e da criação de animais, também pescavam. Em um dado momento houve essa separação, mas a relação com a natureza entre esses dois grupos ainda é intensa e se confunde e se mescla.

O saber da pesca é passado de pai para filho, numa espécie de tradição genealógica e, no entanto, para os pescadores mais jovens, o tempo dos pais, tios e avós, tempo de fartura e bonança, em contraposição com o tempo presente, do “sumiço do peixe”, não parece preocupá-los. Em relação a esse fato, diversos termos têm sido usados: o individualismo, a ganância, a ambição a usura, termos refletidos e combinados com a exploração intensa dos estoques pesqueiros.

*“Rapaz, hoje, referente aos anos passados o negócio ta meio brabo, caiu muito, você ia ali e voltava com o barco cheio hoje em dia você vai lá e volta cheio de lodo ou cheio de sargaço.(...) Nem pescador ta tendo. Você quer ver o que era pescador que tinha antigamente pra ir pra fora, chegava a brigar, hoje em dia se você topar um... porque a pescaria tá ruim. Às vezes o pescador não quer ir lá fora porque num ganha lá essas grandes coisa. Antigamente você ia ali e pescava 10, 15 dias aí dando peixe de 200, 250, 150 de peixe, com pouca rede, hein!” (pescador de Caravelas)*

Passado	Presente	Futuro
Fartura de terras e recursos; domínio do espaço (mar); dificuldade na comercialização do pescado e na aquisição de equipamentos e utensílios, maior relação com a natureza e com os vizinhos, economia baseada na troca de produtos entre as pessoas do mar e da terra: pesca - roça.	Ambição/usura, mercado mais estruturado com desvalorização do preço do pescado, facilidade de escoamento da produção, petrechos caros versus pescado barato, truculência e conflito com fiscalização.	Expulsão dos pescadores “da praia” (artesanais) pelos de “de fora” (industriais); estoques pesqueiros colapsados.

## Natureza e pesca

Uma concepção sacralizada da natureza agrega pescadores e suas famílias. O mar é o lugar da incerteza, dos mistérios, do divino; de onde não se sabe se o pescador mata o peixe ou se morre tentando. Muitas das vezes o pescador só irá comer se encontrar o pescado, muitas vezes o mar lhe reserva surpresas, ora desagradáveis, ora fortunas.

A partir do que nos foi relatado, o pior da pescaria é o tempo ruim; o melhor, a liberdade. Liberdade de se lançar ao mar, de encarar o desafio, que

tem o rosto do destino, que faz parte dos planos de Deus o que quer que se lhes reserve. Deus é o mar e o mar é de Deus entre os católicos, protestantes, espíritas e candomblecistas. Se a pesca é farta, Deus a concedeu em sua graça, se o tempo vira, Deus não permite o pescador ir ao mar. Todos os sinais que servem de orientação, de indicação da localização dos peixes, isso tudo faz parte do imaginário sagrado da pesca. Além disso a “conversa” com os bichos, com as aves, com as estrelas, a contemplação faz da pesca uma atividade ímpar na sua relação com a natureza. Santiago, personagem de Hemingway no romance *o Velho e o Mar* credita um modo de se relacionar com a natureza que parece ser comum a todos os pescadores. Se o autor tivesse escrito seu romance inspirado em Amansa-jegue, em Mandi, em São, em Zequinha e tantos outros pescadores da região dos Abrolhos, provavelmente sua história não ficaria tão diferente daquele Santiago do mar do Caribê, pelo amor, pela abnegação e pelo magnetismo que os pescadores têm com o mar-mágico. Mas o mar-trágico também é face do romance real da vida na pesca. O medo e a apreensão são constantes.

*“A gente quer levar esse serviço nosso até quando Deus quiser!”*  
(pescador de Veleiro)

*“A minha vida em si tá lá no mar, bom eu observo de outra maneira não é como um meio de ganhar dinheiro é que lá eu to sempre em contato com Deus. Porque eu só vou lá se Deus quer, se ele não quiser ele vai mandar um temporal, chuva, lá eu não falo, eu não escuto, eu não xingo.”*  
(pescador de Caraíva)

*“Eu já nasci pescador”* (pescador de Nova Viçosa)

*“Isso aí que eu escolhi esse lado e vou morrer pescador”* (pescador de Caravelas)

*“É uma doença! Sempre algum amigo meu fala sobre pescaria... quer ir no mar eu te levo mas você vai adoecer. Ah, eu vou vomitar? Não, você vai pegar uma doença brava que todo dia você vai querer ir!”* (pescador de Caraíva)

*“Não é uma obrigação pra mim, não considero como uma profissão pra mim, é aquilo que eu larguei 23 profissão pra trás, todas elas pra viver disso.”* (pescador de Caraíva)

## **A relação com o mercado**

Se por um lado, nos tempos de outrora a pesca era abundante, havia a dificuldade de comercializar o pescado; o dinheiro pouco circulava, os petrechos

eram rudimentares e raros os pescadores que obtinham equipamentos de tecnologia moderna. Por outro lado, hoje a pesca conta com sonares, GPS\*, redes de materiais não perecíveis (nylon), grande força e autonomia de motores, certa facilidade na aquisição de equipamentos básicos, e, conseqüentemente, o volume de captura é muito maior. Assim também o mercado é influenciado por este volume incomensurável de peixe, influenciando no custo de produção e no preço pago aos pescadores pelo atravessador. Em algumas localidades estudadas ainda resistem formas antigas de troca baseadas no escambo, ou nos termos em que Diegues e Nogara se referiram aos pescadores de Paraty: “próprios do modo de produção mercantil” (Diegues e Nogara, 1999: 80); no entanto a relação com o mercado global está ali velada, mas tão presente quanto em qualquer entreposto de pesca relativamente bem estruturado, como é o caso do porto de Alcobaça.

Atualmente, por conta dos menores resultados da pesca, em termos de volume, muitos pescadores têm procurado formas alternativas de renda. Porém, o mais comum, em função da oferta reduzida de trabalho e empregos em outros segmentos, é dos pescadores permanecerem na pesca.

### **A percepção das mudanças climáticas e da incerteza da pesca**

Em muitos relatos, os pescadores reconhecem as mudanças no clima que vêm ocorrendo há alguns anos. Essas mudanças estão associadas não só ao declínio dos estoques pesqueiros, mas também a uma confusão nos ciclos de vida, essenciais para o mínimo de previsibilidade da pesca. Baleias são avistadas fora de seu período de visita ao Banco dos Abrolhos, o tempo perde sua constância, ventos de inverno no verão, chuvas de março em novembro. São muitos os aspectos e comprovações dessa mudança. A falta de previsibilidade do clima, contribui ainda mais para a obsolescência dos saberes cumulativo dos pescadores e, conseqüentemente, para o incremento da incerteza da pesca.

De forma natural, a incerteza na pesca é algo que atravessa os tempos. As mudanças súbitas do tempo, a imprevisibilidade do “lugar do peixe”, a esperança de voltar e voltar com o suficiente para a sobrevivência da família, todos esses elementos impõem um modo de se relacionar com a natureza que apaixonava e ao mesmo tempo amedrontava os pescadores e sua família. Todavia a certeza de trazer a “moqueca”, o peixe para ser consumido pela família, é marca nos depoimentos. Entretanto, nos últimos anos, esta certeza salva, pelo saber-fazer da pesca, têm sido subsumida pelas mudanças climáticas, percebidas pelos pescadores e, principalmente, pela exploração desmesurada dos estoques

---

\* Global Position System. Instrumento de localização de alta precisão que se comunica com satélites artificiais, substitui a bússola e a técnica de localização por triangulação de pontos em terra.

pesqueiros, também sentida por eles. As regras acabam não sendo seguidas porque a relação Estado-pescadores não é recíproca.

### “Consciência” dos pescadores

Nos depoimentos é possível observar uma contraposição entre os pescadores conscientes versus os “pescadores sem consciência”. Os pescadores “conscientes” não são uma categoria concreta, parte de uma tipologia classificatória, sempre em um processo de comparação e contraposição com “outros”. Na verdade os “pescadores conscientes” são todos e não são nenhum; são os que não estão referidos nos depoimentos, não é aquele pescador acolá, nem este aqui. Existem tão somente porque há a categoria “sem consciência”. Já os pescadores sem consciência, são os outros, estes são nomeados, principalmente aqueles cuja prática predatória e a valentia frente à autoridade coercitiva são inadvertidamente confessadas. O “outro” é o responsável.

O discurso dos pescadores “conscientes” afirma que a presença de um órgão coator (no caso o Ibama) é fundamental para a pescaria responsável. Para esses pescadores faltam também programas de conscientização para os pescadores, tanto por parte do Ibama, como também parte da Colônia de Pescadores, as ONGs e a prefeitura. O outro grupo de pescadores, chamados de “sem consciência” - categoria dos pescadores “conscientes” - pescam no período do defeso, em áreas protegidas e/ou com práticas predatórias<sup>4</sup>. Ao entrevistar pescadores desse grupo, nomeados pelos “pescadores conscientes”, observa-se que eles são os que reclamam da “violência” com que são tratados quando abordados no mar, pelo Ibama, pela Polícia Federal ou pela Marinha. Dos três citados, apenas a Marinha tem maior respeito dos pescadores, seguido pela Polícia Federal.

A idéia de desafiar normas estabelecidas é garbo para alguns pescadores, ao procurarem o peixe em áreas marinhas protegidas, como é o caso do Parque Marinho dos Abrolhos. Há um reconhecimento de valentia para aqueles que se aventuram dentro do Parque e voltam sem nada lhes ter acontecido. Este cenário nos leva a um ciclo vicioso da pesca na região de Abrolhos. Os pescadores “sem consciência” imbuídos da “ganância” e da provocação à autoridade do Ibama, pescam de forma não sustentável. Os pescadores “conscientes” por sua vez são provocados por aqueles que adquirem melhores

---

<sup>4</sup> Para citar algumas: a pesca de compressor, que segundo relatos “varrem” os cabeços, a pesca de rede caçoeira de “nylon mole”, especial para lagosta que enrosca nas formações coralíneas, matando colônias de corais e peixes; “redar no sequeiro” - pesca do budião com rede por cima dos cabeços, que além de comprometer as colônias de corais com o pisoteamento, é uma pesca não-seletiva, capturando peixes de tamanho pequeno, que, segundo os pescadores “conscientes”, ainda não reproduziram.

rendimentos na pesca “predatória”, são então de alguma forma “obrigados” a pescar segundo os mesmos critérios dos pescadores “sem consciência”.

## A pesca predatória

Boa parte da pesca entre Prado, Alcobaça, Caravelas e Nova Viçosa é considerada predatória pelos pescadores locais. A pesca descrita pelos diferentes pescadores da região e a categoria nativa “predatória”, mesmo nos diferentes matizes que se nos apresentaram alhures, se encaixam.

O conceito de pesca predatória elaborado pelos pescadores sobre a pesca, leva em conta a intensidade, forma, freqüência, tecnologias; é, por excelência, o modo como pescam. A conceituação, por mais que se apresente como uma construção coletiva, ideal, complexa e dinâmica, tensionada principalmente pelos aportes conceituais do “ambientalismo”, salta da observação e das entrevistas concedidas. O conceito exótico é incorporado no saber-fazer da pesca. Portanto, existe a “consciência” das práticas degradantes, por mais “conscientes” que os pescadores se auto-atribuam. Não obstante, não podemos tratá-los como um grupo homogêneo, mas a construção conceitual, na sua essência, parece compartilhada entre os diferentes segmentos de pescadores. Uma visão, por vezes romântica, da etnoconservação, atribui práticas não predatórias aos “pescadores tradicionais”. No entanto, por mais confusa e carente de bases epistemológicas seguras, a relação “saberes tradicionais”/etnoconservação não pode ser defendida nem mesmo entre os manguezais de Alcobaça, Caravelas e Nova Viçosa, cujas comunidades residentes estabelecem uma relação com o mundo do trabalho globalizado menos intensa do que os pescadores citadinos, ainda assim, práticas predatórias<sup>5</sup>. São inúmeros os relatos de práticas predatórias moralmente condenáveis ou proibidas por lei que ainda são praticadas pelos diversos pescadores.

Pesca Predatória		
Equipamentos	Praticas	Capturas
Caçoeiro de nylon mole, balão, compressor	Baloar no interior do rio, “redinha” para captura de carangueijo, “redar” budião no “sequeiro”, baloar a poucos metros da praia, na frente da barra.	Peixer juvenis, guaiamuns fêmea, meros, caranguejo de “andada”

<sup>5</sup> Por práticas e pesca predatórias, levamos em conta apenas a categorização nativa

## As formas de pesca

Diversas são as artes e modos de pescar pelos quais os pescadores praticam na região em estudo. Porém cada vez mais a pesca se especializa nos produtos de maior valor de mercado. As diversas formas da pesca também compatibilizam a apropriação dos pesqueiros, a concordância com a sazonalidade das espécies, com a disponibilidade de petrechos. Abaixo o conhecimento dos pescadores no que diz respeito às estações do ano e sua relação com a profusão do pescado.

Verão	Inverno
Peixe “encosta”, tem mais peixe e maior facilidade de escoar a produção (turismo)	Peixe sai pra fora: pouco peixe (robalo, curuvina), maior esforço
Pesca e turismo	roça

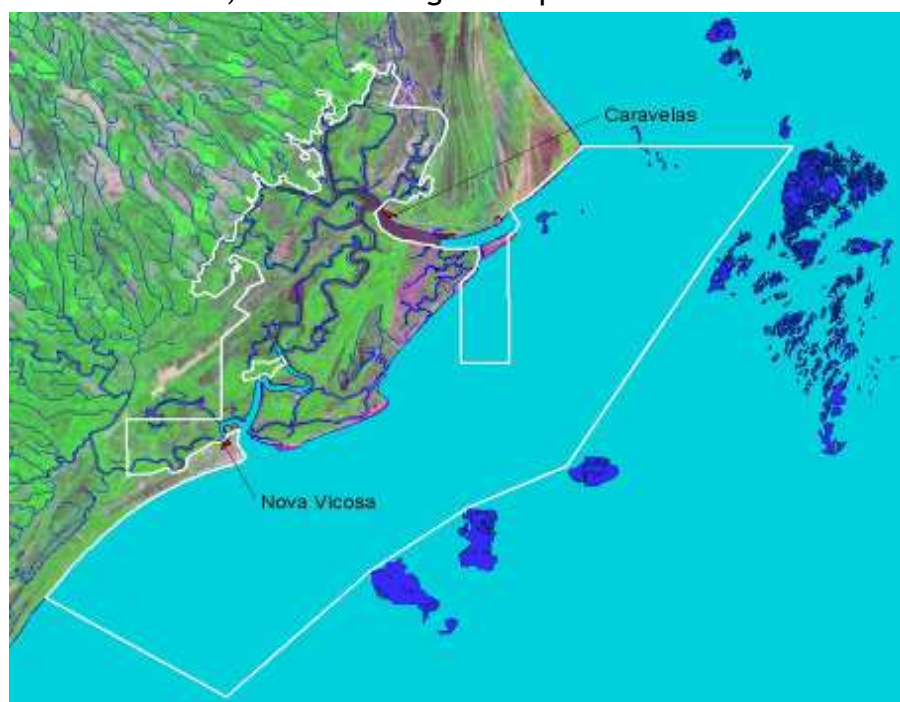
*“Porque nós pescador é o seguinte: nós vive do mar, mas não é todo tempo que o mar ta pra dar ao pescador. Quando eu ir no mar que eu trazer meu peixe meus filhos comem e quando o tempo tiver ruim ? então aqui eu crio minhas galinhas, quando o mar não dá a mulé mata uma galinha e os menino vai comer.”*  
(pescador do Bugigão)

No Inverno os pescadores têm que navegar para “fora” pois o peixe “some da praia”. Este fato demanda maior esforço e custo para o pescador. Já no verão a pesca é facilitada pela aproximação da maior parte dos peixes para a praia e, com a visitação de turistas, há mais facilidade no escoamento do pescado. Isto implica dizer que a pesca, antes da ruptura campo/cidade deveria ser uma atividade mais freqüentemente praticada no verão, ficando o inverno para a lida na roça. Hoje porém os pescadores têm perdido sua relação com a terra e, sobrevivendo apenas da pesca, a pesca vem perdendo sua pluriatividade e, na corrente da modernidade, vem se especializando cada vez mais, condenando os pescadores às variações de mercado de produtos específicos.

# Análise das Localidades – RESEX Cassurubá

---

A RESEX Cassurubá, recém-criada, envolve pescadores com características bem distintas, nos municípios de Caravelas e Nova Viçosa, além dos pescadores ribeirinhos do Cassurubá, área de manguezal que fica entre os dois municípios.



Foram entrevistados 374 pescadores da RESEX Cassurubá. Uma vez que há diferenças significativas entre os pescadores de Caravelas, Nova Viçosa e da área ribeirinha conhecida como Cassurubá, que fica tanto no município de Caravelas quanto no de Nova Viçosa, a amostra foi particionada da seguinte forma:

localidade	Universo de unid. domiciliares estimado	Numero de entrevistas	Percentual amostral
Caravelas	400	196	49%
Cassurubá	200	62	27%
Nova Viçosa	400	125	31%
TOTAL	1.000	374	37%

Na RESEX Cassurubá predomina a pesca de balão (33%) seguida pela pesca de linha com anzol (17%, somatória da contagem da pesca de linha com anzol 7, 8 e 9). A maior parte do que é pescado (90%) destina-se à comercialização para comerciantes do povoado e atravessadores (91% dos que comercializam). Quase

Dois terços dos pescadores (63%) tem embarcação, sendo 71% da frota composta de barcos a motor (30% de motor B18 e 20% de motor B11). Um quarto das embarcações tem urna.

Um terço (35%) das embarcações está no mar todos os dias, 16% depende da época e 49% não está no mar todos os dias. Destes, 76% saem de 2 a 3 vezes por semana. A frequência de pescadores que vai e volta todos os dias é de 71%.

	canoas/bote *	Barcos a motor *	Pescadores *	Atravessadores	balão	linha	rede	mariscagem	espinhel	turismo
Caravelas	30	150	600	5	+++	++	++		+	+
Cassurubá	100	60	250	-	+	+	+	+++		
Nova Viçosa	10	250	600	6	+++	+++	+		+	++

\* número aproximado

+++ muito praticado; ++ médio praticado; + pouco praticado

Quadro 1. Principais características das comunidades da RESEX Cassurubá

## CARAVELAS

Caravelas é um município do Extremo Sul do Estado da Bahia, que tem 2.361 km<sup>2</sup> de área, fazendo limite com os municípios de Alcobaça, Vereda, Medeiros Neto, Lajedão, Ibirapuã, Nova Viçosa e com o oceano atlântico.

Um das principais atividades econômicas desenvolvida em Caravelas hoje é a atividade pesqueira. Os pescadores de Caravelas estão concentrados na Barra de Caravelas e no distrito de Ponta de Areia.

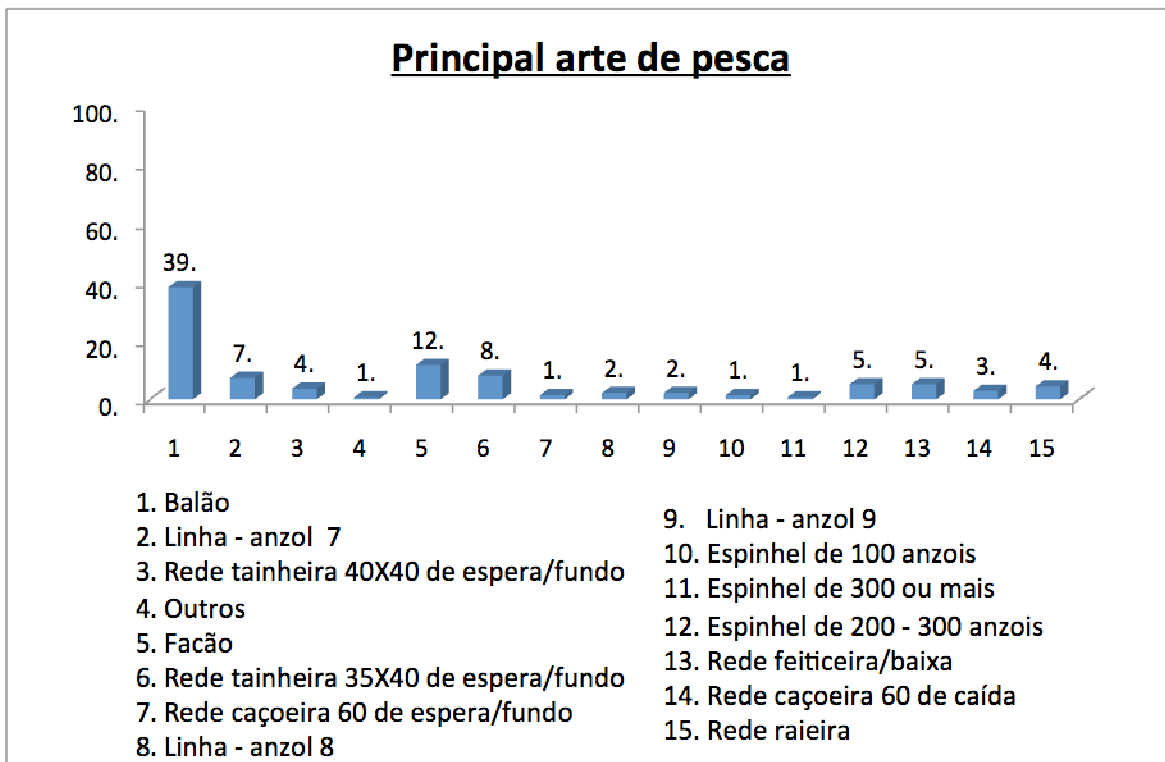
Na Barra de Caravelas, distrito basicamente composto por famílias de pescadores o que se pode notar é que a principal arte de pesca praticada também é o balão e a rede, mas foram identificados pescadores que praticam a pesca de mergulho e vendem o pescado para atravessadores e comerciantes do povoado. Por ser uma comunidade típica de pescadores, a maioria pesca em embarcação própria, geralmente em barco motor de pequeno e médio porte. Quase todos os entrevistados têm Registro Geral de Pesca e recebem seguro defeso do camarão. Para esses pescadores a pesca vem piorando ao longo dos

últimos anos e as principais causas apontadas são: as barcaças e a dragagem, o aumento da frota e da quantidade de pescadores e em menor grau, as mudanças climáticas, atribuída principalmente ao tempo bom, ou seja, à entrada ou não do tão temido “vento sul”.

Os pescadores de Ponta de Areia declararam praticar várias artes de pesca ao mesmo tempo, sendo a principal a linha e em segundo lugar o balão. A maioria vende sua produção para a figura do atravessador ou comerciante do povoado e acreditam que a produção deles vai para outras cidades. Um pouco mais da metade dos pescadores entrevistados tem barco e quase a metade dessas embarcações é composta de bateras. Dos pescadores entrevistados 95% possuem registro geral de pesca, são associados da Colônia Z 25, que fica sediada em Ponta de Areia, e recebem seguro defeso do camarão. Com relação à percepção da pesca nos últimos anos, a maioria respondeu que piorou muito e alguns que varia muito ou depende da época. As principais causas apontadas foram a quantidade de barco e aviamento e a pesca industrial predatória. Esses pescadores apresentam uma maior consciência sobre a atividade pesqueira, esse fato se deve provavelmente ao estágio no qual esses pescadores se encontram com relação ao tipo de embarcação e arte de pesca ainda utilizada, considerada não-predatória como é o caso da pesca de linha.

A pesca aparentemente se manifesta de diferentes formas a partir da arte empregada. Ainda que tenhamos vários tipos de pesca na Região dos Abrolhos, e que boa parte destes declara praticar prioritariamente uma arte de pesca, na resposta espontânea 19% dos entrevistados de Caravelas, entre jovens e antigos, informou praticar mais de uma arte de pesca, não só em função da sazonalidade da reprodução de peixes, como também no sentido de compleição da identidade pescadora. É pescador quem freqüentemente encara o mar, que conhece todos os segredos da pesca, que sabe onde está o peixe.

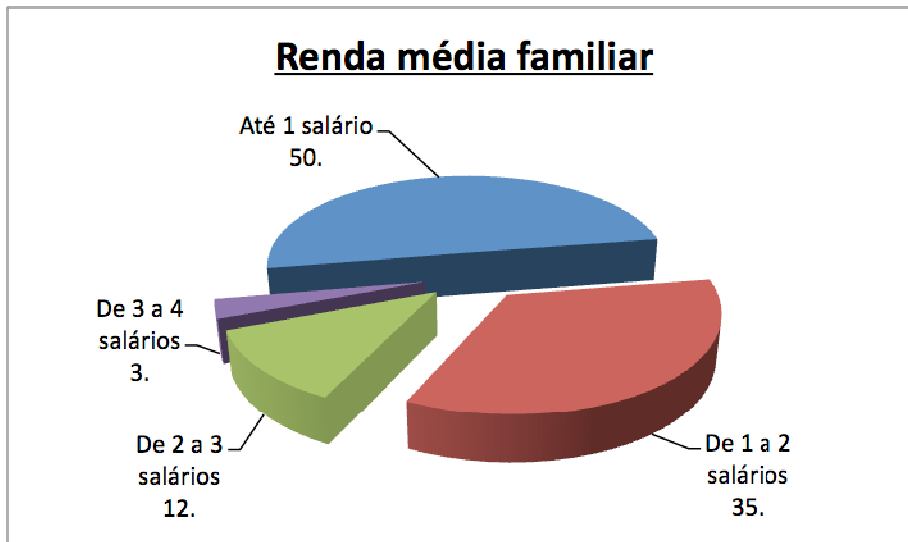
Dentre pescadores entrevistados, dois terços (66%) declaram vender o seu pescado para atravessadores. Os pescadores utilizam várias artes de pesca, tendo destaque o balão (39%) e a rede (25%). Desses pescadores 75% pescam com companheiro ou algum membro da família e apenas 25% pesca sozinho. Predomina, entre estes, a pesca com companheiros (46%).



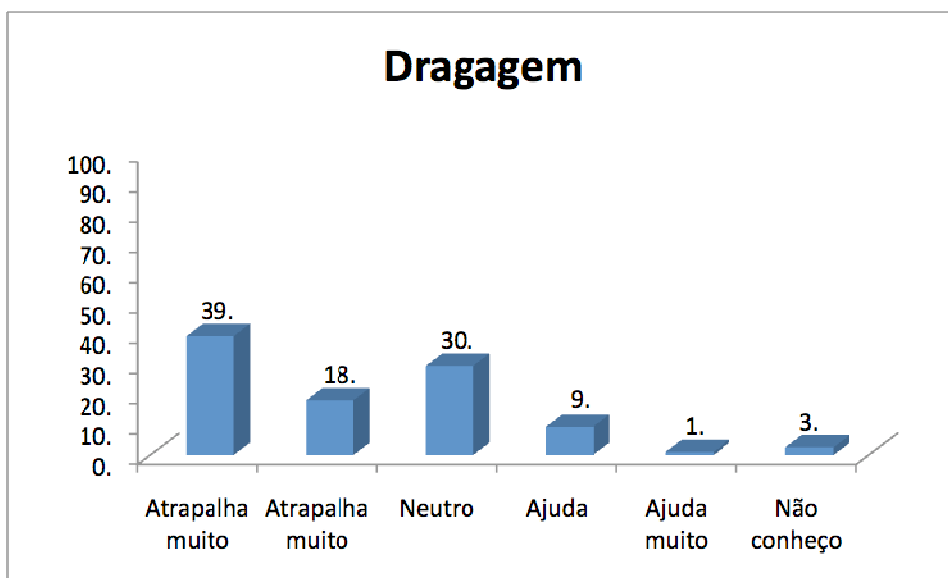
Mais de 80% dos pescadores têm carteira da SEAP ou Registro Geral de Pesca e recebem o seguro defeso do camarão. Com relação à questão das embarcações, 48% dos entrevistados declarou possuir embarcação, geralmente barco motor, algumas bateras e raramente canoas.

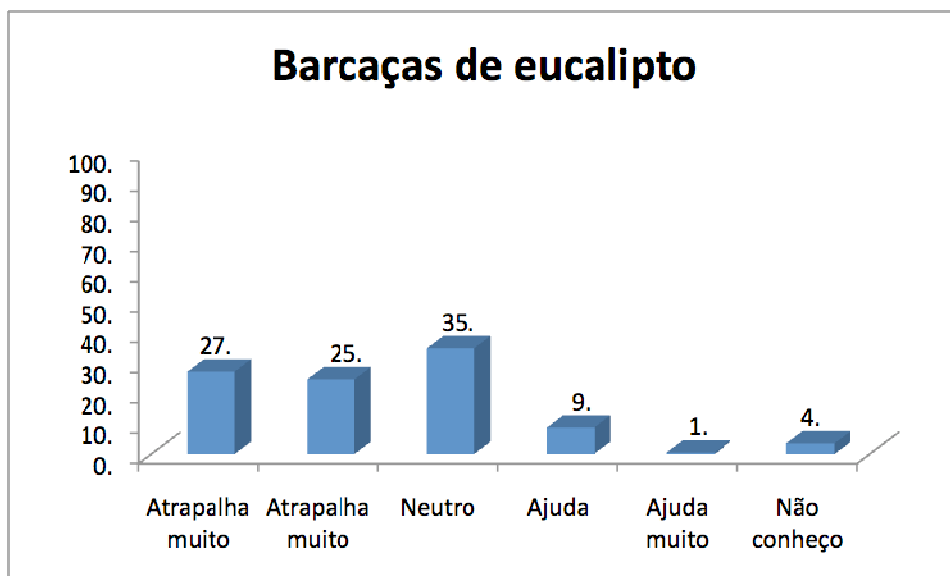
A percepção sobre a pesca nos últimos anos é que ela tem piorado e os principais motivos apontados pelos pescadores são: o crescimento da quantidade dos barcos de pesca, as mudanças climáticas e a dragagem. Esse último problema é simbolicamente para os pescadores o marco da queda da produção de camarão, apesar do fenômeno ser anterior ao evento da dragagem. A empresa NorSul é obrigada a fazer a dragagem do estuário para segurança da navegação das barcaças. A lama retirada no fundo é descartada em um antigo pesqueiro de camarão. Por causa do porto, a tradicional passagem de marisqueiros (as) foi proibida e os locais de cata de caranguejos foram cobertos por concreto. Essa percepção em relação à dragagem, obtida nas entrevistas qualitativas, pode ser confirmada pelos dados de percepção dos atores:

Metade dos pescadores em Caravelas declarou possuir renda até um salário mínimo por mês. Um terço (35%) declara a renda familiar entre 1 a 2 salários mínimos e 12% de 2 a 3 salários mínimos.



Com relação à percepção dos pescadores dos principais atores da região, os que mais atrapalham a vida dos pescadores são: as baleias, a dragagem, as barcaças e o IBAMA. É importante ressaltar o desconhecimento, por parte dos entrevistados, de algumas ONGs que atuam na região: 70% declaram não conhecer a Conservação Internacional e 62% desconhecem a Ecomar.





Os principais pesqueiros usados pelos pescadores de Caravelas são: Poupa Verde, Venâncio, Coroa Grande, Baixinho Gomes, Vigilante, Barra de Caravelas, Ponta da Baleia, Pontal do Sul, Barra Nova, Sueste, Arangueira e outros.

No município de Caravelas, a catação de marisco também torna-se um dos únicos meios de sobrevivência para algumas famílias. Em muitos lugares onde não existe um desenvolvimento da produção agrícola, a mariscagem é a única oportunidade para a geração de renda das famílias ribeirinhas. No entanto, a maioria dessas famílias não chega a ganhar um salário por mês e sua atividade fica ainda mais prejudicada com as mudanças climáticas. Inicialmente pode-se perceber que existem duas identidades para as marisqueiras: aquelas que vão ao mangue coletar seu marisco e aquelas que somente descascam no frigorífico. Enquanto o mangue permite que se viva dos seus recursos, as marisqueiras estão lá para extraí-los, mas quando ele não é mais capaz de garantir a subsistência da família, elas buscam outras alternativas, como o emprego doméstico ou a extração da semente da aroeira, atividade que vem crescendo na região. Apesar da percepção de que vivem num ambiente ameaçado, as marisqueiras concebem o mangue como seu meio de vida.



Crianças vendendo o caranguejo extraído do mangue

Com relação à essa religiosidade dos pescadores, a maioria ainda é da igreja católica, mas o número de adeptos às igrejas protestantes tem crescido muito nos últimos anos. As principais festas tradicionais existentes na cidade são na sede: a festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade, que tem uma novena dos pescadores; a festa de Yemanjá, com o cortejo marítimo. O cortejo sai do Porto de Caravelas e no decorrer da viagem juntam-se à procissão os barcos de Ponta de Areia até a Barra de Caravelas, navegando até a praia de Yemanjá. Essa festa ainda tem alguma participação dos pescadores e dos grupos folclóricos da região. Outra festa que ainda sobrevive na cidade, mas cada ano é a festa de São Sebastião Além das típicas festas de São João e o famoso carnaval que é tradicional na cidade. Em Ponta de Areia, a principal festa é a da padroeira do distrito, a festa de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de Lourdes que também tem a participação dos pescadores numa das novenas. A festa mais tradicional dos pescadores que é a festa de São Pedro, acontece no distrito da Barra de Caravelas, mas segundo D. Normélia Mota, mais conhecida como Nona, marisqueira e festeira da Barra de Caravelas, a festa que os pescadores mais participam atualmente é a festa de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Conceição, a padroeira da Barra de Caravelas:

*“A festa que os pescadores mais participam é a festa de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Conceição, padroeira da Barra que é a ultima novena que tem, a novena dos pescadores e a festa de São Pedro. A de Yemanjá aqui bem poucos pescadores participam, é mais o pessoal de Caravelas.”* (festeira da Barra de Caravelas)

O município de Caravelas também possui em seu calendário atualmente a Festa da Baleia, organizada por uma ONG da região, um evento ecológico com a finalidade de sensibilizar a população em relação à preservação da baleia Jubarte e da vida marinha em geral. Na ocasião, muitos stands com mostras

fotográficas e apresentações de grupos folclóricos da região, em especial do Grupo Cultural de Caravelas, conhecido como Artemanha. O movimento Artemanha, auto-denominado um grupo afro-indígena de antropologia cultural, que comemorou seus 20 anos em 2008. Talvez a ONG mais antiga de Caravelas, a instituição trabalha com educação popular usando a arte como meio. As diversas manifestações artísticas estão sempre imbuídas de um sentimento de identidade afro-indígena (capoeira, dança afro, teatro, música). Também abraça a questão relacionada ao meio ambiente e sua participação no processo de mobilização pró-RESEX do Cassurubá foi significativo para o grupo ambientalista. Tem representação no Conselho Consultivo do Parque de Abrolhos, no Conselho Municipal de Cultura, bem como participa e organiza fóruns e encontros, como o evento bienal da “Semana Zumbi” em parcerias com diversas instituições ligadas aos direitos humanos e a questão afro-indígena.

Entre as manifestações culturais de Caravelas pode-se destacar a festa de São Sebastião, que ocorre durante o mês de janeiro, no distrito da Barra de Caravelas. Essa festa é característica em vários municípios da Bahia (é conhecida, em outros lugares da Bahia e do Brasil, como cavalhada, chegada de mouros, marujada etc.) e envolve não só a comunidade de pescadores.



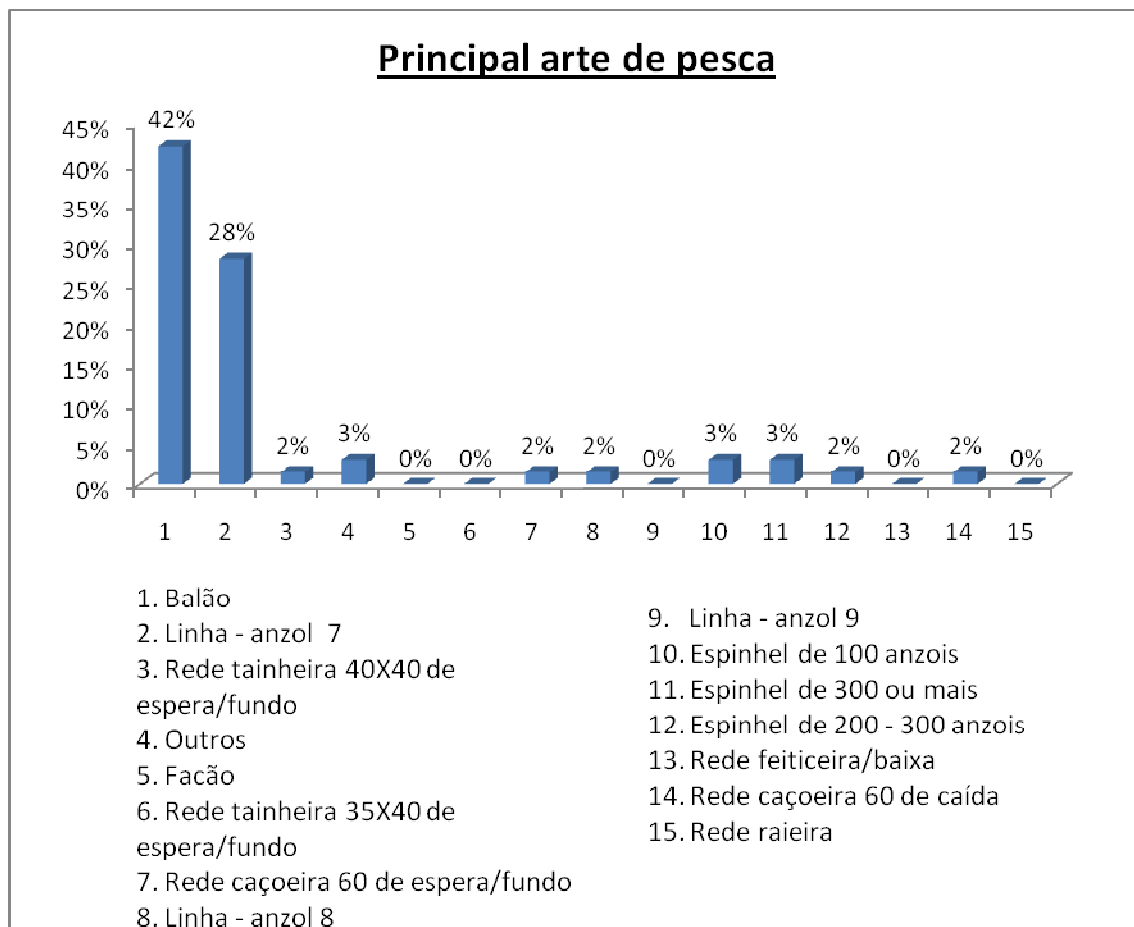
Esse bailado popular antigo, de origem portuguesa, representa a luta entre mouros e cristãos, dramatiza as lutas lusitanas e as conquistas marítimas. A festa geralmente inicia-se na virada do ano, com representantes de ambos os lados chamando os combatentes para a luta, por meio de uma música (flauta e tambor). A disputa é pela imagem de São Sebastião. Os cristãos usam indumentária azul, tendo a cruz por símbolo. Os mouros vestem-se de vermelho e têm como símbolo a meia lua ou lua crescente. Os dois lados contam com capitão, embaixador, alferes da bandeira, tenente, caixeiro, tambor e soldados. A indumentária reflete, com seus adornos, a hierarquia dos postos e as armas correspondem às diferenças dos postos.

Trajados e empunhando armas, ambos os lados se enfrentam em um bailado, que simboliza a derrocada do Islamismo frente à superioridade do Catolicismo. Ao final da batalha, os mouros - derrotados - são convertidos e batizados.

## NOVA VIÇOSA

Nova Viçosa apresenta uma organização social mais complexa do que Caravelas. Predomina a pesca de balão (42%), seguida de perto pela pesca de linha, anzol 7 (28%). A maioria desses pescadores, em torno de 73%, são donos

do barco no qual pescam, sendo que a quase todos os barcos são a motor (93%), B-18 (43%) e MWM (19%). Quase dois terços (72%) declaram comercializar o seu pescado no comerciante do povoado.



Os principais pesqueiros usados pelos pescadores são: Sebastião Gomes, Coroa Vermelha, Baixo, Recife da Lixa, Costa de Mucuri, Mar da Fita, Leste e Sul da Ilha, Tufão, Aracandira, Pinheira do Barranco, Pontas, Mar da Bandeira, Fundagem, Venâncio, Caboroca, Pedrinhas, Bóia, Sul do Pinho, Jacutinga e também Abrolhos. A grande maioria dos pescadores acredita que a produção pesqueira nos últimos anos piorou muito e atribuem a esse declínio, o aumento na quantidade de embarcações e de pescadores em Nova Viçosa.

Existem também muitas marisqueiras em Nova Viçosa que descascam o camarão ou limpam peixe nas peixarias do mercado ou nos frigoríficos da cidade. A maioria dessas mulheres são filhas de pescadores e trabalham nesse ramo desde muito cedo. Muitas mulheres também pescam o siri de linha no Rio ou na beira da praia e outras vão pro mangue pegar o sururu, a ameixa, a ostra.

As marisqueiras sempre atribuem muito prazer ao trabalho que fazem e geralmente, as dificuldades que enfrentam são relacionadas às aventuras de

enfrentar o rio, as correntes, a maré, os ventos. As vantagens sempre são a independência, já que controlam seus horários de acordo com a natureza, com a maré e assim podem decidir a hora de sair para pescar. Geralmente são mulheres que estudaram muito pouco porque moravam na zona rural com os pais. Para as marisqueiras, o manguezal ou o mar é um espaço aberto onde têm livre acesso aos recursos que garantem a subsistência de forma autônoma e permite a sobrevivência de suas famílias. Conhecem vários tipos de camarão, siri, peixes e mariscos do local.

*“O mangue significa uma mãe pra mim. Os beijinhos do Tamarú (peixinho) fazem a gente muito feliz”*

(Maria de Fátima de Jesus, 48 anos)



Marisqueiras descascando o camarão em Nova Viçosa

São muitas as tradições culturais de Nova Viçosa, a grande maioria dos pescadores entrevistados são católicos e uma minoria não têm religião definida. Jacó Nascimento, 30 anos, filho de Nova Viçosa, filho de pescador e marisqueira, pesquisador da história cultural da cidade, acredita que a festa mais tradicional hoje de Nova Viçosa é a festa dos mouros e cristãos, a festa de São Sebastião.

A festa começa no dia 1º de janeiro com a busca do mastro na mata com os barcos, em seguida uma procissão percorre a cidade apresentando o mastro que fica exposto até o dia 18 de janeiro, quando já existe uma bandeira pronta com a imagem do santo que também percorre as ruas. À noite do dia 19 acontece uma celebração e um leilão e louvor ao santo e no dia 20 é que a grande festa de São Sebastião, onde existem brigas verbais, as embaixadas e luta

de espadas entre mouros e cristãos. Vários pescadores fazem parte dessa luta há muitos anos.

Outra manifestação que estava praticamente extinta é a festa do índio, quando acontece uma homenagem a sete tribos indígenas, uma mistura da cultura indígena com a nagô. Atualmente o festeiro é o Sr. Roberto Oliveira, conhecido como Vavá de Cotoco, 64 anos, pescador de mergulho aposentado, filho de Ponta de Areia, costuma pescar ainda na Pedra do Venâncio, As Pontas, Recife da Lixa, Poupa Verde e já foi presidente da cooperativa de pesca. Um dos grandes problemas da pesca, para ele, são as redes que sai arrastando tudo e matando muita tartaruga. *“Antigamente aqui existia, por exemplo, muita Guaricema, hoje em dia, ninguém pega mais, é muito difícil”*. Seu Vavá já resgatou algumas festas da sua infância em Ponta de Areia, como a brincadeira do boi, Festa do Carneirinho, Marujada e a Festa do índio. Durante muito tempo Sr. Vavá foi cortador da festa de São Sebastião.

Existe também a festa de São Benedito que é celebrada no sábado de Aleluia, domingo de Páscoa e na segunda-feira. Antigamente existiam as congadas, mas hoje está praticamente extinta. Quem participava desta festa era a raça negra que vinha das comunidades de Elvécia e Juerana onde passava a locomotiva Bahia-Minas.

Tem também outra festa tradicional que já está quase extinta que é a festa do Divino, cinquenta dias após a páscoa, onde tem apresentação do Imperador e da Imperatriz e o ritual de abençoar uma cesta de pão durante a missa e presentear depois a população com esse pão bento. Atualmente quem está à frente dessa festa são D. Arlinda e D. Luíza, da comunidade de pescadores, mas também já está quase extinta, já que os participantes natos, todos faleceram e nenhum filho ou neto quis herdar. Atualmente existe uma irmandade composta por vinte pessoas.

A procissão de São Pedro, segundo Jacó, ainda está bem viva, já que existe também um maior número de barcos. Com relação à musicalidade tem um grupo de samba e quem está à frente do grupo é um tocador de cavaquinho que vive na Ilha das Perobas. O bloco da Lama, ou Bate Senhor, em Nova Viçosa é centenário e influenciado pelo bate-barriga de Elvécia. O bloco é composto por homens sujos de lama do manguezal que saem no carnaval, sujando as pessoas nas ruas.

*“As festas não são só festas, porque por trás delas existe toda uma simbologia, valores. A comunidade se transforma num grande palco teatral”*

(Cida, pedagoga de Nova Viçosa)

Existe também a festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição no dia 08 de dezembro, nos relatos percebe-se que hoje é uma festa bem religiosa e mais interna da igreja. Além disso, existem vários terreiros de candomblé em Nova Viçosa, segundo alguns moradores é uma tradição muito forte que ainda sobrevive na cidade, principalmente a festa de São Cosme e Damião, já que Nova Viçosa possui cinco comunidades que ainda promovem a festa.

## CASSURUBÁ

A região estuarina é popularmente dividida em diversos “rios”. (Figura 4). Alguns rios apresentam comunidades com unidades familiares mais agrupadas e mais populosas como, por exemplo, Caribê de Cima. Outros apresentam as unidades familiares totalmente dispersas dentro das matas de restinga típicas da região, por exemplo, o Rio do Cupido. Muitas das comunidades ou grupos familiares são alcançadas após horas de navegação e de caminhadas. Até 2 anos atrás não havia energia elétrica nas casas, situação que mudou com o *Luz para Todos*.

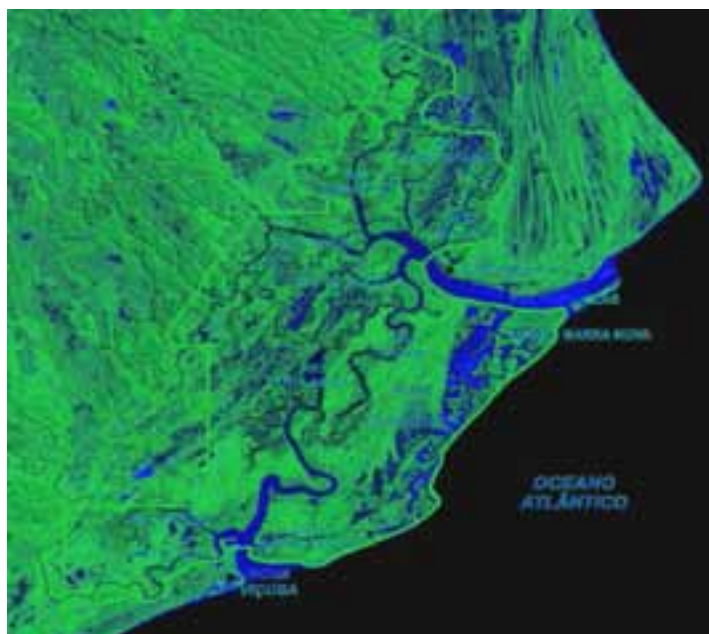


Figura 4. Região do estuário com a demarcação dos rios. (Fonte CI 2007)

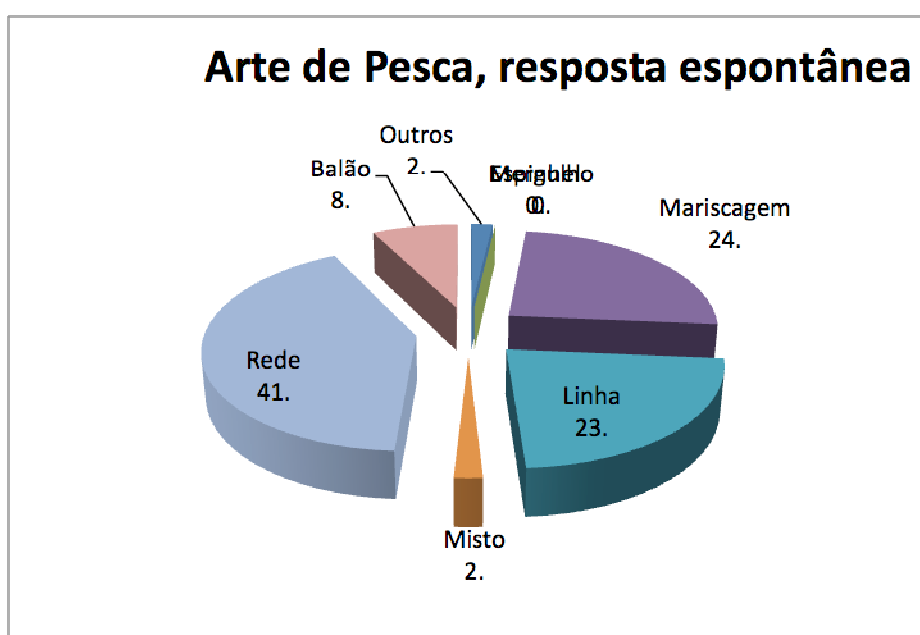
As mudanças oriundas da chegada do Luz para Todos podem ser evidenciadas nas visitas às casas, com a presença de uma TV e, em alguns casos, de um aparelho de DVD tocando música. As geladeiras ainda são raras, em função do gasto de energia (os aparelhos do Luz para Todos comportam poucos eletrodomésticos). As comunidades tradicionais e suas riquezas culturais permanecem em constante e lenta adaptação à realidade. Se bem o peixe caiu muito, a pesca, a colheita e a agricultura de subsistência são capazes de manter o sustento e a qualidade alimentícia dessas famílias. Percebe-se a falta de continuidade dos processos de fortalecimento e mobilização das associações de moradores (70% dos entrevistados declaram não ser membro de nenhuma associação), tanto por parte dos próprios associados quanto das instituições locais de apoio a essas associações. Elas que são importantes ferramentas para obtenção de benefícios para essas comunidades, estão quase paradas.

Os líderes comunitários sentem falta de apoio por parte das ONG's e reclamam da ausência da Prefeitura e de outros órgãos do governo. Metade dos entrevistados não recebe nenhum benefício governamental e apenas 6% recebe bolsa família. A falta de projetos e programas de desenvolvimento (sustentável) permite o aparecimento de alternativas como o plantio de eucalipto, a pecuária, a caça e a pesca predatória.

A economia dos ribeirinhos pode ser caracterizada com de subsistência e dividida entre a atividade agrícola/agropecuária e a pesca. A renda familiar média varia de até 1 salário mínimo (53%) a de 1 a 2 salários mínimos (41%). A maioria dos entrevistados (83%) é natural do município e a metade (53%) sempre morou na localidade (sendo que 37% mora na localidade a mais de 20 anos). A escolaridade é baixa, sendo que, considerando uma base de 149 pessoas (membros das famílias dos entrevistados) observa-se que 61% tem primário e 31% é analfabeta.



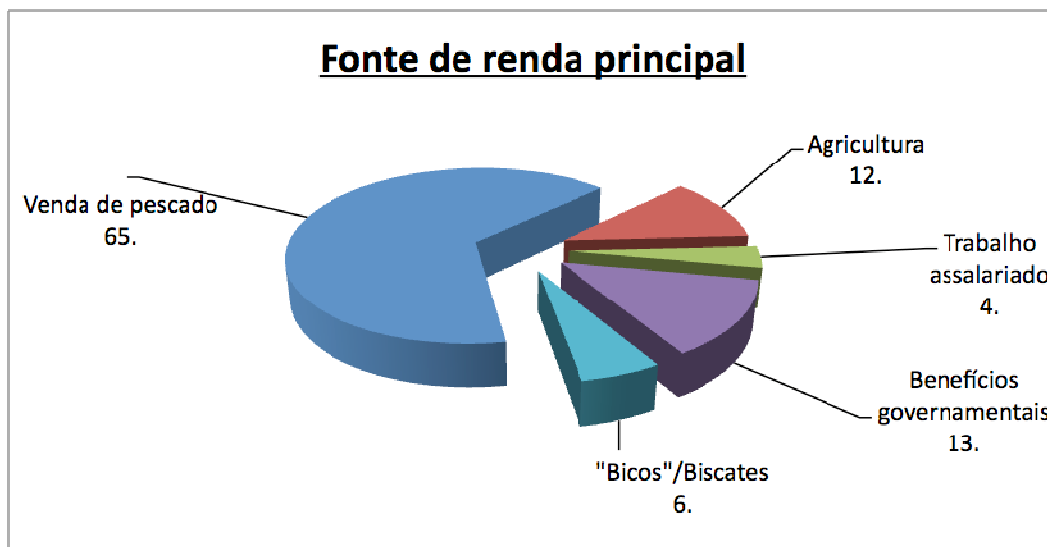
A pesca, nas suas diferentes artes, é praticada por todos os ribeirinhos, com forma de garantia alimentar. Em função das características ribeirinhas, a distribuição das artes de pesca é muito diferente das outras localidades da RESEX Cassurubá (Caravelas e Nova Viçosa), com o predomínio, na resposta espontânea, da rede e da mariscagem.





Um dado interessante, que vai de encontro a percepção da área, é em relação ao objetivo da pesca: 74% dos entrevistados declaram que o objetivo é a venda, predominantemente para o comerciante do povoado (61%). Essa atividade pode ser observada todos os sábados, no mercado de Caravelas: os ribeirinhos chegam, em suas canoas e botes (85% dos entrevistados declaram ter embarcação e destes, 55% tem canoa ou bote), com os produtos da pesca (principalmente caranguejo, sururu e

lambreta) e da roça (mandioca, banana, abacaxi, jerimum) para vender na cidade. A pesca é a fonte de renda principal, com 65%.



A maioria dos pescadores pesca sozinho (60%), nos arredores de suas residências. Os 40% que pescam com companheiros tem como parceiro de pesca membros da família direta (pai, filho/a, irmã/o, esposo/a). Apenas uma minoria sai para pescar todos os dias (23%), uma vez que precisam dividir o tempo do trabalho com as atividades da roça. Porém, três quartos dos que não pescam todos os dias exercem a atividade de pesca de 2 a 3 vezes por semana.

Dos pescadores entrevistados apenas 42% possuem registro geral de pesca e destes, 83% recebem seguro defeso. Com relação à percepção da pesca nos últimos anos, a esmagadora maioria respondeu que piorou ou que piorou muito (90%).

Com relação à percepção dos pescadores dos principais atores da região, o que sobressai nos entrevistados é a declaração de desconhecimento dos atores

(mais de 90% declara desconhecer o Instituto Chico Mendes, a Bahiapescas, a SEAP, a Conservação Internacional e a Ecomar) e a ausência de opinião em relação a alguns atores e situações (mais de dois terços - 66% - declara neutralidade em relação ao IBAMA, à prefeitura municipal, à Marinha, aos barcos de turismo, as barcaças de eucalipto, aos barcos de outros lugares, às pousadas e às plantações de eucalipto). Na percepção 47% dos entrevistados a Colônia ajuda.

Em função da vida ribeirinha e da distância dos centros urbanos de Caravelas e Nova Viçosa, os residentes da área apresentam algumas peculiaridades no seu modo de vida. A seguir serão descritas algumas características desse modo de vida, a partir das entrevistas realizadas por Pablo Faget.

### **Barra Velha - Nova Viçosa**

As famílias de Barra Velha residem na região há décadas, e vivem prioritariamente da natureza e dos recursos naturais em processos de coleta, captura, pesca e caça. Até alguns anos atrás, inúmeras famílias do local nem precisavam visitar os centros urbanos mais próximos a não ser em caso de problemas sérios de saúde ou troca de pescado por materiais complementares, uma vez que a região estuarina fornecia às famílias praticamente todo o alimento necessário para a sua sobrevivência. Por exemplo, as residências eram construídas



com madeira de manguezal e barro. Palhas de palmeiras e/ou dendezeiros forneciam a matéria prima para a construção das coberturas das casas. A região era tão rica em produtos naturais que outras famílias de Caravelas e Nova Viçosa aproveitavam a produção natural de peixes e mariscos para passarem de dois a três meses lá, durante o inverno.

Até 10 anos atrás, os moradores coletavam, pescavam, mariscavam e preparavam a produção para ser levada, ao final desse período, aos grandes centros. Centenas de quilos de camarão defumado e centenas de quilos de peixe salgado eram preparados à beira do mar por famílias inteiras trabalhando em conjunto. Essa produção e sua posterior comercialização permitia arrecadar dinheiro para a manutenção desses núcleos familiares durante o período em que o vento sul, as frentes frias e o “mau tempo” impossibilitavam a pescaria no “mar fundo”.

Além da pescaria e da mariscagem, as restingas também forneciam produtos a serem comercializados. Caju, coco, aroeira, mangaba serviam como moeda de troca entre os núcleos residentes e a cidade de Nova Viçosa. Diversos residentes carregavam canoas com 2.000 a 3.000 cocos para serem vendidos em Caravelas. Um único homem, em imensas canoas de “um pau só”, transportava os cocos para a venda na época em que a linha férrea Bahia e Minas e o porto de Caravelas funcionavam a todo vapor.

O transporte era em canoas movidas a remo e com a ajuda das forças “motrizes” das marés, demoravam aproximadamente 15 horas para chegar.

Atualmente, a realidade é outra. Muitas famílias saíram da região. Migraram. A pescaria no estuário e o camarão diminuíram e os barcos de outras localidades, principalmente Alcobaça, atrapalha a pescaria local, realizada de forma mais artesanal. Segundo moradores, *“o pessoal de fora não conhece como colocamos as redes e acabam atrapalhando”*. A cultura da pesca local não é respeitada. Ao reclamarem *“com os companheiros de fora, somos ameaçados com armas de fogo sem que nenhuma autoridade tome atitude”*.

Essa diferença entre a percepção na pesquisa quantitativa e qualitativa também ocorre na avaliação da dragagem e das barcaças de eucalipto. Outra questão importante é com respeito a dragagem do canal do Tomba em Caravelas, *“muita lama tomou conta dos pesqueiros”*. A percepção é que o descarte do material da dragagem tem mudado o peixe e o camarão. Seu comportamento não é o mesmo e os pesqueiros mudaram.

Além da dragagem, a rota da barcaça tem provocado acidentes. Diversos pescadores reclamam que elas mudam de rota e que essas embarcações já arrastaram material de pesca. Alguns pescadores tentaram fazer contato com a empresa em Caravelas e nada foi resolvido. Para quem vive do dia a dia de captura, R\$ 2000,00 de material danificado é quase o lucro do ano todo.

Pescadores com mais experiência percebem a queda na produção. Todos são unânimes em afirmar que a praia ficava cheia de peixe morto, pois as redes vinham sempre carregadas de pescado. Há 3 décadas, o peixe apodrecia nas praias em função da quantidade sobressalente. As pescarias satisfaziam a demanda e milhares de animais ficavam na beira da praia dificultando inclusive o andar descalço pelo sem número de espinhos e ossos após a ação dos urubus, gaviões, animais carnívoros terrestres e os próprios agentes decompositores. A vida, sendo levada *“como Deus queria”* permitiu a construção das atuais residências, o sustento de inúmeros filhos e netos e a produção mínima para satisfação dos objetivos da época como a manutenção das embarcações, construção do “barraco de tijolo”, as festas na comunidade e a visita a parentes próximos.

O turismo na região tem se tornado uma importante fonte de renda nos meses de verão e carnaval. Centenas de pessoas vindas de Nova Viçosa visitam as praias do local e buscam, nas famílias locais, pontos de apoio e fornecimento de bebidas e comida.

### Rio do Largo - Caravelas



O Rio do Largo possui importância estratégica e geográfica. Ele faz a ligação por dentro do estuário entre as sedes administrativas dos Municípios de Caravelas e Nova Viçosa. O Largo é reconhecidamente uma região de extrema dificuldade para a navegação. Nesse local o rio alarga e sua profundidade se restringe a um estreito e sinuoso canal entre bancos de lama e areia. Quando o

porto de Caravelas e a linha férrea Bahia Minas funcionavam a todo vapor, entre final do sec. XIX e meados do sec. XX, o tráfego de grandes barcaças acontecia diariamente pelo Largo. À beira do rio, profissionais da navegação ficavam encarregados pelo trânsito. Eram os balizadores do Largo, funcionários das companhias de navegação. Não apenas grandes navios passavam pelo Largo. Os moradores da região estuarina de Nova Viçosa viajavam diariamente a Caravelas para comercializar seus produtos. Canoas com milhares de cocos, embarcações a vela e remo com sacos de farinha, de mandioca, centenas de kg de camarão e peixes salgados transitavam pelo Largo.

Atualmente o tráfego de embarcações se limita a pequenas traineiras ou canoas. Famílias que residem na região estuarina possuem familiares tanto em Caravelas quanto em Nova Viçosa e costuma visitá-los ao mesmo tempo em que transportam produtos para serem comercializados nas feiras ou nos mercados. O tráfego de embarcações particulares ou transportando turistas acontece eventualmente no verão ou durante a temporada das baleias, quando Nova Viçosa e Caravelas se transformam em destino para milhares de visitantes.

Os moradores a beira do Rio do Largo vivem em total dependência das riquezas que o manguezal, o mar e as restingas conseguem proporcionar. Pequenos grupos familiares ou até mesmo residências com um morador caracterizam esta comunidade. Caranguejos, ostras, sururu, ameixa, peixes, frutas e produtos resultantes da agricultura, como mandioca, feijão e milho, são a base de sustento dessas famílias. Segundo seu Manuel Lírio, o Largo era um local de concentração de milhões de peixes. Comenta que houve um dia em que

dois pescadores, em canoas a remo, pegaram mais de 900 kg de peixes, de todo tipo.

As tradições se perpetuam em ensinamentos horizontais de companheiro para companheiro ou perpendiculares de avô para neto. Mais de 90% dos moradores do Rio do Largo são analfabetos. Inúmeras famílias abandonaram suas terras e residências durante as últimas décadas indo morar nos centros urbanos próximos.

Alguns adolescentes estudam em Caravelas ou Nova Viçosa e as poucas crianças que residem à beira do rio, freqüentam as unidades escolares de ensino fundamental localizadas a mais de hora de navegação. Muitos jovens abandonaram os estudos e se dedicam aos estilos de produção tradicionais, catando, pescando, caçando ou plantando.

É muito comum na região, as famílias dividirem suas terras desde bem cedo para os seus filhos que iniciam o processo de roça e plantio com idades bem precoces. Desta forma os grupos familiares conseguem diminuir ou até mesmo reverter a tendência de saída dos moradores em busca de novas oportunidades fora do estuário. Outra tendência que é possível observar é a influência da televisão dentro das unidades familiares. Diversas pessoas comentam que após a chegada da energia solar e a entrada da televisão em suas casas, perceberam como o mundo “ai fora” é difícil e violento. Seu Antonio artesão do rio, diz que dois filhos dele estão querendo voltar e morar na região. Ele, seu Antonio e a sua esposa, influenciados pelas imagens trazidas pela TV, incentivam a volta dos filhos. *“Aqui é sofrido, mas peixe e marisco sempre tem”*.

A atividade pesqueira divide-se em dois sistemas principais. Aqueles que pescam dentro do estuário, nos rios vizinhos e utilizando pequenas embarcações, na sua maioria sem motor e aqueles que pescam em embarcações a motor e desenvolvem suas atividades tanto nos rios quanto no mar. Após a jornada, todos aqueles que conseguem excedentes comercializam-nos em Caravelas ou em Nova Viçosa conforme o produto ou a proximidade ao centro urbano. A pesca de Camboa, rede que bloqueia a passagens de animais nos pequenos cursos de água que se formam dentro dos manguezais, é considerado (por muitos) extremamente danosa para o manguezal. A produtividade deste petrecho é altíssima quando comparada à pesca de linha ou com outros modelos de redes colocados nas águas dos rios maiores. Aqueles que se utilizam desse sistema, acreditam ser o melhor, pois “nunca falha”.

### **Peróbas - Nova Viçosa**

A comunidade das Perobas é formado por um conjunto de casas à beira do Rio do Largo já no Município de Nova Viçosa. Assim como outros grupos de

moradores da Ilha do Cassurubá, vivem da pesca e do marisco, além de muita produção de coco, farinha de mandioca e agricultura de subsistência. Sua relação comercial acontece quase totalmente com Nova Viçosa. Descarregam o peixe e o marisco no Mercado do Peixe ou nas peixarias do cais. A farinha é vendida também quase que 100% na cidade de Nova Viçosa.

A pesca é desenvolvida principalmente no rio do Largo já que quase não existem embarcação a motor. Uma das exceções é o Seu Haroldo. Pesca no rio de rede e linha além de baloar camarão no mar quando o tempo permite. A sua impressão é de que a pesca caiu muito e o camarão “falha” demais.

Segundo moradores locais, inúmeras famílias deixaram a região nos últimos anos. A região do Cassurubá era uma das que possuíam maior densidade populacional. Só na estrada da Petrobrás, pelo menos 10 unidades familiares eram encontradas com facilidade.

Essa estrada facilitava muito o escoamento da produção agrícola da ilha do Cassurubá. Seu Gerônimo reside há décadas e comenta com certa saudade quando o campo de futebol das Perobas ficava lotada. *“Vinha gente de todo que é lado: das fazendas, a pé, de canoa ou barco, era uma festa. O pessoal do Romauro vinha lá da Barra Velha, eram 10 ou 15 homens de uma vez”*



Atualmente, essas famílias residem em Caravelas. Os sítios são mantidos com presenças esporádicas para capinagem, reparos e manutenção dos poucos equipamentos que anteriormente eram utilizados diariamente. A densidade populacional diminuiu muito.

### **Caribê - Caravelas**

A região conhecida como Caribê está localizada às margens do Rio Caribê dentro do complexo estuarino Caravelas/Nova Viçosa. O estuário possui vários braços de mar conhecidos na região como “os rios”. Mistura de água doce com água do mar. Segundo moradores da região, *“antigamente tinha mais água doce”*, tinha mais matas e chovia muito mais.

No Caribê muitas famílias residem há várias gerações no local e vivem da pesca, da mariscagem, de criação de gado, de pequenas produções agrícolas principalmente de subsistência e quando possível da comercialização do

excedente. Aqueles que pescam podem ser caracterizados em 3 grupos bem definidos:

1 - Aqueles que pescam e mariscam apenas com canoas de um pau só ou bateras não motorizadas.

2 - Famílias que possuem embarcações motorizadas que pescam apenas dentro do estuário. Chegam até a boca do rio, bem próximos ao mar, mas não se aventuram no oceano. Pescam em diversos pontos do estuário e ou, em outros “rios”.

3 - Outras tantas, onde a embarcação motorizada cumpre papel decisivo nos processos de sustentação familiar, se diferenciam um pouco no estilo de vida. Até a década de 70 a produção de farinha de mandioca era um importante meio de sustento dessas famílias. Os pescadores utilizam os diversos rios da região e o oceano como locais de pesca. Já os marisqueiros desenvolvem suas atividades nos manguezais.

Existe unidade escolar e a energia solar foi instalada pelo Governo Federal há 3 anos. A unidade escolar está dentro de área particular cedida ao Governo Municipal para construção da mesma.

Historicamente o “rio Caribê” é dividido em 3 regiões. Caribê de Baixo, mais próxima de Caravelas, Caribê do Meio e Caribê de Cima. As divisões são geográficas, a curva do rio caracteriza as marcações das “divisas”. Não existem divisões entre as populações. Elas interagem e trocam produtos. Existem parentes nas outras duas e nada mais.

O Caribê de Cima é o mais populoso e mais povoado. A unidade escolar do Caribê está localizada no Caribê de Cima. Crianças de diversos núcleos residenciais espalhados pelas proximidades assistem aulas na unidade escolar. Elas chegam à escola, andando pelas matas de restinga ou nas embarcações colocadas à disposição pela prefeitura municipal de Caravelas. A viagem pode demorar mais de uma hora, tanto por terra quanto pelo rio.

O limite geográfico do Caribê de Cima em direção a Nova Viçosa é bem difuso. Algumas famílias residentes “rio acima” não conseguem chegar a um acordo sobre qual a prefeitura que deveria “cuidar” deles. Onde reivindicar? Alguns moradores chamam essa região limite de Caribê de Cima e outros moradores não os reconhecem como tal. Por exemplo, Seu Sebastião reside no Rancho Velho. Ele diz ser município de Nova Viçosa. Já seus vizinhos acreditam ser Caravelas.

Outros sítios e grupos de casas com nomes diversos caracterizam outros pontos mesmo sendo dentro do mesmo “rio”. É o caso do Martim ou Martinho. Grupo de famílias localizadas em um lugar onde o “rio seca muito”. São famílias que também vivem do marisco e do pescado. Possuem plantações de mandioca e abacaxis. Produzem sua própria farinha na casa de farinha e a comercializam nos centros urbanos. Sua proximidade com Nova Viçosa faz com que as produções

sejam comercializadas lá na maioria das vezes. “mas se o barco passar para Caravelas, a gente vende lá também”. Dependem muitas vezes de caronas. Existe uma imensa rede de relações sociais e comerciais. “Planto, marisco e vendo. Se compadre passar para lá vendo lá, se passar para cá vendo cá”.

No Caribê do Meio residem famílias também sustentadas pelos produtos obtidos no rio, no mar ou na agricultura. Na sua grande maioria vender os produtos em Caravelas. Poucos são os que comercializam em Nova Viçosa. Mariscos (lambretas, ameixas e ostras), caranguejos, siris e camarões fartem as mesas complementando a alimentação a base de peixes e farinha. Inúmeras famílias se alimentam de carne de gado bovino devido `a grande presença desses animais nas fazendas da região. Frutas como caju, mangaba, jabuticaba, abacaxi, pinha, graviola, jamelão e jaca colorem a rica diversidade.

O Caribê de Baixo, apresenta grande densidade demográfica. Porém muitos dos sítios permanecem vazios grande parte do tempo tendo em vista que os seus proprietários residem na cidade de Caravelas.



Outras famílias residem no local há muitos anos e a proximidade de Caravelas os caracteriza de forma diferente. Visitam a cidade muito mais vezes ao mês, comercializam mais e dependendo da característica do grupo familiar permanecem nos sítios alguns meses enquanto que outros meses ficam na cidade. A posição geográfica do Caribê de Baixo facilita muito o deslocamento dos pescadores e marisqueiros para outros rios. O Caribê de Baixo se localiza próximo ao Rio do Largo, ao Rio do Poço e ao Rio Caravelas. Para eles o outro rio também é local de pesca e mariscagem.

### **Rio do Cupido - Caravelas**

O Rio do Cupido está localizado a oeste da cidade de Caravelas. Existem diversos conjuntos de residências ao longo do rio. A margem direita a montante é ocupada por diversas fazendas de gado e de silvicultura. O Cupido está localizado bem próximo à Estrada do Boi, rodovia que liga Caravelas a BR 101 na altura de Posto da Mata Município de Nova Viçosa. Essa proximidade favoreceu a transformação da antiga Mata Atlântica em pastos e posteriormente em monocultura de eucalipto.

Descrição: Ao longo do Rio do Cupido existem muitos sítios cujos proprietários residem em Teixeira de Freitas. Utilizam as propriedades para lazer, pesca e, com a ajuda de caseiros moradores da região, plantar manga,

coco, mandioca e abacaxi dando desta forma “certa produtividade” às suas áreas, conforme comentário de Seu Beu.

As comunidades tradicionais de pescadores e marisqueiros estão espalhadas ao longo do rio. A grande maioria dos pescadores utiliza canoas ou bateras sem motor e se deslocam conforme a maré. Quando *“enche vão ao pesqueiro e quando vaza voltam para casa mariscando”*. Os conjuntos de casas ficam localizados principalmente na margem esquerda a montante do rio. Já os sítios mais produtivos e a silvicultura na margem direita. Alguns moradores reclamam da presença do eucalipto, principalmente pela falta de caça. Muitos moradores ainda caçam animais da fauna nativa nas pequenas ilhas de mata que resistem ao avanço da monocultura. Um morador local acusou as empresas madeireiras de *“drenarem as lagoas cheias de jacarés para poderem plantar mais e mais eucalipto”*. Esse mesmo morador cria cachorros caçadores para vender aos vizinhos. Outra atividade muito praticada pelas comunidades é a captura de aves. São domesticadas ou até mesmo comercializadas.

A pesca, rica em espécies, fornece aos ribeirinhos peixes, mariscos e crustáceos. De mero a caramuru, de lagosta a camarão e de ostra a sururu, as comunidades complementam sua alimentação com produções agrícolas de subsistência de mandioca, coco, feijão e milho.

Seu Domingos com 88 anos afirma que teve 22 filhos com a mesma mulher. Hoje, sem conseguir roçar e morando apenas com a esposa e a sogra de 97 anos, diz que ainda *“tenho que mariscar para levar alguma coisa pra comer em casa.”*

A região é especialmente rica em água doce devido a um sem fim de pequenos córregos e riachos que chegam até o rio grande. Esses rios vêm das planícies costeiras ao norte. Eram cheias de mata (de restinga), mas hoje só tem eucalipto. Segundo seu Domingos, *“chove menos, mas a água dos rios ainda deixa o rio grande mais doce e ai o peixe gosta”*.

Moradores “deste rio” não gostam da presença de moradores do “outro rio”. Esse pertencimento é bem claro no Cupido, diferente dos demais rios visitados na região. Seu Nilton acha muito ruim quando *“o pessoal do Calaboço, vem caçar aqui,(...) são nossas matas”*, ele alega. Sua preocupação é fundamentada também pela produção de mel que ele tem no



seu sítio. *“Vem gente do Japão buscar nosso mel. O pessoal anda por ai cortando galhos e cortando o cipó da abelha...isso é ruim. Porquê não pescam e caçam lá no rio deles?”*.

A comunidade localizada no ponto do rio chamado de Pesqueiro Grande é formada por um conjunto de 10 casas. Segundo Seu Joaquim, Pau Oco, de 89 anos, o Pesqueiro Grande tem esse nome em função da grande quantidade de gente e embarcações que vinham pescar nesse local. *“Peixe aqui é o que não faltava. Hoje já não dá tanto assim não. E muita gente já foi embora”*. Porém uma situação que chama a atenção é o retorno de famílias que tinham abandonado o estuário. Alguns adolescentes que saíram em busca de “melhores” condições de vida voltam à beira do rio após descobrirem que nem tudo é tão bonito assim. Até mesmo um jovem que trabalha em empresas prestadoras de serviços para as madeireiras, conhecido como Preto, retornou com a sua família alegando que a vida na *“beira do rio, é melhor”*. Essa situação contradiz uma tendência observada de saída de famílias nas últimas décadas.

As crianças da região estudam na Unidade Escolar São Miguel localizada às margens do Rio do Cupido. Existe uma única sala e um único professor. As turmas são mistas e o professor trabalha com diversos anos ao mesmo tempo. No início do ano foram inscritos 15 alunos ao todo. Tanto os alunos quanto o professor chegam à unidade de barco, após quase hora e meia de viagem.

### **Rio do Poço - Caravelas**

Localizado entre o Rio Caribê e o Rio Cupido a região do Rio do Poço apresenta baixa densidade demográfica e áreas de manguezais bem preservadas.

As famílias residentes dos locais conhecidos como Tapera, Miringaba e do Sítio Fabrico sobrevivem da pesca, coleta de frutos, caça, pequenas produções agrícolas, mariscos e da comercialização do excedente (se houver) em Caravelas. Segundo morador local (Seu Eliseu) a produção de farinha de mandioca já não é mais rentável. Sua tecnologia e baixa produção não conseguem “bater” na produção industrial de outras localidades. *“Não dá para trabalhar assim e vender a farinha a um real.”*



Seu Eliseu é pai de Santo (Velho Manuel das Matas) e costuma receber pessoas do Brasil inteiro no seu centro de Umbanda. Pescador acredita que a produção dos rios caiu. Segundo ele a profundidade dos rios próximos ao seu sítio, tem diminuído muito. *“Então o peixe corre”*. Residente no Sítio Fabrício,

extremamente culto, seu Eliseu acredita que as atividades do Terminal de Barcaças da Aracruz Celulose atrapalham a entrada e saída dos cardumes dentro do estuário. Sente que desde a implantação do empreendimento, o peixe diminuiu muito.

Nessa região do Rio do Poço, a mais próxima do centro urbano de Caravelas, está localizada a unidade escolar municipal, a Escola Municipal Menino Jesus. As crianças da região e de outros rios próximos chegam até a unidade escolar por trilhas no meio das matas ou nas embarcações disponibilizadas pela prefeitura para o transporte dos mesmos e dos professores.

Próxima à escola o local conhecido como Tapera é área de lazer dos moradores de Caravelas. Aos finais de semana inúmeras embarcações chegam à praia fluvial com dezenas de moradores da sede. Apesar da importância social e biológica do local, os usuários não possuem qualquer infra-estrutura que facilite o despejo dos seus resíduos. Também não existe qualquer trabalho visando a conscientização desses visitantes no sentido de levarem o lixo que eles mesmos produzem. No final do dia, acabam deixando grande quantidade de lixo e resíduos que irremediavelmente irão parar nas águas do estuário ou dentro dos remanescentes de matas de restinga do local. Um dos pontos positivos da existência dessas atividades de lazer é o fato dos moradores locais poderem vender frutas, mariscos e peixes aos visitantes.

É nesse ponto também que acontece a saída da produção de carvão da região de Juerana. Segundo os moradores locais caminhões e veículos atravessam as restingas e “desovam” a produção na praia onde os sacos são retirados por embarcações. O destino acredita-se ser o centro urbano de Caravelas.

Rio acima e mais distante de Caravelas, as famílias residentes às suas margens não se agrupam em conjuntos de casas. São unidades familiares bem isoladas. Seu Antonio Zé informou que famílias sobrevivem do peixe e do marisco. Utilizam os rios e o mar para a captura do seu sustento. Sente que o ciclo das chuvas mudou. *“Chove menos e isso provoca a falta do peixe e do camarão”*. Também acredita que as atividades do Terminal de Barcaças da Aracruz Celulose atrapalham a entrada e saída dos cardumes dentro do estuário. A produção agrícola é baixa e sempre de subsistência. O plantio de abacaxi é comum na região. Já a produção de farinha de mandioca diminuiu bastante. Segundo moradores locais, muitas famílias foram embora para Caravelas e outros lugares. Antigamente inúmeras “farinheiras” funcionavam a todo vapor. Raro é o excedente que costuma ser comercializado com os moradores da região e às vezes com visitantes.

### Rio do Macaco (dos Macacos)

O Rio do Macaco banha parte do casco urbano. Suas águas banham diversos quintais de 3 bairros de Caravelas. Inclusive dois dos mais novos bairros foram construídos sob aterros do manguezal do Rio do Macaco.

Subindo o rio, chegasse à comunidade da Ilha do Padre. Na margem esquerda, todos os moradores vivem de agricultura de subsistência, de marisco e de peixe. Mandioca, abacaxi, mangaba e caju são produtos importantes nesse processo. Quando sobra, comercializam na feira de Caravelas ou junto aos atravessadores na beira do cais. Sentem falta de apoio para construir poços de água boa. A grande maioria dos residentes nessa comunidade foi contra a implantação da fazenda de camarão exótico no ano de 2007. Outras famílias, porém, foram convencidas a vender suas propriedades. Segundo Seu Genildo (51) e seu Silvano (85), *“muitos foram convencidos a abandonar suas terras por um pouco de dinheiro”*. Quando questionados sobre a mortandade do caranguejo em 2005, são categóricos ao afirmar que *“tudo morreu, caranguejo, ameixa, sururu e o peixe também”*. Questionados sobre o motivo, alegam que foi *“alguma coisa que jogaram na água, pois o peixe também descia com a maré:*



*tudo morto. O mangue chegou a ficar branco de tanto peixe”*. A grande maioria dos moradores é analfabeta e as crianças que ainda residem à beira do rio, freqüentam escola em Caravelas.

Já na margem direita e *“três curvas do rio mais acima”* do Seu Silvano, outro grupo de residências ocupa áreas de restinga. É o *“Campinho”*. Lá, da mesma forma, abacaxi, mandioca, peixe e mariscos fornecem os recursos para manutenção das famílias. Muitos outros já abandonaram a área após vender suas terras para o *“pessoal do camarão”*.

### Rio Massangano

Neste rio apenas um grupo familiar foi entrevistado. A família do Seu Nivaldo reside há 35 anos na beira do rio. É no sítio Cajazeira. Sustenta sua esposa e 3 filhos com o *“peixe e o marisco”*. Proprietário de canoa e colonizado junto à colônia de pescadores de Caravelas, vende o excedente da suas atividades na feira



de Caravelas todos os sábados. Sente falta de assistência por parte da prefeitura. Não tem escola perto, não tem médico e não tem ajuda de ninguém. Por outro lado acredita que “é a vida melhor que Deus nos deu”.

### **Rio Jaburuna**

No sitio Francisca Lopes, a família Monteiro vive das atividades diretamente ligadas ao manguezal e ao peixe fresco. Muitos integrantes da comunidade abandonaram suas residências e foram morar na cidade de Caravelas. Questionados do por que dessa migração, os integrantes da família Monteiro disseram que “*aqui não tem nada para fazer*”. Falta tudo. Não existem políticas públicas que auxiliem essas famílias na produção e comercialização dos produtos que a “terra dá”. O analfabetismo predomina nos poucos grupos familiares e a perda da identidade e das tradições culturais é gritante. O alcoolismo entre os homens de meia idade é freqüente.

Já na residência de Seu Benedito Barbosa, a situação é diferente. Tanto ele quanto sua esposa Denilda, são a favor de permanecer no local. Confirmam a informação de que muitas famílias já abandonaram a região. Vivem de marisco e de peixe, cuidam de mandioca, criam galinhas e manejam diversas árvores frutíferas. Dona Denilda não pensa sair do rio Jaburuna tão cedo, mas se preocupa com o futuro das suas duas filhas já adolescentes “*Elas não têm muito pra fazer*” concorda ressentida.

# Análise das Localidades – Mar sem Área Marinha Protegida: Alcobaça e Prado sede

Os municípios de Prado e Alcobaça, tradicionalmente, apresentaram características muito semelhantes em relação às artes de pesca empregadas e às características da pesca realizada, semelhança essa que pode também ser observada em Caravelas e Nova Viçosa. Para a pesquisa quantitativa focamos os pescadores tradicionais de Alcobaça.

Cabe observar que, na última década, o município de Alcobaça tem apresentado algumas mudanças nas artes de pesca empregadas, principalmente em função dos pescadores de lagosta, oriundos do Ceará e do Espírito Santo. Essa mudança pode ser observada no porto, nas casas de hospedagem de pescadores (a maior parte desses pescadores deixa a família na cidade de origem e vem para Alcobaça somente para trabalhar).

Nessa primeira parte serão apresentados os dados gerais dos pescadores das localidades que não estão diretamente ligadas a uma Área Marinha Protegida - Prado e Alcobaça - de forma agregada. A seguir serão apresentados a análise qualitativa e as características culturais de cada uma das localidades.

## PRADO E ALCOBAÇA

Foram entrevistados 219 pescadores nas duas localidades.

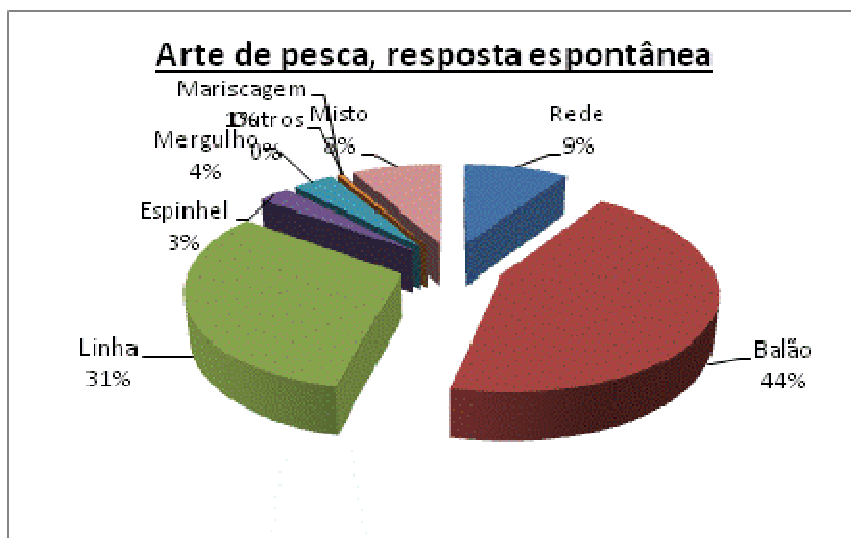
local	Num. Pescador estimado pela(s) colônia(s)	RGP emitidas	Barcos/ Botes / canoas	Estimativa famílias pescador	Percentual amostral %	Entrev. Total	Entrev. Longas	Entrev. Curtas
				UNIVERSO		AMOSTRA TOTAL	(de 16% a 32%)	(de 68% a 84%)
PRADO **	1200	800	180	400	24	94	20	74
ALCOBAÇA	1200	700	+	600	21	125	20	105

\* numero de pescadores divididos em duas ou mais colônias

\*\* parte dos pescadores da colônia de Prado estão computados na RESEX Corumbau, barcos de Prado refere-se aos barcos que ficam na sede do município

+ dados indisponíveis

A resposta espontânea à questão “o sr. Pesca de que?” foi muito coerente com a resposta dirigida. Na resposta espontânea predomina a pesca de balão (44%) seguida pela pesca de linha (31%). Na questão sobre a principal arte de pesca, os resultados foram 42% e 38%, respectivamente.

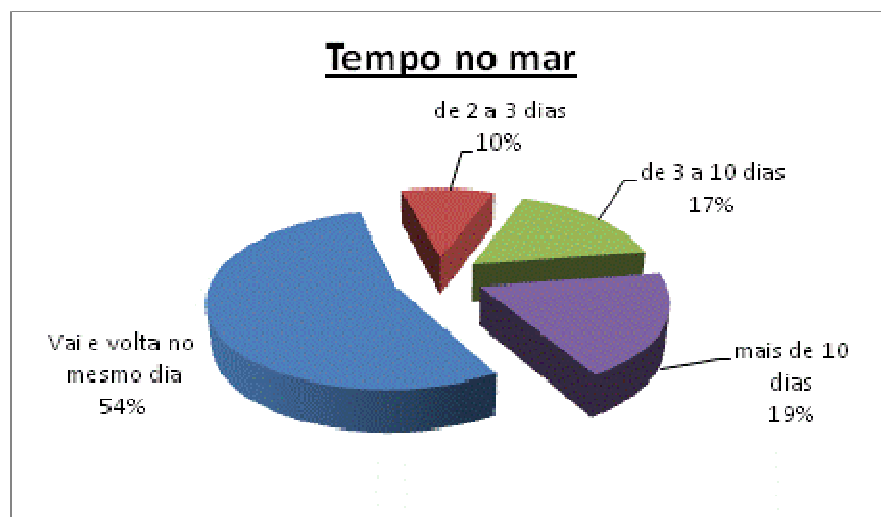


A maior parte do que é pescado (96%) destina-se à comercialização para atravessadores (80% dos que comercializam). Diferentemente das outras localidades, apenas 29% dos pescadores tem embarcação, sendo 64% da frota composta de barcos a motor (45% de motor B18).

Desmembrando a amostra entre pescadores de Prado e de Alcobaça verifica-se que a proporção de pescadores sem barco é maior em Alcobaça (74%) do que em Prado (64%). A pesca dessas localidades caracteriza-se como uma pesca em fase de transição para um modelo capitalista, ou, conforme classifica DIEGUES (1984), pela produção dos armadores de pesca e embarcados. Um levantamento realizado por uma pesquisa anterior (CURADO, 2008), junto aos frigoríficos da região, apontou que pelo menos 45 dos barcos de Prado e Alcobaça são dos frigoríficos, que trabalham em esquema de meia com os pescadores dessas localidades.

Um terço (33%) das embarcações não está no mar todos os dias, 51% depende da época e 16% está no mar todos os dias. Dos que não estão no mar todos os dias predomina a frequência de 2 a 3 vezes por semana.

A grande proporção de pesca de linha, destinado ao mercado de exportação, faz com que o tempo no mar dos pescadores dessas duas localidades seja diferente dos outros pescadores pesquisados.

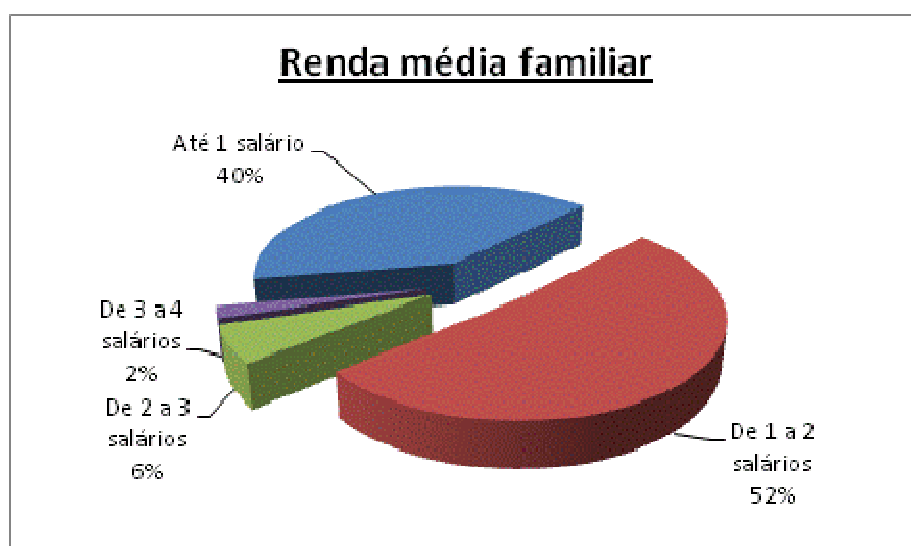


A proporção de pescadores com Registro Geral de Pesca e que recebem o seguro defeso é maior do que a amostra total: 86% tem RGP e 89% recebe seguro defeso. Desmembrando a amostra verifica-se que, dos 38 pescadores que declararam não ter RGP, 82% são de Alcobaça.

A percepção da produção da pesca é que a mesma piorou (38%) ou piorou muito (25%). As causas atribuídas estão relacionadas ao aumento do número de barcos e de pescadores na região, principalmente dos pescadores “de fora”.

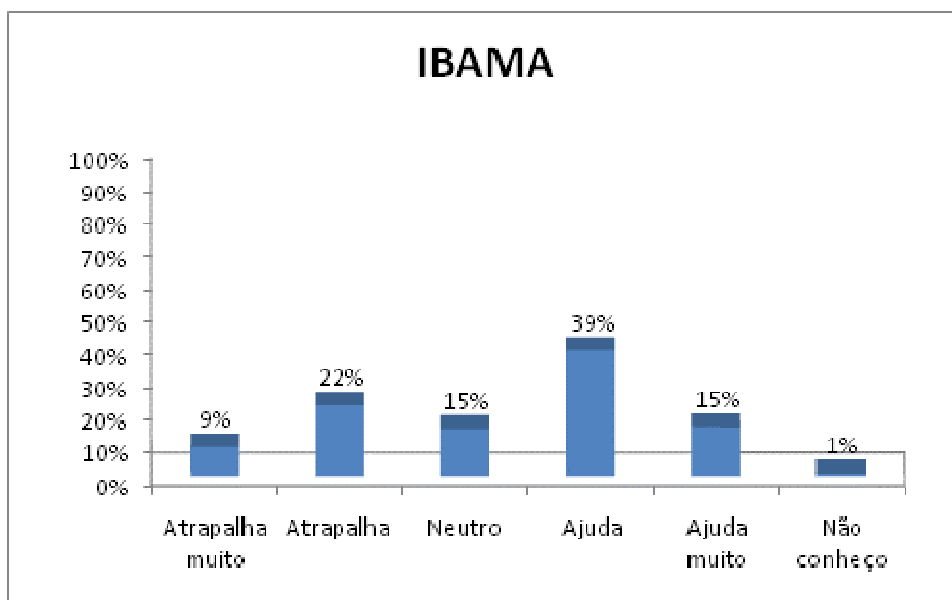
Uma vez que o foco da pesquisa foram os pescadores tradicionais, os entrevistados são, na sua grande maioria (78%) naturais do município, sendo 70% morou a vida toda no local.

A grande totalidade (97%) dos entrevistados declarou que a venda de pescado é a fonte de renda principal da família. A renda familiar média é superior a das outras localidades, sendo que a metade (52%) dos entrevistados apresenta uma renda familiar de 1 a 2 salários mínimos.

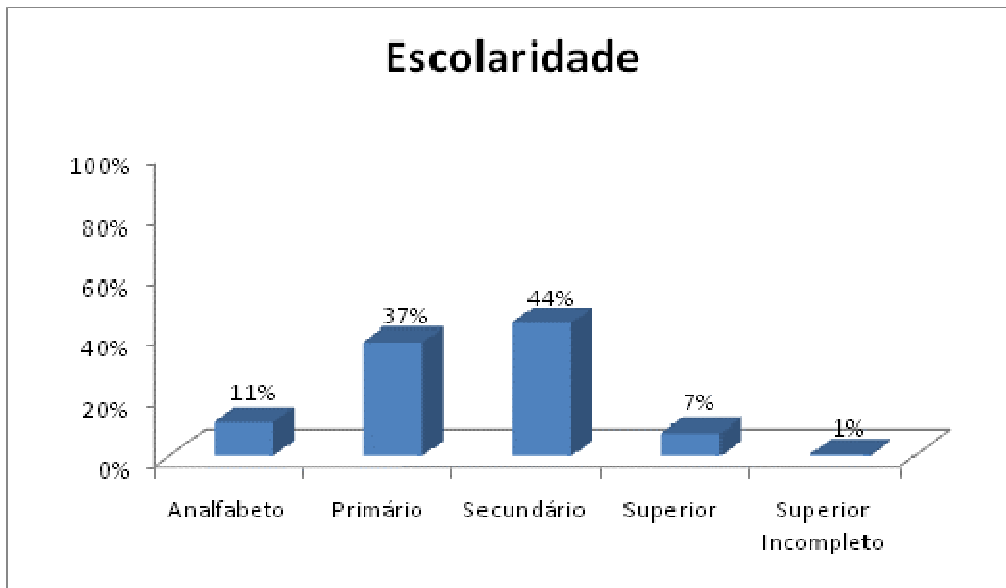


A participação em associações é significativa (82% declaram que são membros de alguma associação), assim como a participação em reuniões (83%). Dos que participam, metade (48%) declara participar raramente enquanto que um quarto (27%) vai em todas as reuniões.

Na análise da percepção sobre os atores destacam-se a avaliação positiva (ajuda e ajuda muito) da atuação dos atores institucionais: colônias (75% declara que ajuda e ajuda muito), da Marinha (65%), SEAP (62%) e da BahiaPesca (50%). Vale salientar que as avaliações negativas (atrapalha muito e atrapalha) se concentram nas seguintes atividades econômicas: barcos de pesca de outros lugares (60% considera que atrapalha muito e atrapalha), plantações de eucalipto (52%) e barcaças de eucalipto (42%). Dois terços (67%) declaram não conhecer o Instituto Chico Mendes e em relação ao IBAMA, as opiniões se dividem.



A análise dos membros da família aponta para um tamanho médio de família de 4 pessoas, sendo que dois terços das pessoas recebe 1 salário mínimo. A ocupação principal é a pesca (40%) seguida pela de estudante (31%). A distribuição da escolaridade apresenta um resultado superior ao da amostra total, dado que pode ser explicado pela concentração urbana dos entrevistados, fato que facilita o acesso à educação.



## ALCOBAÇA

A pesca em Alcobaça é muito dinâmica e bastante pluriativa, mas a pesca da lagosta tem se tornado a pesca-alvo do município. Alcobaça é a localidade que mais casos registram de acidentes relacionados com o mergulho com compressor, arte trazida pelos capixabas e cearenses. Já os pescadores de mergulho defendem-se dizendo que sua pesca é seletiva, já que ele “vê o peixe que está matando”, podendo escolher entre os maiores.

Um antigo pescador avalia a questão das embarcações e dos imigrantes do Ceará e do Espírito Santos que atualmente dominam a pesca na região:

*“Antes eu tinha um barco de 7 metros, eram poucas as embarcações maiores, né, de 12. Aí quando eles vieram foram chegando aí eles obrigaram até o pessoal daqui a aumentar as embarcações de maior porte. E que acontecia também, eles tiravam os pescadores nossos, muitos ribeirinhos que eram pescadores artesanais saíram por conta disso, porque eles ofereciam barcos de maior porte, mais vantagens...”*

Um pescador de Alcobaça, Seu Francisco, 43 anos, conta que saiu de Caravelas porque em Alcobaça os barcos são muito mais aparelhados. Com relação às vantagens e dificuldades relacionadas ao mundo da pesca, os pescadores são unânime em apontar a liberdade como uma das maiores vantagens na vida da pescaria e também a maior dificuldade é geralmente atribuída aos temporais ou ao vento sul. Segundo o pescador Francisco, na região tinha um peixe denominado espardarte que não existe mais e para ele senão existir um órgão fiscalizador, o mar vai ficar sem peixe e vai acabar com tudo.

Existe uma quantidade grande de marisqueiras na cidade de Alcobaça, a maioria que beneficia o produto nos frigoríficos e outras que pescam no Rio Itanhém. Há um movimento de marisqueiras que não estão incorporadas na Colônia porque a sua diretoria entende que pescador profissional é aquele que faz da pesca sua profissão ou meio principal de vida a partir de um decreto legal. Para o ex-presidente as marisqueiras não são pescadores, mas trabalham na área do beneficiamento. O pescador é então quem captura e a peixaria que deve cobrir o período de defeso. Esta visão não é compartilhada pela Associação de Marisqueiras que as vêm cadastrando para reivindicar o seguro-desemprego para esta categoria. Há, portanto, um conflito entre a Colônia e a Associação de Marisqueiras de Alcobaça, tendo inclusive alguns representantes desta entidade expulsos da Colônia quando a atual gestão recadastrou os pescadores a partir da “conceituação” legal dos pescadores. Mas segundo as marisqueiras entrevistadas, elas nunca receberam o seguro prometido.

Maria da Ajuda do Rosário que aprendeu a “quebrar” o siri com a avó e começou a pescar com o marido, considera-se pescadora, já que balôa e também coloca rede e pesca de linha também. Segundo ela, existem umas três mulheres que fizeram o curso na Colônia e hoje têm carteira de pescadora. As outras marisqueiras pegam o siri ou o robalo no rio e também beneficiam o produto, estas mulheres se consideram pescadoras ribeirinhas:

*“Tem muitas mulheres aqui que são marisqueiras, que descascam o camarão, mas têm medo de pegar a batera e ir por rio remar. Os homens vão pro mar, mas tem muitos que não tem coragem também de ir pro rio remar. Você tem que puxar a siripóia contra a maré”*

As marisqueiras geralmente vão sozinhas de canoa pegar o siri no rio com a siripóia e conseguem ganhar até um pouco mais de um salário por mês. Passam o dia todo no rio pescando e ainda têm que voltar para suas casas para quebrar o siri. Segundo elas, o único meio de sobrevivência das mulheres em Alcobaça é com a mariscagem ou para aquelas que conseguiram estudar, existem também alguns trabalhos na prefeitura.

*“O Rio é uma segunda casa pra mim.”  
(Maria da Ajuda, 44 anos, marisqueira de Alcobaça)*

Para a marisqueira Maria da Ajuda Trindade de Alcobaça, 60 anos, pescadora de siri, marisqueira é só aquela que pesca e quem só limpa camarão deve ser considerada outra coisa, como descascadeira de camarão.

A festa de São Bernardo, padroeiro da cidade e a festa de São Pedro são as festas tradicionais de Alcobaça, nas quais os pescadores mais participam. Os

festeiros todo o ano muda, mas tem nove anos que a festa é bem participativa, depois que a prefeitura fez o bairro de São Pedro com a capela.

## PRADO

São apresentadas aqui os resultados das entrevistas com os pescadores da cidade. No próximo item será apresentado os resultados das entrevistas dos extrativistas da RESEX Corumbau, que tem a maior parte dos seus pescadores residentes no município de Prado.

Percebe-se que boa parte dos pescadores utiliza-se de várias artes de pesca, sendo a principal a linha, em segundo lugar o balão e em terceiro lugar o espinhel e a rede. Os principais pesqueiros utilizados por eles são: Guaratiba, o Rio Jucuruçu, Cascalho, Alto Grande, Timbebas, Barra, Fundagem Grande, Fundagem de Leste, Barranco de Leste, Areia Preta, Farol, Cabeço, Mar do Dentão, Cordas, Sequeiro, Corumbau e até Belmonte. Os pescadores do Prado também costumam vender sua produção pesqueira para atravessadores do local. Para os pescadores do Prado, a pescaria vem piorando muito ao longo dos anos e a maioria atribui a esse fator, o crescimento da quantidade de barcos e de pescadores na cidade. Segundo os pescadores, os peixes que mais dão no Prado são os considerados peixes de linha, como: a Saioba, o Vermelho, o Badejo e o Cação.

Os pescadores antigos do local, como o Sr. José Caetano, 73 anos, mais conhecido como Fura Mato, que pescava desde criança, começou no rio e no mangue, depois foi para o mar. Lembra da quantidade de caranguejo, de sarda e cação que existia na região, de quando só tinha apenas um barco na cidade que ainda resiste até hoje. Do medo de enfrentar a incerteza do mar, lembra que muitos chegavam até Abrolhos de canoa, na vela e às vezes até no remo. Durante o tempo que foi pescador chegou a ter até cinco barcos, usados por toda a família de pescadores que até hoje sobrevive da venda do pescado. Segundo ele, o balão acabou com os peixes do mar, já que ele passa e pega todos os filhotinhos:

*“Naquela época os barcos chegavam do mar carregados de peixe e hoje em dia os barcos voltam do mar carregados de rede”.*

*“Tem que ter uma Reserva, senão acaba mesmo, porque o pescador quanto mais ele pega, mais ele quer.”*

As marisqueiras na cidade do Prado são aquelas que beneficiam o produto nos frigoríficos e peixarias. Atualmente existem raríssimos marisqueiros ou marisqueiras que ainda pescam e extraem o marisco do Rio Jucuruçu ou na beira da praia. A maioria dessas mulheres são esposas ou filhas de pescadores. Duas figuras representativas dessa atividade é a D. Nidinha, 70 anos, ela se considera

a única marisqueira de verdade do Prado e também seu, José Gonçalves, 56 anos, mais conhecido como Zé do Siri que só pesca siri desde os nove anos de idade. Dona Nidinha já exerceu várias atividades na vida, moendo café ou sendo camareira em hotel, aprendeu a arte de mariscar e pescar desde criança com seus irmãos, a mãe brigava, mas quando via ela já estava na beira do rio. Sua família quase toda é composta de pescadores que sobrevivem da venda do pescado. Quase todos os dias D. Nidinha pega sua canoa, sai na vazante e volta na enchente, vai remando para pescar com a linha e ainda pega Robalo, Vermelho, pescadinha, aratu, siri e outros.

*“Quando eu embarco na minha canoa, eu falo pra mim mesmo, Jesus na frente, eu no meio e Nossa Senhora atrás. Vai comigo meu deus!”*

Conta a marisqueira ou pescadora mais famosa do Prado que atualmente só pesca para comer. Ela diz que no tempo que o marido dela estava vivo tinha muito mais peixe e acha que está acabando por causa das redes finas que pegam os peixinhos pequenos. Com relação às tradições culturais do local, uma das festas que segundo ela era muito bonita e não tem mais por falta de apoio é a Festa do Terno de Reis.

Já seu Zé do Siri sai com sua canoa para pescar o siri com a siripóia todos os dias no rio. Ele também é associado da Colônia e segundo ele tem muito siri todos os dias, às vezes chega até a pegar uns 100 siris por dia: *“O que acabou aqui foi o caranguejo, mas o siri não acaba não!”* Para ele não tem tempo melhor para pescar o siri, mas para vender é muito melhor no verão: *“Como diz o cabloco, nem todo dia deus quer comer siri”*. Seu Zé do Siri consegue ganhar mais de R\$ 800 por mês. Para ele “marisqueiro(a) é aquela que vai pegar o camarão e não aquela que só descasca. Seu Zé do Siri é católico e já foi festeiro da festa de São Sebastião, do ponto “fraco” que segundo ele é a parte pobre que organiza a festa.

Com relação à religiosidade dos pescadores, a grande maioria entrevistada se declarou católica e alguns poucos sem religião definida. Segundo alguns pescadores, o problema do enfraquecimento das festas tradicionais deve-se também ao padre novo que é contra as festas e não quer imagem de santos na igreja.

As principais festas tradicionais da cidade apontadas pelos pescadores entrevistados são, em primeiro lugar, a festa de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Purificação, a padroeira da cidade. Esta festa acontece no dia 2 de fevereiro, quando as primeiras horas da manhã são anunciadas com estouros de fogos de artifício e pelo som das melodias tocadas pela Filarmônica Lira Pradense que desfila pelas principais ruas da cidade. As comemorações seguem durante o dia com missas, batizados e procissões. Outra celebração acontece agregada aos festejos da santa, é também neste dia que se comemora na cidade o dia de São Sebastião.

As comemorações do santo incluem, além da procissão, o som de uma luta, uma representação de uma batalha entre mouros e cristãos, que envolve tanto uma disputa verbal- as embaixadas, como também uma luta de espadas. No entanto, umas das figuras mais importantes dessa festa era o Sr. Bernardo da Silva Gomes, mas conhecido como Baú, pescador e líder da “brincadeira” que faleceu há pouco tempo. Hoje em dia quem está ainda à frente da festa é o Sr. Romildo.

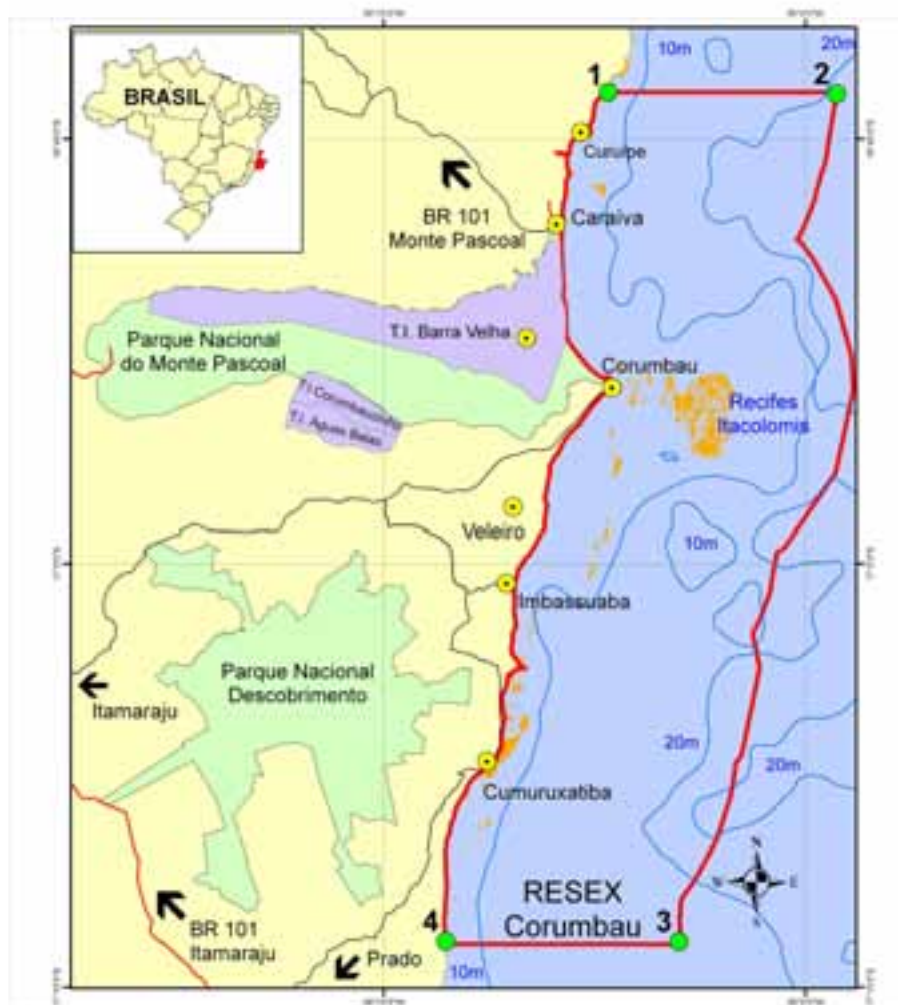
O pradense Eujácio, estudioso das manifestações artísticas do local e coordenador do teatro popular do local conta que antigamente existia também na cidade várias comemorações, como: as machinhas, as pastorinhas, as baianas, o bumba meu boi. Uma das manifestações culturais que resistiu e que ainda é muito celebrada no Prado, no dia 17 de abril, é a Marujada, mas conhecida também como “Negritos de São Benedito”. Uma tradição que ainda é passada de pai para filho, garantindo assim a sua perpetuação. Neste dia, os marujos tomam as ruas de Prado com cânticos a fim de homenagear o seu santo protetor, já que para fazer parte dessa irmandade é necessário que se tenha feito uma promessa ao santo e que sua graça tenha sido atendida. As fitas usadas nas vestimentas significam o tempo de participação no grupo e também o número de filhos que também deles participam, fazendo com que suas vestimentas fiquem ainda mais coloridas. Uma dança nascida num batuque de samba. Ainda existem quatro pessoas na cidade a frente dessa festa, mas nenhuma delas é pescador. A festa de São Pedro, organizada pela Colônia de Pescadores não tem tido muito apoio e nem participação dos pescadores e corre o risco de ficar cada vez mais enfraquecida. Esse ano tinha apenas três barcos enfeitados na procissão.



Festa de São Pedro no Prado

# Análise das Localidades – RESEX Corumbau

A Reserva Extrativista Marinha do Corumbau fica no Estado da Bahia, nos municípios de Prado e Porto Seguro, compreendendo o cinturão pesqueiro entre a Ponta do Espelho, Praia de Coruípe, a Barra das Ostras e Praia de Comuruxatiba, incluindo a faixa marinha de 8 milhas náuticas paralela ao Parque Nacional Costa do Descobrimento. A população extrativista da reserva está espalhada pela costa e concentradas em comunidades como Curuípe, Caraíva, Aldeia Indígena de Barra Velha, Bugigão, Corumbau, Veleiro, Imbassuaba e Cumuruxatiba.



A pesquisa foi realizada nas localidades de Caraíva, Aldeia Indígena de Barra Velha, Bugigão/Corumbau, Veleiro, Imbassuaba e Cumuruxatiba. Foram entrevistados 88 extrativistas, assim distribuídos:

local	Barcos/ Botes / canoas*	Estimativa famílias pescador  UNIVERSO	Percentual amostral %	Entrev. Total  AMOSTRA TOTAL	Entrev. Longas	Entrev. Curtas
Cumuruxatiba	60	100	17	17	5	12
Imbassuaba	13	15	53	8	3	5
Veleiro	7	10	60	6	3	3
Corumbau/Bugigão	60	80	31	25	8	17
Caraíva	30	30	60	18	5	13
Barra Velha	10	15	73	11	3	8
<b>RESEX CORUMBAU *</b>	<b>180</b>	<b>250</b>	<b>35</b>	<b>88</b>	<b>28</b>	<b>60</b>

\*estimativa

A Reserva Extrativista Marinha do Corumbau - RESEX Corumbau, situada nos municípios do Prado e Porto Seguro, BA, abriga importantes ecossistemas do Banco dos Abrolhos, área considerada de Extrema Importância Biológica, compreendendo a maior biodiversidade marinha do Atlântico Sul. Populações tradicionais de pescadores artesanais, indígenas e não-indígenas, utilizam e dependem, há gerações, dos recursos pesqueiros desta área, mobilizaram-se, a partir de 1998, para a criação da RESEX, que ocorreu no ano 2000.

O objetivo principal das Reservas Extrativistas é o de garantir a exploração sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis tradicionalmente utilizados pela população extrativista da área. Criada em 2000, a Reserva Extrativista (RESEX) Marinha do Corumbau cobre 89.525 hectares na porção norte do Banco dos Abrolhos. Com seus recifes e bancos lamosos, a RESEX do Corumbau deveria sustentar comunidades de pescadores tradicionais.

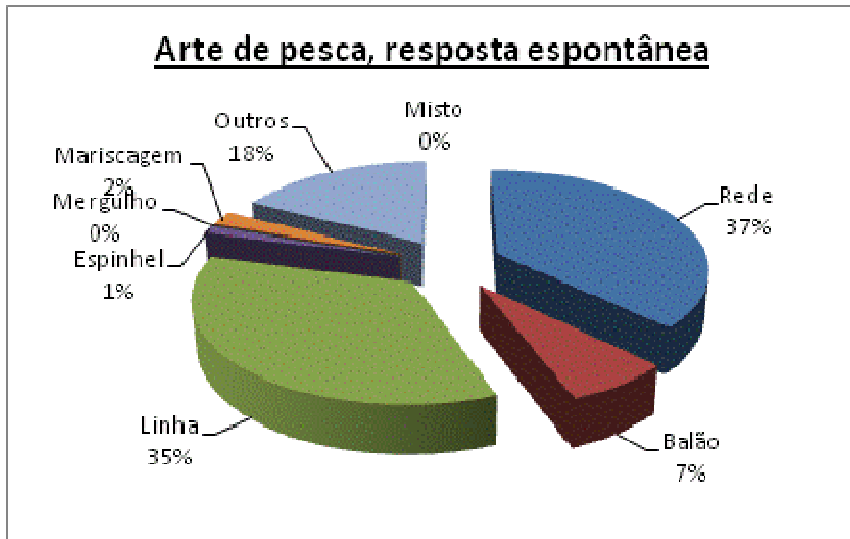
O que motivou a criação da Resex do Corumbau foi a enorme quantidade de barcos que buscavam principalmente os pesqueiros de camarão, muito abundantes na região. A memória coletiva narra a reclamação dos pescadores da Ponta do Corumbau, acuados pelos barcos “de fora” (de Caravelas, Alcobaça, Nova Viçosa e outros bem distantes como Vitória/ES e Macaé/RJ), que tiveram suas queixas atendidas por um juiz do Prado, sensibilizado pela questão dos pescadores. A partir de então outros agentes entram em cena como o antigo CNPT/IBAMA. Aproveitando-se das solenidades dos 500 anos de Brasil, pescadores, pataxós e ambientalistas pressionam a criação da RESEX do

Corumbau. Passados 7 anos de existência da Unidade, muitos pescadores ainda vêem a RESEX como uma proposta que ainda não chegou a seu termo, pois muitos dos “benefícios” prometidos pelo “grupo da RESEX” não se realizaram. De todo modo, os pescadores da Unidade regozijam-se da tranqüilidade com que hoje praticam a pesca, sem a tensão dos pescadores “de fora”.

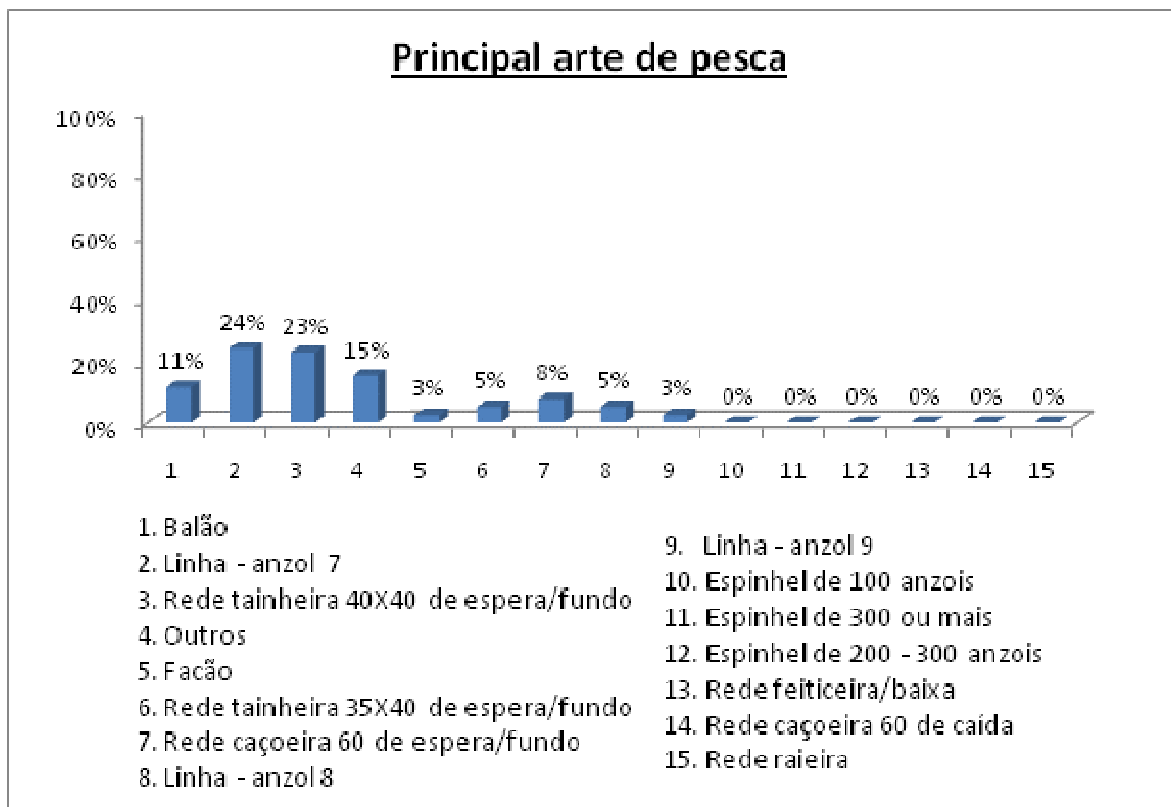
RESEX CORUMBAU	
Argumentos contra	Argumentos a favor
Queda no preço do pescado/falta de mercado	Aumento da produção
Falta de fiscalização	Comunicação entre/com pescadores de outras localidades
Novos conflitos	Pertencimento, identidade de classe
Dificuldade de se conseguir tripulantes	Elevação da auto-estima
Desrepeito/ignorância das regras estabelecidas	Normatização por regras elaboradas coletivamente
Expulsão de pescadores de outras localidades	

A RESEX Corumbau se estende por uma área de 62 km de costa a abrange várias localidades, entre elas, as vilas de Caraíva, Barra Velha, Corumbau, Veleiro, Imbassuaba e Cumuruxatiba. Os cerca de 300 pescadores beneficiários da RESEX Corumbau operam aproximadamente 100 canoas e botes e 85 barcos motorizados de pequeno porte (5-12m de comprimento; 11-22hp). A pesca é realizada principalmente nos recifes e secundariamente em fundos não consolidados (lama e areia). Os principais petrechos são linhas de mão (com um ou dois anzóis), espinhéis de superfície, arpões e diversos tipos de redes, inclusive arrastos motorizados (balão). Também merece destaque a mariscagem nas praias e manguezais sobre os recifes na maré baixa, com notável participação das mulheres.

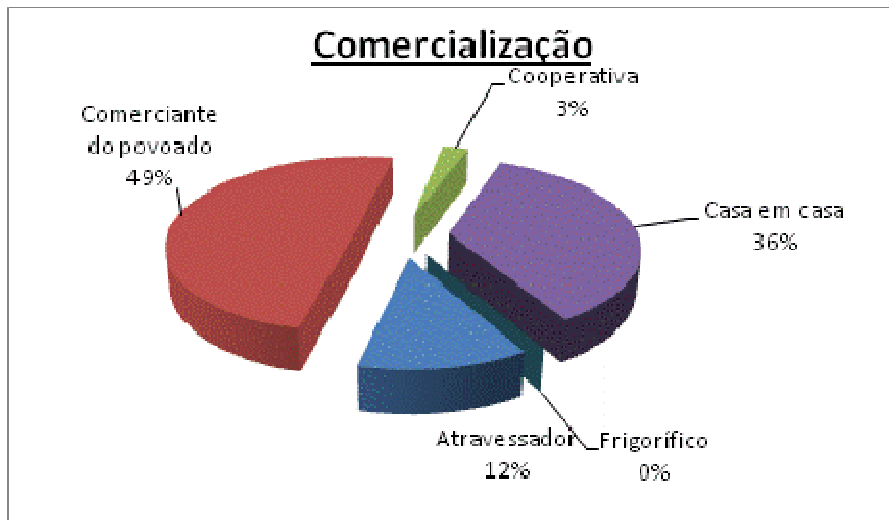
Na resposta espontânea os pescadores da RESEX Corumbau afirmam pescar prioritariamente de rede (37%) e de linha (35%).



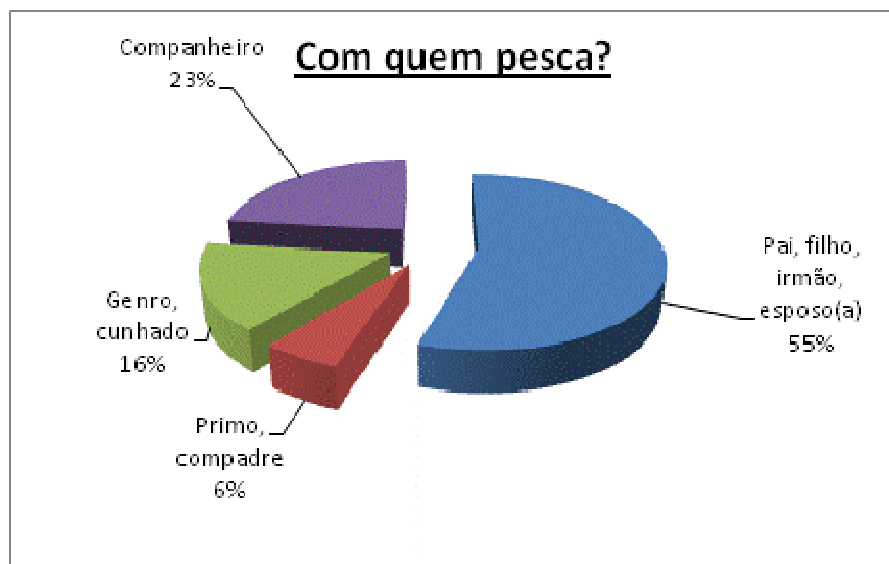
Ao analisar os resultados da resposta dirigida, há um aumento significativo na declaração da arte de pesca principal ser o balão.



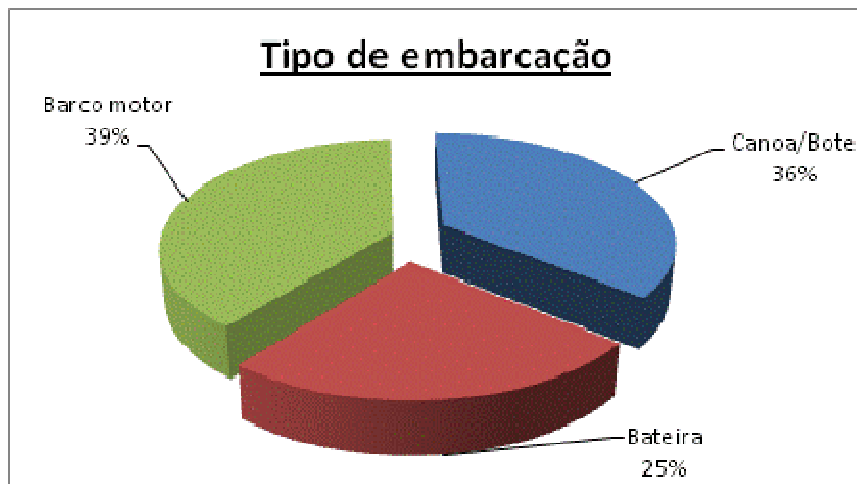
A maior parte do que é pescado (91%) destina-se à comercialização para comerciantes do povoado (49%). É importante observar que a comercialização de casa em casa é significativa, apresentando uma frequência de 36%.



Dois terços dos pescadores (65%) pesca com companheiro, na sua maior parte, com membros do grupo familiar.



Dois terços dos entrevistados (63%) tem embarcação, sendo que a frota divide-se proporcionalmente entre barco a motor, canoa/bote e bateira. Entre os barcos a motor, metade (56%) tem motor B18 e um quarto (27%) tem urna.

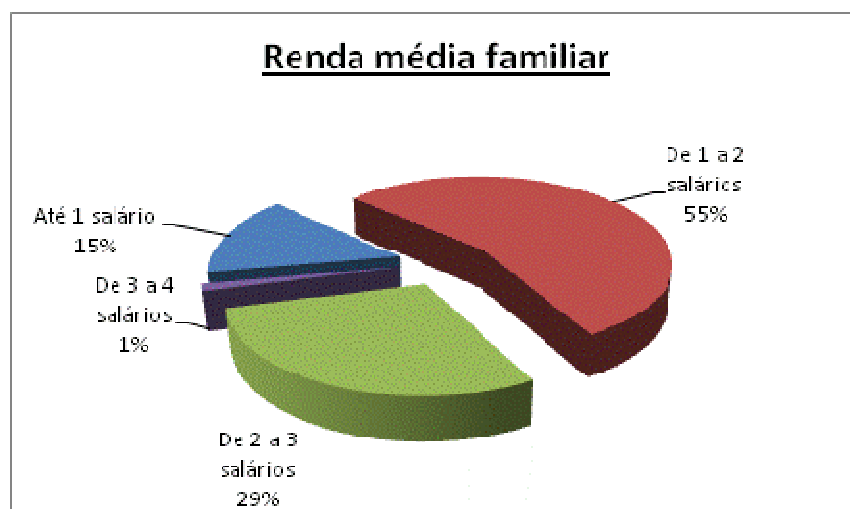


Um pouco mais de um terço (37%) das embarcações está no mar todos os dias. Destes, 77% saem de 2 a 3 vezes por semana, com um padrão de pesca diário: 96% vai e volta no mesmo dia.

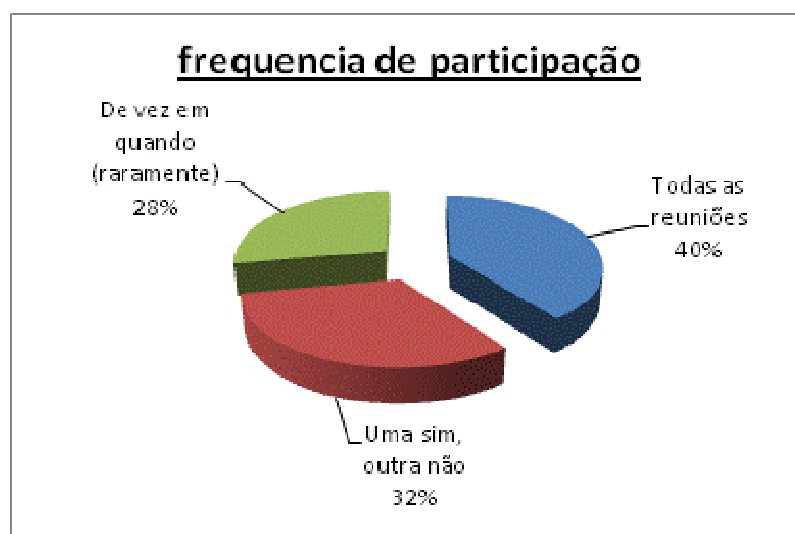
Dos pescadores entrevistados, 62% apresenta RGP e destes, 75% recebe seguro defeso. A grande maioria (86%) é natural do município, sendo que 44% morou a vida toda no local e 37% mora no local há mais de 20 anos.

Na percepção de metade dos pescadores, a produção de pesca melhorou nos últimos anos, principalmente devido saída dos barcos de “fora”, com a criação da RESEX.

Para 77% dos entrevistados a fonte de renda principal da família é a venda do pescado. A renda média familiar é superior a de outras localidades estudadas: apenas 15% das famílias declara uma renda média de até 1 salário mínimo.



Dos entrevistados, 81% declaram participar de alguma associação e destes, 78% participam das reuniões da associação. A frequência de participação se divide:



Em relação à percepção sobre os atores, há uma percepção positiva em relação a associação de pescadores/moradores, com 61% declarando que ajuda, o IBAMA, com 56% declarando que ajuda ou ajuda muito; em relação à Colônia, com 44% declarando que ajuda. Entre os atores negativamente avaliados, destacam-se os barcos de pesca de outros lugares, com 47% declarando que atrapalha ou atrapalha muito, as plantações de eucalipto, com 35% declarando que atrapalha ou atrapalha muito, e as barcaças de eucalipto, com 31% declarando que atrapalha ou atrapalha muito.

É importante observar percepção dos pescadores entrevistados em relação ao Instituto Chico Mendes, órgão gestor da RESEX Corumbau: 56% declara desconhecer o ICMBio. Outros atores que atuam na RESEX e que apresentaram um alto índice de desconhecimento foram a Bahiapescas (83%), a Conservação Internacional (70%) e a SEAP (48%).

As comunidades de Corumbau, Cumuruxatiba e Caraíva exploram a pesca e, recentemente, o turismo, e Imbassuaba e Aldeia Indígena Barra Velha são núcleos que complementam a pesca com a agricultura de subsistência, sendo que a aldeia mais recentemente também com o artesanato. Para melhor entender essas duas realidades, estaremos analisando as localidades em dois grandes grupos: localidades onde a pesca é mais estruturada - Cumuruxatiba, Corumbau/Bugigão e Caraíva - e localidades onde a pesca é principalmente de subsistência - Imbassuaba, Veleiro e Barra Velha.

	canoas/bote *	Barcos a motor *	Pescadores *	Atravessadores	balão	linha	rede de espera	rede caída	rede de calão	turismo
Cumuruxatiba	35	25	100	3	+++	++	++	+		+
Imbassuaba	11	2	35	-		+	++		+	
Veleiro	6	0	16	-		+				
Corumbau/Bugigão	20	40	70	3	+++	++	+			+
Caraíva	15	18	30	1	+	++	++			++
Barra Velha	8	2	17	-		++	++			

\* número aproximado

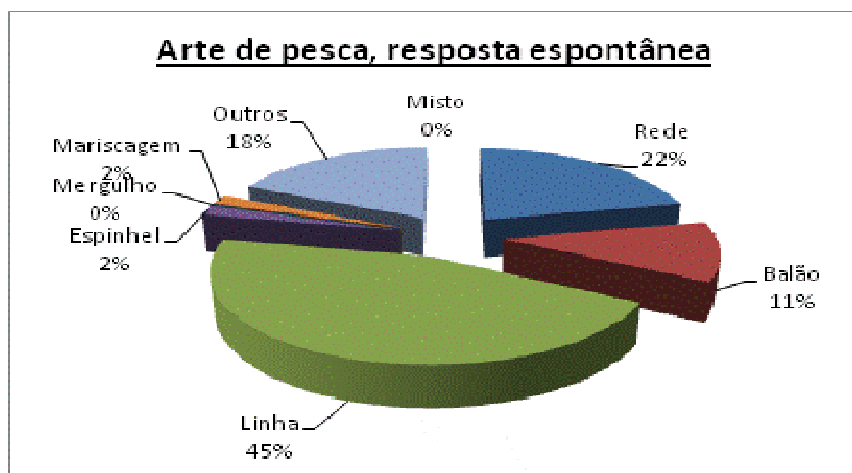
+++ muito praticado; ++ médio praticado; + pouco praticado

Quadro 2. Principais características das comunidades da RESEX Corumbau

## AS LOCALIDADES ONDE A PESCA É MEIO DE VIDA: CUMURUXATIBA, CORUMBAU/BUGIGÃO e CARAÍVA

Para a divisão das localidades onde a pesca é meio de vida foram consideradas aquelas localidades onde existe uma estrutura de comercialização do pescado, com atravessadores, defumadores e frigoríficos. Entre as localidades de Cumuruxatiba, Corumbau/Bugigão e Caraíva, Cumuruxatiba é a localidade onde a comercialização é mais estruturada, com três atravessadores locais. Em seguida, vem Corumbau, e, por último, Caraíva, onde a comercialização de pescado é intensa na temporada de turismo e incipiente nos meses sem turismo.

Nas três localidades, a arte de pesca principal, na resposta espontânea, é a pesca de linha (45%). Ao serem indagados sobre qual era a arte de pesca principal, 33% responderam linha anzol 7, enquanto que a arte de pesca secundária que prevalece é o balão (para 27% dos entrevistados)

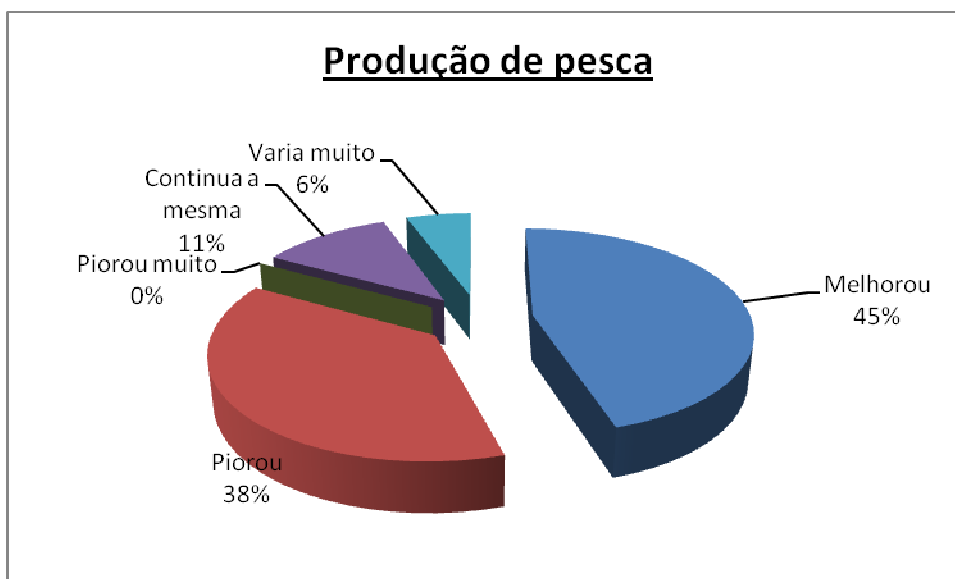


A grande maioria (91%) pesca para vender, e, destes, metade vende para o comerciante do povoado. É interessante observar que quase 1/3 dos entrevistados declara vender de porta em porta.

Quase  $\frac{3}{4}$  (73%) afirmam pescar com um companheiro, e, na relação de companheiro prevalece as relações familiares - apenas 30% pescam com um companheiro que não é membro da família, sendo que quase metade pesca com membros do núcleo familiar - pai, filho, irmão, esposa.

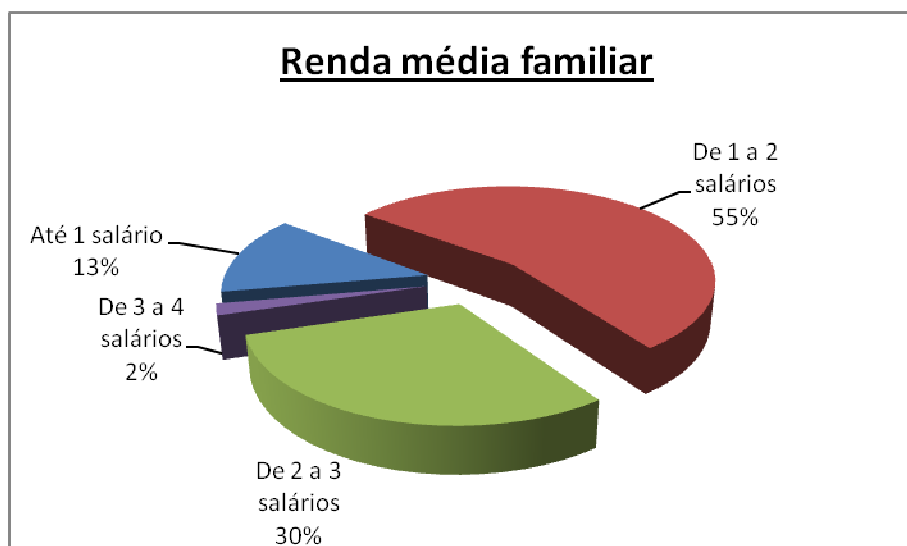
69% dos entrevistados declara ter barco próprio, sendo quase a metade (48%) tem por barco a motor. A posse de canoa ou bote, nestas localidades, corresponde a 26% dos entrevistados.

Em relação à percepção da pesca, 45% informou que melhorou nos últimos 5 anos.



A grande maioria dos entrevistados é natural do município e mora na localidade há mais de 20 anos ou a vida toda (78%).

A principal fonte de renda, para 80% dos entrevistados, é a venda do pescado. Um dado que chama a atenção é a renda média familiar: 55% que a renda média familiar é de 1 a 2 salários mínimos e 30% de 2 a 3.



A análise das famílias (base de 337 pessoas), indica um baixo nível de escolaridade (77% tem até o primário e 13% é analfabeto).

Em relação aos atores, os entrevistados desconhecem a BahiaPesca (82%), a Ecomar (65%), a Conservação Internacional (69%), o ICMBio (62%) e a SEAP (49%).

A percepção neutra predomina para as prefeituras municipais (62%), para as plantações de eucalipto (58%) para a Marinha (42%), para o Instituto Baleia Jubarte (40%), para os barcos de turismo (42%) e para as barcaças de eucalipto (45%).

A percepção positiva (ajuda ou ajuda muito) predomina para a Associação de pescadores/moradores (59%), para o IBAMA (55%), para as pousadas (44%), para a Colônia (40%).

O único ator/situação que predomina a avaliação negativa são os barcos de pesca de outros lugares, com 53% afirmando que atrapalha ou atrapalha muito.

## CUMURUXATIBA

Cumuruxatiba é um distrito do município de Prado, criado pela lei Estadual nº 234, no dia 05 de junho de 1898. O mais antigo relato sobre Cumuruxatiba foi o do Príncipe Wied-Neuwied- que realizou uma viagem ao Brasil entre 1815 e 1817. Sobre Cumuruxatiba, o viajante contou: “o litoral forma nesse trecho, um porto seguro e protegido, não decerto dos ventos, mas do oceano, por arrecifes e com um bom ancoradouro, tendo ainda a vantagem, da entrada está referida aos navegantes por meio de um marco.”



Atualmente a população é estimada em 5886 habitantes (IBGE, Censo 2000). Segundo os moradores, até 1940, a vila era dividida em duas partes: próximas a igreja, as casas eram de madeira, onde moravam os pescadores e próximo à represa, as casas eram de taipa, onde residiam, índios da etnia pataxó. A partir de então, houve um processo de concessão de terras com o intuito de promover o desenvolvimento do extremo-sul. Primeiramente, a concessão de terras, visava o desenvolvimento extrativista de madeira e de areia monazítica, sendo a primeira doação de terras para a Bralanda e a segunda para o CNEN (Conselho Nacional de energia Nuclear). Para facilitar o transporte da areia, o próprio CNEN, construiu um píer, com cerca de 1000 metros no oceano atlântico, na década de 60. Com a construção da BR 101, na década de 1970, houve uma redescoberta da região, aumentando o fluxo de visitantes, novos moradores e estabelecimentos comerciais. Atualmente, a economia de Cumuruxatiba é baseada na pesca marítima e no turismo, sendo esse segundo, uma atividade sazonal que tem sua alta temporada no verão, do ano novo ao carnaval.

O acesso ao local dá-se por estrada de terra (32 km de Prado) ou transporte marítimo. A região possui energia elétrica, água proveniente de poços artesianos e gerenciamento de resíduos por meio de fossas. A comunidade está organizada em algumas associações, como: Associação de Comerciantes e Pousadeiros, Associação de Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Projeto Cumuruxatiba e Associação de Pescadores de Cumuruxatiba. Segundo dados da Associação, existem um total de 30 barcos motorizados no local, a maioria pratica a pesca do camarão.

Segundo o pescador antigo de Cumuruxatiba, Sr. João dos Santos Neves: *“Antigamente, aqui tinha muito trabalho, por causa da madeireira e da empresa*

*de areia e de minério. E também tinha muito peixe e camarão, de certos tempos para cá falhou muito. Acha que a causa disso é o aumento do número de pescador e de barco. Aqui tinha poucos barcos motorizados que baloavam. Depois da RESEX, melhorou por que diminuiu o número de barcos, mas a pescaria não melhorou. Cada vez mais a tendência é piorar e acabar”.*

Em Cumuruxatiba, os pescadores ou os pedrados recebem o nome de pescadores mais experientes que acharam os pontos, são eles: Pedrado de Mauro, Pedrado de Oscar, Pedrado de Dete, Pedrado de Valmir, dentre outros. Existem também os pescadores de camarão do local que são: A Coroa, Imbassuaba e Barra do Cahy. E também outros de peixe, como: Seladinha e Alto do Meio. Os mais velhos são apontados pela comunidade como aqueles que mais conhecem as qualidades de peixe do local, sendo eles: o Bagre e seus seis tipos, o Vermelho, Sargo, Badejo, Budião, Cação, Arraia, Garoupa, Guaiúba, Guaricema, Gonçalo, Samucanga, griamã, kalafate, sarda e etc. Segundo os pescadores, atualmente existe uma dificuldade maior de pegar algumas espécies de peixe como: o Peroá e a Pescada.

Na relação dos pescadores com o meio ambiente, apesar da maioria praticar a pesca de arrasto, ou balão, eles têm a consciência da devastação que esta arte de pesca causa no mar, por capturar também os peixes pequenos. No entanto, acreditam que tem que existir uma forma de pegar o camarão, que não seja com o balão, mas não sabem dizer qual seria essa alternativa. Muitos pescadores afirmam também que depois do cultivo do eucalipto na região, estes estão crescendo e atrapalhando as marcações já feitas pelo Monte Pascoal.

Um dos donos de peixaria de Cumuruxatiba é o antigo pescador, Sr. Benedito Chaves Nobre, mais conhecido como Binga, 49 anos. Binga nasceu na Fazenda Barra do Cahy e os pais também eram nativos. Começou a pescar com a idade de 14 anos. O pai dele colocava todos os filhos na canoa e levava para pescar, nem todos agüentavam por causa do enjôo. Hoje em dia já tem quatro barcos a motor e uma peixaria. Conta também que já tem em vinte e dois anos de carteira de pescador. Segundo ele: *“Antes aqui dava muito peixe, só que tinha que salgar tudo. Hoje a pesca está muito fraca, não tem camarão, nem peixe.”* Para ele, por um lado, depois da Reserva melhorou porque antes tinham muitos barcos.

Segundo outro pescador experiente do local, Sr. Mauro Almeida de Matos, 59 anos que também nasceu em Cumuruxatiba. Na época que pescava com o pai quando era pequeno, na comunidade tinha muito camarão e peixe também que era pescado de linha. Mas acha que *“Aqui vai ficar difícil também, por causa das redes e do balão. A população vai crescendo e o balão e o mergulho de compressor, estão acabando com tudo. O Mero é proibido, mas os mergulhadores matam tudo.”* Os filhos trabalham com pesca e outras atividades.

Ele possui um barco a motor e um bote a vela. Tem carteira de pescador desde 1973 e recebe seguro defeso do camarão. Segundo Sr. Mauro: *“Se tiver que parar o balão, tem que parar todo mundo. O futuro da pescaria vai ficar difícil, senão parar o balão e o compressor. Antes eu tinha uma canoa e eu trazia cheia de badejo, mas hoje em dia não tem mais. Daqui há uns dez anos, não tem mais nada.”*

Com relação ao futuro da pescaria, o pescador, José Carlos da conceição Santos, nativo de Cumurú, 33 anos, acredita que a chance dos pescadores é pouca, do jeito que a comunidade está indo sem uma cooperativa. Acredita também que o balão é uma destruição, apesar de usar o balão: *“A gente está pescando hoje, sabendo que estaremos sendo prejudicados mais tarde.”*

Com relação à questão comunitária e a associação de pescadores, foi unânime a opinião dos pescadores sobre a falta de uma representação efetiva pra eles, já que de todas as comunidades visitadas da RESEX, a única que ainda não tem uma sede é Cumuruxatiba. Segundo o pescador, Sr. Milton Pereira dos Santos, 55 anos, nascido em Minas Gerais: *“A associação aqui está desunida. Aqui tem 187 pescadores associados, mas segundo eles, nas reuniões não passa de vinte associados presentes. Aqui não tem nem local para reunião, porque não tem ainda sede. O presidente não tem autoridade. A pescaria está cada vez mais piorando.”* Outro problema apontado pelos pescadores é o seguro defeso das marisqueiras que descascam o camarão na peixaria. A maioria recebia o seguro e foi cortado a pouco tempo.

Embora o padroeiro de Cumuruxatiba seja Santo Antônio, mas tanto no período do Réveillon, quanto no dia 20 de janeiro, é comemorado com glamour o dia do santo “São Sebastião” que tem o seu mastro carregado por uma multidão pelas ruas da cidade, uma tradição desde 1940. Na entrada do ano, o pau é desenterrado e no dia 20 de janeiro, um novo mastro é erguido na frente da Igreja em meio aos festeiros nativos e turistas. Além disso, existem também as novenas do padroeiro do local, St. Antônio. Desde 1989, os pescadores de Cumuruxatiba começaram a organizar uma corrida de canoa a vela e a remo que virou tradição no vilarejo e tem a participação de todos os pescadores da comunidade. Antigamente, muitos pescadores lembram também que antigamente a comunidade festejava a Festa de Reis, mas hoje em dia acabou.

## **CORUMBAU e BUGIGÃO**

A vila de pescadores que tem o nome da Reserva Extrativista foi formada por índios pataxós que migraram do outro lado do rio, de uma pequena aldeia indígena, na década de 1950.

Corumbau, significa em tupy-guarani “o fim do mundo e o começo da terra”. O nome traduz a bela paisagem onde a ponta da terra avança para o mar. A extensa praia de areia fina e branca, termina num pontal de 2 km, que a maré alta faz sumir. O Farol da Marinha, cercado de amendoeiras, à beira do rio Corumbau, faz limite com o vizinho município de Porto Seguro. Como a maior parte dos vilarejos da região, Corumbau também permaneceu por muito tempo sobrevivendo da pesca e do extrativismo, até ser invadida pelo turismo estrangeiro nas décadas de 1980 e 90.



Atualmente possui hotéis, pousadas e casas de veraneio de altíssimo luxo. Existem na vila de Corumbau, duas igrejas, uma igreja evangélica, a Maranată e outra católica, a Igreja de São Francisco de Assis, o padroeiro da vila. Existe uma escola de ensino fundamental, mas no ensino médio as crianças frequentam a escola da comunidade próxima, no Veleiro.

No Corumbau são três as principais artes de pesca empregadas: a linha, a rede de arrasto de camarão (balão) e a rede de espera (caçoeira). O pescado é vendido aos frigoríficos (peixes) e restaurantes ou diretamente nos defumadores (camarão). Também vendem o pescado nas aldeias indígenas, em especial, na Barra Velha.

Os principais pesqueiros citados pelos pescadores do Corumbau são: O Ranca Unha, Sueste, Profundada do Farol, Profundada do Mato Grosso, Virada de fora, Virada de Terra, Canudo, Costão, Três Cabeços. Os peixes citados pelos pescadores que mais dão na região são: a Guaricema, o Xaréu e o Ariacó.

A pescadora Zélia Assunção, pescadora de linha, 48 anos, é nativa de Itamarajú e vende o peixe nos frigoríficos, pessoas da aldeia e da cidade. No inverno, pesca quase todo dia a depender do tempo. Como o marido, tem carteira da SEAP e recebe o defeso do Robalo. O barco da família é a motor, tipo B18 e mede em torno de 9 metros. Para ela, a pesca nos últimos anos tem

piorado um pouco, mas de cinco anos melhorou muito porque antes tinha muito barcos de fora. Segundo ela, A Resex foi uma ótima alternativa. A família da pescadora vive também do turismo, como muitos outros pescadores do Corumbau, já que além de pescar, no verão, administra uma barraca de praia. A Associação, da qual participam a maioria dos pescadores é Associação dos Pescadores da Resex do Corumbau - AREMAC. Segundo ela, o peixe que mais dá na região é o ariacó nos meses de junho a setembro. O mais raro de pescar é o badejo. *“A gente pesca mais pra fora com a marcação do Monte Pascoal e deixa as Pedras mais perto para aqueles que não têm barco grande que pesca só de canoa a vela.”* No verão água clareia muito, você solta a linha e os peixes estão vendo o anzol e não comem. Para os mergulhadores está ótimo, mas para a pescaria não está bom. O principal problema da comunidade é o lixo no mangue do Corumbau. Para ela, se a Reserva continuar assim vai melhorar cada vez mais e será bom para a pesca no futuro. É católica e conta que as principais festas tradicionais do local é a festa do padroeiro do vilarejo que é São Francisco de Assis, no mês de Outubro, quando tem a procissão dos barcos, batizados e missas. No carroula, região que fica mais longe da parte onde moram os pescadores, tem também a igreja e a festa de São Benedito. Antigamente tinha as festas de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Aparecida e de Santa Luzia. Também existe no local, uma igreja evangélica, a Maranata.

Para Seu Zé que é pescador de linha e de balão, muitos pescadores de Corumbau vendem os peixes quase todos na aldeia de Barra Velha.

*“Quando comecei a pescar não tinha barco aqui, era só de canoa a remo, não tinha pano de vela. Depois apareceu a vela e o pessoal começou a ir mais longe e depois apareceu o barco e tivemos que ir mais pra fora, por causa de que o peixe foi sumindo da beira do mar. Antes ninguém precisava ir tão longe. O bom pescador precisa saber os pontos da pescaria. Tem que entender a época que tem peixe nos pontos. Na chegada do verão os peixes estão lá no Ranca Unha, passou do verão o peixe está mais cá por terra.”*

Para ele, a exploração no Corumbau diminuiu muito e o peixe aumentou.

*“Imagine aqueles barcos todos de Alcobaça aqui ainda, estaríamos todos morrendo de fome. A renda aumentou também. O problema da pesca aqui é a falta de infra-estrutura.”*

Para o pescador Sr. Manoel Conceição do Carmo, 54 anos, mais conhecido como São, nascido no Corumbau que pesca de linha e de balão, a pescaria antes era melhor, não existia balão e redes. Pesca com seus filhos. No verão vende nas pousadas e no inverno entrega o camarão no defumador. Usa rede tainheira e caçoeira e balão. *“Aqui antes tinha muito pescada. Depois da reserva não teve tanta mudança, porque aqui já tem muito barco, mais de 40 barcos. Um bom*

pescador tem que entender dos pesqueiros, entovar o anzol e pegar o peixe. O mestre de barco tem que conhecer os canais, o tempo, a bússola, o GPS. Segundo ele, no Corumbau, tem muitas mulheres que trabalham para os frigoríficos, descascando o camarão, mas poucas pessoas vão ao mangue extrair o marisco. Com relação ao turismo, muitos acreditam que melhorou muito a situação da comunidade: *“Antigamente tinha fartura, mas não tinha onde vender. Mas o que piorou é que o pessoal foi comprando os terrenos e fomos ficando apertados, com isso, muitas famílias se mudaram para o outro lado do rio no Bugigão.”* A família dele como muitas ainda no Corumbau, por serem descendentes dos índios Pataxós, ainda usam remédio do mato. Sr. Manoel é um dos três irmãos que lutaram pela RESEX. Conta que eles se juntaram porque começou a chegar muitos barcos no Corumbau:

*“Procuramos primeiro a Funai que apoiaram a decisão de tornar uma Resex. Fizemos um abaixo-assinado para Funai e lá o responsável mandou para a capitania da Marinha e foi negado. Mas não desistimos, continuamos e fomos atrás de um juiz de Prado que nos indicou procurar a APPA (Associação Pradense de Proteção Ambiental) e levamos o abaixo assinado para lá. Depois o juiz mandou para Brasília o abaixo assinado com mais pessoas e veio com o técnico do Ibama e do CRA (Centro de Recursos Ambientais). Foi assim que o movimento foi crescendo e a gente conseguiu a adesão das comunidades do Veleiro, Caraíva e Cumuruxatiba. Foi aí que conseguimos fazer a RESEX. E foi aí que começou a chegar os pesquisadores. Para garantir o futuro da pesca, temos que preservar mais, ter um controle maior do tipo e quantidade de peixe que pegamos. A tendência é acabar, como o exemplo desses lugares como Alcobaça e Caravelas que antes tinha muitos peixes e hoje não tem mais.”*

Ultimamente uma idéia parece tomar corpo a partir das transformações do espaço advindas das compras de terrenos de pescadores por empresários de turismo e veranistas. Uma proposta de ampliação da RESEX do Corumbau avançando para o continente foi discutida no Conselho Deliberativo da RESEX e entre as comunidades. Muitos depoimentos referem-se ao debate. A partir da mobilização da “RESEX de terra”, alguns dos empresários de turismo e outros agentes entram na cena comunitária na intenção de reverter o movimento, já que a ampliação da RESEX pode representar um obstáculo concreto aos seus negócios. Além disso, as famílias e as principais lideranças do local se dividem por apresentarem opiniões opostas a proposta de ampliação.

Um dos pescadores que lutou pela criação da Reserva Extrativista do Corumbau, foi o Sr. Honorato Deocleciano do Carmo, 51 anos, nativo da aldeia pataxó de Barra Velha, o pai é índio e a mãe cabloca. Conta que estudou um pouco, mas teve que parar de estudar quando foi para Belmonte trabalhar como pedreiro com 11 anos de idade. Quando chegou percebeu que a história do lugar

dele não podia ser apagada, tinha que ser escrita. E conta a história do Corumbau e da região nos seguintes versos:

*“Esse era meu grande sonho  
Era o que eu mais queria  
Escrever a história do meu lugar  
Em termos de poesias.  
Começo de Corumbau, 1822  
Começou na beira do seu rio  
Com uma população tradicional  
Alguns índios pataxós, fazendo suas casinhas na beira do rio  
Encostado ao manguezal  
Esses eram os seus desejos porque facilitava na sua alimentação  
Pegando peixes, siris, conchas e caranguejos.  
Era engraçado, os ranchos tudo parecido com um só.  
Coberto com palha de marimbú e as paredes com palha de xandó  
Não existia depredação, os índios não tinham nem anzol.  
Olha como o peixe sumiu,  
Antigamente os índios matavam de arco e flecha na beira do rio...  
Mas o tempo foi passando e gente de fora veio chegando  
Com mais experiência, coqueiros foram plantando...  
Assim se passava o tempo sem ninguém perceber,  
Mas não sabia no futuro o que poderia acontecer  
Como em toda aldeia acontece  
Com gente que chega por lá  
Com o decorrer do tempo, começam a se misturar.  
Aqui em Corumbau, um lugar ex deserto.  
Existia muito espaço, começou a exploração  
Com uma serraria, Ambraço.  
Como não poderia ser de outra maneira  
O povo de fora começou a fazer casa de madeira  
Mas não parava por aí não, exportava a madeira para outra região  
Não existia lei do meio ambiente  
ninguém se importava com esse pedaço de chão...”*

Já o Bugigão é uma recente invasão indígena do Parque Monte Pascoal, na faixa em que o mesmo faz divisa com a Terra Indígena Barra Velha do Monte Pascoal. A terra indígena está localizada nos municípios de Porto Seguro, Itamaraju e Prado, e tem como principais norteadores geográficos os rios Corumbau ao sul, e Caraíva ao norte. A Terra Indígena é composta no total por doze aldeias: Barra Velha (Aldeia Mãe), Boca da Mata, Meio da Mata, Guaxuma, Trevo do Parque, Pé do Monte, Aldeia Nova, Águas Belas, Corumbauzinho, Craveiro, Cassiana e Bugigão, sendo que as duas últimas são subordinadas politicamente a Boca da Mata e Barra Velha, respectivamente.

A energia elétrica é obtida por meio de um gerador instalado entre as casas que na sua maioria são de madeira. Vários pescadores têm toda a sua produção absorvida pelo setor de turismo. Restaurantes, barracas de praia e pousadas de Corumbau compram o pescado e também contratam moradores para trabalharem em diversas atividades: camareiros, cozinheiros, arrumadeiras, e também, como caseiros. Outros pescadores trabalham na travessia entre o

Bugigão e Corumbau. Segundo um pescador antigo do local, mais conhecido como Seu Fulo, 70 anos:

*“A única coisa que melhorou aqui que aconteceu depois da RESEX foi a saída desses barcos de fora. Antigamente, aqui tinha peixe ai na beirada e a gente trocava o peixe por farinha. Mas ainda está ruim porque ai em Corumbau tem mais de 40 barcos que espantam os peixes, já que o balão vem arrastando tudo. A gente ia redar, pegava peixe e camarão e não tinha hora. É raro pegar um peixe de 5 a 6 kg de peixe.”*

Os peixes segundo os pescadores que mais dão no Bugugão é a samucanga, a saiara. A grande maioria dos pescadores do Bugugão também trocam os peixes na aldeia mãe. Vários pescadores reclamam que para melhorar a pesca no local, é preciso ter um comprador certo de fora. Os pescadores reclamam também que vendem o peixe por um preço muito baixo. Só existem três barcos a motor de pesca no Bugigão, o resto são todos canoas. Os índios vivem da pesca de subsistência e no verão da travessia dos turistas do Corumbau para Caraíva. Uma das maiores dificuldades atuais o local, é que muitos pescadores estão migrando do Corumbau para o Bugigão, pois foram imprensados como consequência do crescimento da construção de hotéis e pousadas e de terras sendo vendidas. Outro problema da comunidade é a falta de água potável, os índios têm que andar algumas léguas até a nascente do rio.

## CARAÍVA

Caraíva é uma comunidade litoranêa e ribeirinha situada no município de Porto Seguro, na costa do descobrimento. Tem uma população em torno de 1500 habitantes. Localizada dentro da APA Trancoso/Caraíva e próximo ao parque nacional de Monte Pascoal. Fica a 69 km da sede de Porto Seguro e a 740 km de Salvador e entre o rio Caraíva, o oceano Atlântico e a reserva indígena dos pataxós. Caraíva já foi ponto de encontro de índios de Barra Velha que partiam para festas realizadas por índios que viviam no aldeamento de Trancoso. Além do mais, até os dias de hoje, Caraíva é compreendida para muitos índios como o “quintal de Barra Velha”.

Caraíva teve como principal atividade econômica durante muito tempo a exploração de madeira. Isso até 1948, quando a explosão de uma caldeira destruiu a Serraria. Atualmente, vive principalmente do turismo na alta estação e da pesca artesanal na baixa estação. O acesso ao vilarejo é feito em pequenas canoas atravessando o Rio Caraíva e não é permitida a entrada de automóveis.

Restaram atualmente poucos pescadores na vila de Caraíva. A maioria dos nativos, hoje em dia, vive do turismo, comércio, restaurante, pousada. Caraíva se destaca das outras comunidades, por apresentar um turismo de base comunitária, já que muitos dos donos de restaurantes e pousadas são filhos do local. Esse fato pode ser representado pela força da Associação que é denominada de ANAC (Associação dos nativos e Amigos de Caraíva).



Com relação à pesca artesanal, os pescadores lembram que antigamente a pesca era feita

basicamente por canoas e usava-se apenas a linha. O pescador, o Sr. Ariosvaldo Brás Cirnane, mais conhecido como Dado, de 57 anos que é nativo de Caraíva, conta que antigamente pescava de canoa, saía de madrugada e chegava de noite. Segundo ele, hoje em dia não tem mais barco e ele pesca atualmente só de vez em quando, porque tem uma pousada pequena e por isso vive mais do turismo do que da pesca. *“Hoje a pescaria não dá pra pessoa manter a família mais. Antes aqui dava muito peixe, a gente salgava, durante uma semana trazia 30 kg de peixe, hoje em dia ninguém pega mais isso”*. Já o pescador Joselito Cruz Silva, conhecido também como Jójo que também é nativo de Caraíva, assim como os seus pais e avós lembra que: *“No tempo dos meus pais todo mundo aqui trabalhava numa serraria, ai depois que explodiu, foi aparecendo o turismo. Hoje tem uma loja, uma pousada e faz passeios turísticos. Todo mundo pescava aqui só pra comer. Antigamente os peixes vinham aqui na beirinha.”* O pescador entrevistado tem barco a motor, na baixa estação vai pescar de linha e na alta estação o barco é usado apenas para passeios turísticos. Alguns pescadores como Seu Natanael Porto da Hora, 49 anos, nascido em Alcobaça e registrado como filho de Caraíva, ainda vive basicamente da pesca de linha e de balão onde vende nos restaurantes da própria vila. Ele vai para o mar todos os dias, segundo ele só não vai quando tem temporal. Tem um barco, chamado “Ticoliabe”, motor tipo B 18 com sete metros de comprimento, registrado na capitania de Porto Seguro, mas a pesca, para ele, nos últimos anos tem piorado muito.

Um pescador mais jovem conta que seu pai antigamente usava ainda a técnica chamada de “faxear”, técnica usada pelos índios pataxós, utilizando-se da folha do xandó seca (côco da restinga), a noite acendia e saía faxeando para iluminar e depois com o facão pegava-se o peixe e colocava no camburá.

Antigamente também os mais antigos contam que trocavam o peixe por mercadorias com pessoas da roça e com tropeiros.

Atualmente os poucos pescadores que restaram pescam de linha e também com redes caçoeira e tainheira. Existem poucos barcos a motor e segundo eles, os pescadores de Caraíva só utilizam da rede de arrasto, como o balão, para pegar isca. A melhor estação para a pesca em Caraíva, é o inverno, porque segundo os pescadores, no verão, a água fica muito clara e isso dificulta a pesca de linha.

Para a maioria dos pescadores, a espécie de peixe que mais dá na região é o Ariacó, mais conhecido também como o Vermelho e também a Samucanga, como eles denominam a Pescadinha. Os pesqueiros mais conhecidos pelos pescadores são: O Duro, Monte do Cabrinha, Tatuacú, Baixinho, na Lontra, Jacumã, Curuípe, Monte Mocinha, Monte do Quebra-Pote, Monte no Céu, Monte do Galpão, Monte do Camarão. O pescador Manuel Marques de Oliveira, pescador de Nova Caraíva, comunidade que cresceu do outro lado do Rio Caraíva, que pesca de linha e de redes, caçoeira e tainheira, com o barco, “Segura as ondas”, motor B11, conta que “um bom pescador deve ter conhecimento da natureza, das marés, o vento, as estrelas, as ondas. O bom pescador não precisa de tecnologia, ele conhece tudo por nuvem, estrela, maré e etc. Eu acho todas as pedras quantas vezes eu quiser, só com as marcas de olho, marcas de terra. Meu GPS são os olhos”. Em Caraíva, existem atualmente cerca de 15 canoas(botes), 10 barcos a motor e um total de 30 pescadores.

A maioria dos pescadores de Caraíva é colonizada na Colônia do município de Itamarajú, por causa da proximidade do local. Todos recebem o seguro defeso do Robalo, já que as comunidades próximas de Itamarajú são caracterizadas por exercerem a atividade da pesca no rio. No local, além da associação dos nativos, a ANAC, existem também mais duas outras associações: a ASBENC (Associação Beneficiante de Nova Caraíva), e uma outra associação de alguns empresários e comerciantes de Caraíva, conhecida como Pró-Eco que segundo a maioria dos pescadores, atrapalha os pescadores, porque os interesses dos associados nunca é em benefício da comunidade e sim do lucro dos seus empreendimentos.

Apesar de existir uma escola de ensino médio no local, a maioria dos pescadores não frequentou a escola e muito poucos sabem ler e escrever. Os filhos dos pescadores atualmente pescam mais por lazer, vivem mais do turismo, comércio e também como pedreiro.

Com relação às tradições e manifestações culturais do local, percebe-se que os pescadores são católicos e participam das festas tradicionais da vila. A festa mais importante é a de São Sebastião, padroeiro do local. Contam os mais velhos que antigamente, na festa tinha a puxada do mastro no dia 1° e o mastro saía de charrete pela vila. Nesse período, vinham muitos moradores das roças perto do

vilarejo. Hoje em dia, poucas pessoas ainda participam dessa festa, a maioria dos participantes atualmente são os turistas. Os pescadores lembram que antigamente tinham as festas das roças e uma brincadeira, denominado por eles de “um roubo”. O Roubo acontecia quando uma pessoa tinha uma manga ou alguma outra fruta para roçar e alguém ia lá e roubava a manga dele. Assim, no dia seguinte a pessoa que tinha sido “roubada”, além de roçar, tinha também que dar uma festa.

Para muitos dos pescadores, as festas tradicionais estão acabando. Antes tinha a festa do dia 1º de janeiro que saía a noite acordando o pessoal e ia seguindo a procissão, quando amanhecia o dia, colocava-se as canoas para pegar o mastro no mato e todos da comunidade iam de casa em casa com o mastro. Cada casa oferecia comidas e bebidas. No final do dia, o mastro era colocado em frente a igreja. No dia 6 de janeiro o mastro era levantado. No dia 20, vinha muita gente das roças. Segundo o pescador: *“Onde o turista chega, a cultura daquele lugar acaba. O turismo trás coisas boas e também coisas ruins.”*

Os pescadores de Caraíva manifestaram muita preocupação com a pesca de arrasto de balão. Segundo eles, os pescadores de Corumbau arrastam 24 horas sem parar e ainda vendem o camarão por um preço baixo para os defumadores ou atravessadores, ao invés de colocar o camarão “na mão” das marisqueiras para ajudar no sustento delas também. Nas entrevistas feitas, os pescadores apresentaram sempre um alto grau de consciência ambiental ao relatar que esse arrasto de balão mata os peixes pequenos que crescem e podem chegar a um peso grande no futuro. A maioria diz evitar a pesca do camarão. *“Eu me preocupo com o lixo da praia que vai parar no mar, por isso temos a coleta seletiva. Os turistas ajudam aqui com a questão do lixo. Nós temos uma ponta de coral, o Tatuacú, lá tem muitos meros e lagostas na região. Ainda hoje os mergulhadores vão para lá, matar lagosta e mero.”* Segundo o pescador, Raimundo José Bonfim Cardoso, apelido de Zé Marreco, nativo de Caraíva e que também pesca de rede e de linha: *“O Ibama continua fazendo negociações com os empresários, já que permite que as empresas plantem eucaliptos na beira do rio Caraíva e o eucalipto suga a água do rio. Os empresários não estão nem aí para o amanhã. Nós aqui não pegamos caranguejo e sabemos que na época da andata é a época de reprodução do caranguejo. Tivemos uma perda muito grande de caranguejo por causa da poluição do eucalipto.”* Muitos pescadores em Caraíva reclamam que para melhorar a pesca na vila é necessário investimento em fiscalização da área da Reserva e equipamento para os pescadores que não tem um restaurante ou pousada, ou seja, para alguns poucos pescadores que não vivem também do turismo na alta estação.

## AS LOCALIDADES ONDE A PESCA É VOLTADA PARA O MERCADO LOCAL: IMBASSUABA, VELEIRO e BARRA VELHA

A divisão entre localidades onde a pesca é atividade de pesca é principalmente subsistência incorporou as localidades de Imbassuaba e Veleiro, onde há uma pequena comercialização local e/ou a troca do pescado por produtos da roça, principalmente a farinha e a localidade de Barra Velha, onde todo o peixe pescado é vendido para as outras famílias da Aldeia e os pescadores da Aldeia não podem comercializar o pescado em outras localidades e/ou para outros compradores.

Nas três localidades, a arte de pesca principal, na resposta espontânea, é a pesca de rede (77%). Ao serem indagados sobre qual era a arte de pesca principal, 42% respondeu a rede tainheira Rede tainheira 40X40 de espera/fundo linha anzol 7, enquanto que a arte de pesca secundária que prevalece é a Rede caçoeira 60 de espera/fundo (para 27% dos entrevistados).

88% afirma pescar para comercializar, sendo que destes, 55% comercializa de casa em casa. A maioria (58%) pesca sozinho e a frequência de pesca não é diária (apenas 25% afirma pescar todos os dias).

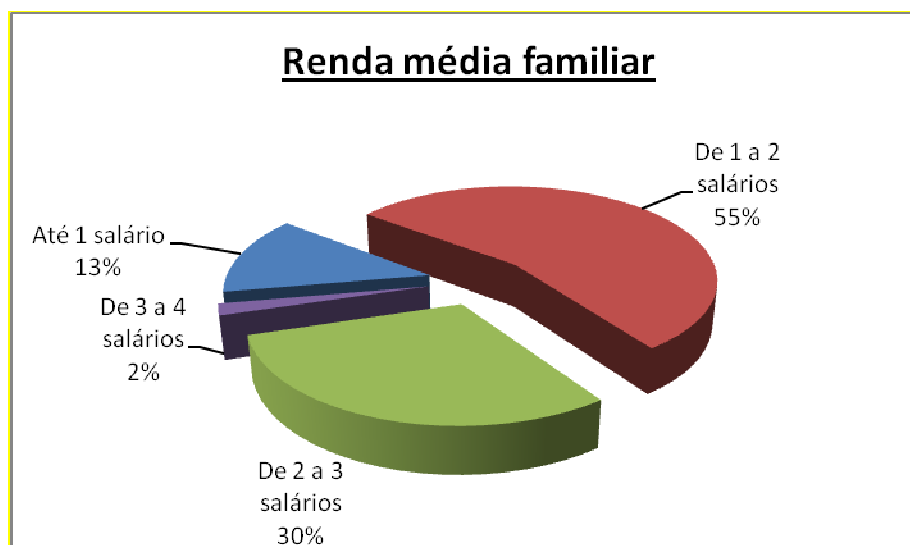
68% declaram ter barco e destes, 60% tem bote ou canoa.

Em relação à percepção da pesca, 60% informou que melhorou nos últimos 5 anos.



A grande maioria dos entrevistados é natural do município e mora na localidade há mais de 20 anos ou a vida toda (80%).

A principal fonte de renda, para 68% dos entrevistados, é a venda do pescado. Um dado que chama a atenção é a renda média familiar: 58% que a renda média familiar é de 1 a 2 salários mínimos e 19% de 2 a 3 salários.



A análise das famílias (base 95 pessoas), indica um baixo nível de escolaridade (45% tem até o primário e 38% é analfabeto).

Em relação aos atores, os entrevistados desconhecem a BahiaPesca (84%), a Ecomar (76%), a Conservação Internacional (80%), o ICMBio (54%) o Instituto Baleia Jubarte (52%) e a SEAP (52%).

A percepção neutra predomina para as plantações de eucalipto (76%), para as prefeituras municipais (60%), para as pousadas (52%), para a Marinha (44%), para os barcos de turismo (44%) e para as barcaças de eucalipto (64%).

A percepção positiva (ajuda ou ajuda muito) predomina para a Associação de pescadores/moradores (72%), para o IBAMA (53%) e para a Colônia (52%).

O único ator/situação que predomina a avaliação negativa, empatado com a percepção neutra, são os barcos de pesca de outros lugares, com 44% afirmando que atrapalha ou atrapalha muito e 44% afirmando que a percepção é neutra.

## IMBASSUABA



É um pequeno vilarejo próximo de Cumuruxatiba, onde a praia fica dentro dos limites da RESEX. Possui uma associação de pescadores ativa, a Associação dos Pescadores Artesanais e Amigos da Costa do Descobrimento. Possui apenas um barco a motor, sendo que a maioria dos pescadores pesca de canoa a vela.

A Barra do Rio Cahy em Imbassuaba, localiza-se num Sítio histórico à beira-mar onde, ao que tudo indica, o capitão Nicolau Coelho, da armada de Pedro Álvares Cabral, pisou pela primeira vez em terras do Brasil estabelecendo, provavelmente, o primeiro contato entre índios e portugueses em 1500. Neste local, recentemente foi criado o Eco Parque do Descobrimento. No alto da falésia, em meio a doze mil coqueiros, encontram-se trilhas e mirantes de onde podemos avistar a foz do rio Cahy e o Monte Pascoal, localizado ao fundo da propriedade. Lá também se encontra a capela de Santo Antonio, réplica de uma capela jesuíta, toda construída com pedras retiradas do mar. A fazenda Parque Barra do Cahy, que possui 400 hectares de Mata Atlântica primária, foi transformada em Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN. Numa paisagem bucólica e deslumbrante, encontra-se a Barra do Rio Cahy com sua extensa faixa de areia monazítica, falésias e ondas médias e fortes, boa para a pesca de robalo, principalmente subindo o rio. A comunidade de Imbassuaba vive da pesca de subsistência e principalmente do cultivo agrícola de produtos diversificados em pequenas hortas, como côco, abacaxi, cana, banana, mandioca, melancia, abóbora, mamão, maxixe, quiabo, batata, laranja, limão,

manga, alface, couve, repolho e cebola. Em comum com a Aldeia Indígena está o fato de não se encontrar na faixa costeira. Tanto na Aldeia como em Imbassuaba muitas mulheres pescam com anzol e vara. Em Imbassuaba, a captura de polvos é muito praticada tanto pelas mulheres quanto pelos homens. Na vila, são denominados de marisqueira(o), aquele (a) que pesca nas pedras, tira o ouriço com o facão, pega o polvo e sabe a morada dele e também pescam o siri.

O pescador Sr. Américo Nunes da Silva, 62 anos, nascido e criado na região, Começou a pescar e a trabalhar na roça desde pequeno. É colonizado e recebe seguro defeso do camarão. Continua fazendo as duas atividades. Pesca apenas para própria subsistência. Pesca de canoa a remo e coloca a rede caçoeira de fundo. Segundo ele: *“O peixe hoje em dia está muito fraco para quem pesca de bote. Antigamente, não precisava colocar a rede mais para fora, na beirada mesmo pegava muito peixe.”* Para ele, depois da Reserva melhorou, porque atualmente os barcos pararam de baloar em alguns lugares. Segundo ele também, a comunidade de dez anos para cá, só melhorou, porque antes não tinha energia elétrica e hoje todo mundo tem televisão. O pescador também planta cana, banana, mandioca e cocô, mas só vende quando sobra. A esposa Benedita, ajuda o esposo na roça e também é marisqueira. Vai nas pedras e pesca, tira o ouriço com facão e siri e peixe com pindaíba (estrova o anzol miúdo e pesca nos cabeços). O peixe mais comum na região é o bagre, a samucanga, a pescadinha, a boca torta (peixinho pequeno da boca torta), o sargo, o cação e o Robalo na Barra do Rio Cahy. Segundo, os pescadores a época que mais dá camarão são nos meses de setembro e outubro. A maioria das pessoas trabalha nas fazendas dos outros e pescam só de vez em quando para o sustento.

Na vila não tem nenhuma festa tradicional, o pessoal participa mais das festas de Cumuruxatiba de São Sebastião e Santo Antônio. Antigamente, tinha a festa do Descobrimento que acontecia num cruzeiro na Barra do Cahy onde festejavam com os índios no dia 21 de abril.

Nas entrevistas realizadas todos os pescadores queixaram-se da pesca predatória do balão feita pela frota de barcos de Cumuruxatiba. Para o pescador, Sr. Pedro Borborema da Silva, 55 anos, nascido e criado no local:

*“A pescaria aqui piorou muito por causa do aumento da pesca de balão dos barcos de Cumuruxatiba. Aquele peixe que quer encostar para terra, o balão espanta. Não pode evitar o balão, porque tem que ter o camarão. Mas se um jeito de evitar o balão seria muito melhor para o estoque pesqueiro daqui. Nosso tipo de pesca, não estraga o peixe não. Ele cresce a vontade. Nós só pegamos mais de linha, então só vêm comer os maiores. A gente arma uma rede, cai lá quem quiser.”*

Além disso, contam que com o tempo, os fazendeiros, donos da maioria das terras estão fechando cada vez mais o acesso dos pescadores às praias. E isso tem sido um problema enfrentado pelos pescadores. Os poucos pescadores existentes no local, no entanto, são colonizados no Prado e recebem o seguro defeso do camarão. Os principais Pesqueiros da comunidade são: Boqueirãozinho, Loló, Boqueirão da Passagem, Sametara, Boca do Camarão, Baixo da Ladeira, Buraco do Bicho, Espinho, Marmoreto, dentre outros.

Segundo os pescadores com a criação da Reserva melhorou muito a pescaria no local, porque os barcos grandes vinham de Vitória e não sobravam peixes para os canoieiros. A maioria dos pescadores é católica e freqüentam a pequena igreja da comunidade, a igreja de N<sup>a</sup>Sr<sup>a</sup> da Conceição. Todos os pescadores entrevistados não estudaram e por isso a maioria é analfabeta. No entanto, os mais jovens e filhos desses pescadores, frequentam escola em Cumuruxatiba e têm transporte escolar. A maioria das casas, 23 famílias, é beneficiada há um mês pelo Programa Luz Para Todos.

Segundo o pescador, Sr. Francisco Guedes Cunha, 64 anos, nascido e criado na região: *“A pescaria pra quem pesca de canoa é muito fraca, mesmo depois que os barcos foram embora. Acredita que a pesca piorou depois do aumento do balão, pelo fato do balão capturar também os peixes pequenos. No entanto, são barcos de Cumuruxatiba que usam o balão. Segundo o pescador Francisco: “Tem que proibir uso do balão ou controlá-lo. Deve-se limitar o lugar que pode ‘baloar’ e aumentar o seguro defeso.”* Para a grande maioria dos pescadores é necessário ter uma maior fiscalização para pegar os barcos de balão na Barra do Cahy, já que é proibido através do Plano de Manejo, arrastar camarão na Barra.

## VELEIRO:



D. Benedita, pescadora do Veleiro

O Veleiro é uma pequena comunidade situada entre Corumbau e Imbassuaba. Existem na comunidade atualmente pouquíssimos pescadores. A maioria vive da pesca de canoa e colocam rede de espera. Outros pescadores trabalham nas fazendas existentes na região. A comunidade também fica distante quase dois quilômetros da praia e isso dificulta também a atividade da pesca no local. A maioria dos pescadores pesca no mar, mas como são colonizados em Itamarajú recebem seguro defeso da Piracema. Segundo o pescador, Valdir Bonfim de Lima : “O que acontece com o pescador é que aqui ninguém tem condições de comprar material e ter uma estrutura mínima para pescar”. A maioria reclama da falta de peixe e que tem época que

não dá nem mais peixe. Na comunidade existe uma Igreja católica de Santa Luzia e mais recentemente a Igreja Maranata, construída nas imediações das terras de um dos fazendeiros do local. Atualmente, muitos pescadores tornaram-se evangélicos. A Associação possui um barco a motor que é usado por um dos pescadores da comunidade, no entanto, as instalações da sede encontram-se em péssimas condições. Os principais pesqueiros do local são: Carapeba, Tauá, Riacho Grande, Pedrado da Lagoa Doce e outros. A maioria das casas não tem energia elétrica e isso para os pescadores também dificulta a atividade pesqueira.

## ALDEIA INDÍGENA DA BARRA VELHA:



A aldeia Pataxó Barra Velha não se encontra na faixa litorânea, mas em terras mais altas, próprias para a agricultura. Seus membros são pescadores, mas também cultivam uma horta comunitária, de onde extraem parte substancial de sua

alimentação. São cultivados a mandioca, a banana, a abóbora, a cana, o feijão, a pimenta, a batata, o abacaxi, o mamão, a melancia, a mangaba e o milho. As mulheres e crianças coletam na mata sementes para seu artesanato de adornos. A principal família é a de Manoel Braz, fundador da aldeia. Atualmente, a língua falada pelos Pataxó é o português. Entretanto, esse grupo utiliza também o “Patxorã”, que chamam “língua de guerreiro”, uma combinação da língua Maxacali com palavras soltas que os velhos Pataxó guardaram na memória, além de alguma influência do Tupi e de termos do português regional. Os Pataxó mesmo incorporando elementos próprios dos modos de vida regionais, parte da memória histórica permanece viva e é através dela que a reconstrução ou re-elaboração passa ser o processo de afirmação étnica.

Até a década e 1970, a atividade madeireira era pouco significativa para os Pataxó, mas acabou se ampliando com a pressão externa. A instalação de várias madeireiras no entorno do Monte Pascoal acaba atraindo a mão de obra indígena para empregos sazonais ou não, além do fato de terem adotado a venda de artesanato como estratégia de sobrevivência ter influenciado a extração da madeira. Em 1954 tem início à construção da estrada Rio-Bahia conhecida BR-101. Por um lado a rodovia trouxe desenvolvimento a todo extremo sul da Bahia, mas por outro lado, criou as condições ideais para a devastação de boa parte das matas que ainda existiam ali. Com a conclusão da BR, em 1972, a atividade madeireira se ampliou drasticamente.

A coleta da piaçava foi uma atividade extremamente representativa para os Pataxó, principalmente, entre os anos de 1940 e 1970. Junto à mariscagem no mangue, a piaçava ajudou-os a sobreviver durante os períodos mais críticos de fiscalização e repressão. Após vários incêndios no entorno do Monte Pascoal, o mais significativo no final da década de 1980, a piaçava se tornou escassa e a atividade foi praticamente abandonada. Segundo memória oral do grupo, após a “guerra de 1951”, com a implantação do parque em 1961, e conseqüente impedimento de plantar roças, os Pataxós passaram a sobreviver da coleta, tirando do mangue a subsistência. Utilizaram, por muitas vezes, o caranguejo como moeda de troca para conseguir farinha e outros gêneros alimentícios. Por isso, retirar as áreas de mangue e recifes da terra de ocupação tradicional dos Pataxós.

Várias outras atividades foram desenvolvidas ao longo do tempo, como conta o indígena Zé Piegas, que sempre viveu em Barra Velha e lembra que seu avô e seu pai coletavam embira para fazer corda, e estopa para vender em Caraíva e Porto Seguro. Conta também, que seu pai fazia esteiras para dormir e se cobrir. Em todas as aldeias Pataxó, as principais atividades produtivas são: roça, artesanato, pesca e mariscagem.. Essas são seguidas por atividades menos expressivas, mas com importância significativa no cotidiano do grupo, como: o comércio e o trabalho assalariado (alguns como agentes do Estado na área da

saúde e educação dentro da própria aldeia). Há também um significativo número de aposentados. Nos últimos 10 anos o engajamento ambiental, também, tem rendido algumas atividades remuneradas aos Pataxó. Diante dos constantes incêndios que atacaram o PNMP desde a década de 1970 e a drástica diminuição no quadro de servidores, o IBAMA/MMA, através do Projeto PREVFOGO, deu início a uma série de atividades de capacitação aos Pataxó, incluindo: prevenção e combate ao fogo.

O artesanato marcou uma mudança positiva para o grupo étnico em questão, pois trata-se da complementação da renda familiar. Podemos verificar em todas as aldeias, que no final da tarde as mulheres e crianças se sentam na frente das casas para montar colares, pulseiras e outros. Alguns índios plantam mandioca, Feijão, abóbora, melancia, cana só para o consumo. Costuma trocar farinha, mandioca, feijão por peixe no Bugigão.

A escola principal atende em média 510 crianças, jovens e adultos. O turno da manhã oferece a educação infantil, o turno da tarde desenvolve o ensino fundamental, e à noite são oferecidos o ensino médio e a educação de jovens e adultos - EJA. Em Barra Velha, aproximadamente 80% dos professores e professoras nasceu na própria aldeia. A maioria tem apenas o ensino médio, ou ainda o está cursando. Lecionam para a educação infantil e ensino fundamental disciplinas voltadas para a cultura, língua materna, ciências e meio ambiente. Estas pessoas estudam na mesma escola da aldeia no turno da noite.

Com relação à pesca, na aldeia atualmente só existem apenas três barcos a motor e em torno de quinze canoas, contando com as usadas no rio. Essas canoas estão sendo mais utilizadas no inverno, na época do Ariacó, peixe mais comum da região. Muitos índios, por causa, da falta de estrutura para a atividade pesqueira, compram o peixe dos pescadores de Corumbau e Caraíva, porque atualmente na aldeia existem poucos índios que vivem da pesca.

José da Conceição Pinheiro, mais conhecido como Lapão, 44 anos, nascido na aldeia, Começou a pescar com 17 anos com o pai, de canoa e depois partiu para linha maior, maré alta. Na época pescava a vela. Atualmente se considera já velho para a pesca. Segundo ele: “A pesca há uns dez anos atrás estava muito difícil, porque vinham muitos barcos de fora, já que tinha muito peixe nessa área e assim acabou o peixe. Com a criação da proteção da área de pesca artesanal foi melhorando. Hoje se você pescar na beira da praia você pega peixe.” A maioria afirma que Falta melhoria na pesca, e reivindicam um porto. Segundo Lapão: “é necessário, por exemplo, uma ponte e mais barcos a motor para poder chegar nos pesqueiros que ficam mais longe. Segundo eles: “a boa pesca é aquela que a pessoa pode sair e ficar no mar de 10 a 15 dias e voltar com a carga feita. Mas para aqueles que colocam a rede pela manhã e vai tirar a tarde, pega no máximo 10 kg de peixe, quando pega. “Aqui se você pegar 500 kg de peixe pela manhã, vende tudo no final da tarde. As pessoas se alimentam aqui basicamente é o peixe por ser o mais barato também.”

O índio, Cosme Brás dos Santos (tiwi), conta que antes de ser criada a RESEX, tinham muitos barcos de outras regiões na aldeia e que de lá pra cá, o pescado foi melhorando. Começou a pescar com vinte anos com o pescador antigo chamado Sr. Luis Capitão. Depois começou a fazer artesanato e formou junto com outros índios uma associação de artesãos em 1998, através do Projeto do SEBRAE que durou quatro anos. “Antes do Curso da Sebrae, já fazíamos artesanato, mas não era um artesanato aperfeiçoado para comercialização, para venda nas feiras. *“Nós participamos de vários eventos, já tivemos encomendas para vários países. O artesanato e a pesca tiveram um avanço muito grande aqui na aldeia.”* Atualmente os índios fazem o artesanato com sementes da Juerana, do Pau-Brasil, Tinguí e em seguida pintam algumas sementes com anilina.

Muitos índios na aldeia lembram muito um fato ocorrido no passado e que marcou a vida cotidiana dos pataxós para sempre, conhecido como “o massacre de 51.” Tudo aconteceu quando dois homens se apresentaram na aldeia como funcionários do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e após descobrirem o comerciante mais bem sucedido do Corumbau, planejaram um assalto do comércio e colocaram os índios como bode expiatório. Vieram as tropas de soldados de Prado e Porto Seguro e fizeram o massacre de muitos índios. Perseguidos, muitos fugiram para outros locais da região e por isso várias aldeias surgiram espalhadas. Depois alguns voltaram e contavam que não eram índios para poder sobreviver, mas tudo já estava destruído. Com o tempo e muita luta veio a demarcação da terra e hoje está em processo na justiça a ampliação da terra.

Na aldeia existe um grupo de jovem responsável pelo resgate e valorização da questão cultural, pelo qual o índio Raoni Brás Vieira, 23 anos, é responsável. Ele conta que:

*“O meu trabalho é focado na questão da cultura, sou uma liderança jovem. A questão espiritual da cultura sempre me interessou. Nós queremos manter a cultura dos mais velhos para as crianças. Hoje em dia, muitas das nossas crianças não conhecem mais certos tipos de peixes que antigamente os nossos velhos faziam os pescados. É importante eles saberem como os nossos velhos pescavam, como produziam suas redes, as armadilhas de pesca que era no mar, no rio e no mangue, como o jekiá, o surú (feito de bambu de algumas palmeiras, a Jussara madura, como um funil que atrás abre e na frente fecha). Aqui se pegava muito peixe e essas armadilhas eram usadas mais na época das enchentes, quando os peixes saíam para comer. Existiam também as redes feitas da palmeira trançada que era a fibra do tucum. Hoje temos um avanço da conscientização do povo para a preservação do pescado, para a questão da reserva marinha. A nossa luta é feita de cultura, das tradições dos nossos velhos para manter hoje a nossa juventude. Hoje estão chegando aqui tecnologia,*

*novos conhecimentos, novas formas de aprendizados, para a nossa comunidade, mas nós queremos utilizar essa tecnologia para manter a nossa cultura. Queremos registrar, arquivar como nos vivíamos antigamente. Como eram as regras das nossas aldeias, porque mudou hoje.”*

Na comunidade festejam-se quatro festas religiosas. Antigamente o catolicismo influenciou muito aqui a cultura pataxó. O povo vivia caminhando. No dia 08 de dezembro tem a festa da padroeira da aldeia N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Purificação, onde tem missas, samba e também o auê, a dança tradicional do povo pataxó. O Awê é “hãmiyado” (dançado) pelos Pataxó das aldeias do entorno do Monte Pascoal, em reuniões e celebrações externas e internas, são praticados sempre que recebem visitantes em maior quantidade e também viajam por cidades vizinhas ou mesmo distantes para fazerem apresentações. Estas ocasiões são preciosas para eles por propiciar a venda de artesanato, uma das suas principais fontes de renda. Adultos e crianças vestem o tupsai (saia feita de tucum), se enfeitam para o Awê pintando o corpo - principalmente braços e rosto - com tinta feita de jenipapo, urucum, argila colorida (obtida nos rios da região) e outras substâncias. Usam também colares de sementes, madeira e penas, cocares e vários outros enfeites. O maracá é o instrumento que dá o ritmo a batida do Awê. Mas muitos índios contam que as festas antigamente tinham sanfona, pandeiro, o cauim. *“Hoje está muito diferente, antes todo mundo ajudava e hoje em dia tem um festeiro que cada ano se responsabiliza pela festa.”* Um pastor vai para aldeia todo sábado celebrar a missa. Muitos índios estão aderindo à última igreja, dizem os mais antigos que tinha um problema de bebida, a caibôca, na aldeia e por isso muitos mudaram de religião para livrar-se da bebida. A Igreja evangélica é então vista como algo positivo porque minimizou esse problema da bebida na aldeia. Existem duas igrejas uma católica, a da N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Conceição e a Maranata que foi construída e está funcionando há quase oito anos.

No dia 06 de janeiro é a festa de santos reis, são usados o bumba meu boi, a burrinha, a girafa, urubu e etc. No dia 20 de janeiro é a maior festa que é a de São Sebastião. Reúnem-se todas as aldeias pataxós da região, até a comunidade de pataxó de Minas Gerais. A última festa é a de fevereiro que é a de São Brás.

Atualmente a comunidade conseguiu a aprovação de dois, um deles do Ponto de Cultura do Estado da Bahia para comprar câmeras, máquinas digitais para registrar os encontros, manifestações culturais e outro Projeto pela CAR para compra de um trator para a comunidade para o desenvolvimento da agricultura familiar. Outra luta dos índios é por um espaço, na prefeitura, uma superintendência para assuntos do povo pataxó.

A aldeia vive ainda também o sistema de cacicado. Atualmente o cacique é o índio Romildo, Arurau Pataxó, 41 anos que nasceu na aldeia. Ele foi antes vice-

cacique do índio José Ferreira que teve um conflito com a comunidade e assim ele teve que assumir o cacicado, em 2002. Segundo os índios, para se tornar cacique, deve ser feita uma reunião com a comunidade, onde duas pessoas se candidatam a função e a comunidade escolhe o melhor. A função do cacique é fazer reunião com a comunidade, mostrar e debater os Projetos, como se fosse um prefeito, mas se em algum momento o cacique não tiver mais o apoio da comunidade, esta pode tirá-lo e eleger outro. Existe também na aldeia, o Conselho dos mais velhos, formado pelos índios mais antigos. O poder do cacique é diferente do presidente da associação, só o presidente pode abrir conta e assinar os papéis. Mas quando os índios querem fazer alguma coisa, todas as lideranças e a comunidade se juntam. A associação Comunitári de Barra Velha hoje tem dez anos. Segundo o cacique: *“Hoje a comunidade está entendendo a importância de uma associação que já está toda legalizada.”* Na aldeia tem 200 pessoas cadastradas que recebem a bolsa família e alguns anos também o benefício da cesta básica.

Segundo também o cacique, os principais problemas da comunidade são as brigas internas entre as famílias. Outra questão também é que antes não tinha energia e o pessoal aqui não vendia a cerveja (goropijope), foi então que a comunidade fez uma reunião e resolveu vender no verão. A saúde também é precária por causa do difícil acesso na aldeia de médicos da FUNASA. Antigamente, os mais velhos usavam o remédio do mato, hoje muita gente usa, mas alguns estão optando pelo remédio da farmácia. Mas tem cinco índios que trabalham como agente de saúde. Atualmente existe uma discussão interna na aldeia para aprovar ou não, a passagem de uma BR que vai começar em Trancoso e vai chegar até Prado.

Os Pataxós mesmo incorporando elementos próprios dos modos de vida regionais, parte da memória histórica permanece viva e é através dela que a reconstrução ou re-elaboração passa ser o processo de afirmação étnica.

# Algumas Conclusões

---

A pesquisa aqui relatada procurou traçar o perfil sócio econômico e cultural dos pescadores residentes na costa do Banco de Abrolhos, na área entre Caraíva - Porto Seguro e Nova Viçosa.

Ao olharmos as três macro áreas pesquisadas - RESEX Corumbau, com 10 anos de existência, RESEX Cassurubá, recém-criada (2009) e Mar se UC (municípios de Prado e Alcobaça) pode-se verificar várias semelhanças e algumas diferenças. Para poder comparar essas áreas, foi elaborado um quadro resumo com as principais informações, apresentado na próxima pagina.

O quadro resumo fornece um panorama que deveria ser melhor explorado - os pescadores da RESEX Corumbau, área marinha protegida há quase uma década, apresentam uma renda familiar significativamente maior do que os pescadores das outras áreas e percebem que a produção da pesca melhorou nos últimos 5 anos. Esse resultado, agregado aos resultados do *Economic Valuation* e do *Ecological Monitoring*, podem indicar que uma área Marinha protegida de uso sustentável pode resultar em uma melhor qualidade de vida aos seus beneficiários.

Variável	PESCADORES DE ABROLHOS	RESEX CORUMBAU	MAR SEM UC	RESEX CASSURUBÁ
Estimativa de barcos/botes/can		220	180 em Prado, ? em Alcobaça	400
Estimativa de fam. Pescadores	2,250	250 famílias	1.000 famílias	1.000 famílias
N. entrevistados	685 ou 29%	88 ou 25%	219 ou 22%	375 ou 38%
Naturalidade entrevistado	80% do município	86% do município	78% do município	80% do município
Tipo de pesca - resposta espontânea	26% balão, 19% linha, 18% rede	37% rede, 35% linha	44% balão, 31% linha anzol 7	31% outros
Pesca principal	33% balão, 23% linha anzol 7	24% linha anzol 7, 23% rede tainheira	28% linha anzol 7, 21% balão	33% balão
Pesca secundária	19% linha anzol 7, 21% balão	21% linha anzol 7, 19% balão	68% linha anzol 7	15% balão
Objetivo da pesca	92% venda	90% venda	99% venda	90% venda
Comercialização	Atravessador 53%, comerciante povoado 34%	49% comerciante do povoado, 36% de casa em casa	80% atravessador	91% comerciantes do povoado - (45%) e atravessador (46%)
Embarcação	51% tem embarcação	64% tem embarcação	29% tem embarcação	63% tem embarcação
Tipo de embarcação	66% barco a motor, 19% canoa/bote	39% barco a motor, 36% canoa/bote	68% barco a motor	71% barco a motor
Pesca sozinho?	75% não	65% não	94% não	70% não
Frequência de pesca	29% diária, 28% depende da época	37% diária	51% depende da época	35% diária
Tempo no mar	69% vai e volta no mesmo dia	96% vai e volta no mesmo dia	54% vai e volta no mesmo dia	71% vai e volta no mesmo dia
Percepção sobre a pesca	61% piorou ou piorou muito	52% melhorou	66% piorou ou piorou muito	67% piorou ou piorou muito
Principal fonte de renda	87% pesca	77% pesca	98% pesca	84% pesca
Renda média familiar	38% até 1 salário, 48% de 1 a 2	55 % 1 a 2 salários, 29% de 2 a 3	40 % até 1 salário, 52 % de 1 a 2	42% até 1 salário, 44% de 1 a 2
Escolaridade dos membros das famílias	49% até o primário, 31% secundário	20% analfabeto, 66% até o primário	37% até o primário, 44% secundário	52% primário, 27% secundário

# BIBLIOGRAFIA

---

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Instrução Normativa Nº 19, DE 24 DE JULHO DE 2006. Publicado no Diário Oficial da União de 28/07/2006 , Seção 1 , Página 28. Disponível em <http://extranet.agricultura.gov.br/sislegis-consulta/consultarLegislacao.do?operacao=visualizar&id=17187>.

BRASIL. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Portaria nº 1428, de 26 de novembro de 1993. Disponível em: [http://www.anvisa.gov.br/legis/portarias/1428\\_93.htm](http://www.anvisa.gov.br/legis/portarias/1428_93.htm)

BRASIL. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria Nº. 326, de 30 de julho 1997. Disponível em: <[http://www.anvisa.gov.br/legis/portarias/326\\_97.htm](http://www.anvisa.gov.br/legis/portarias/326_97.htm)>.

BRASIL. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA . Resolução RDC Nº 275, de 21 de outubro de 2002. Disponível em: <[http://www.anvisa.gov.br/legis/resol/2002/275\\_02rdc.htm](http://www.anvisa.gov.br/legis/resol/2002/275_02rdc.htm)>.

BRASIL. O diagnóstico da pesca extrativa no Brasil SEAP, 2005. <http://200.198.202.145/seap/html/diagnostico.htm> acesso em nov, 2005

CURADO e GOULART. “Valorização da Atividade Pesqueira”: relatório sobre a cadeia de valor da pesca da RESEX Corumbau, parte integrante da meta 2 do projeto Fortalecimento da Gestão Participativa do Uso dos Recursos Pesqueiros na Reserva Extrativista Marinha do Corumbau<sup>6</sup> (RESEX), 2006

DIAS NETO, J. e MARRUL F., S. **Síntese Da Situação Da Pesca Extrativa Marinha No Brasil** (Documento elaborado para apresentação aos integrantes do Grupo de Trabalho Interministerial - GTI criado com a finalidade de definir o Programa de Financiamento da Frota para a Pesca Oceânica e de Renovação e Modernização da Frota Costeira) Brasília, julho de 2003 . [www.seap.gov.br](http://www.seap.gov.br). acesso em novembro 2005.

DIEGUES, A. C. S., **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo, Atica, 1983.

- \_\_\_\_\_ . Realidades e falácias sobre pescadores artesanais. IN: **Documentos e relatórios de pesquisas nº 7**. Centro de Culturas Marinhas – USP, 1993.

\_\_\_\_\_, **A pesca construindo sociedades**. São Paulo, NUPAUB- USP, 2004.

DIEGUES, A.C.S. e NOGARA, P. **O nosso lugar virou parque**.

HEMINGWAY, E. **O Velho e o Mar**. 15a ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973

MINTE-VERA, ALVES e MOURA. “Produção pesqueira da RESEX Corumbau: Pesca de linha em Cumuruxatiba e Corumbau/Bugigão” relatório de assessoria técnica (2009)

NICOLAU, Omar Souza. **Mobilização Comunitária e Identificação de lideranças para a constituição da Reserva Extrativista do Cassurubá relatório**. (2007), PAIVA M. P.

---

<sup>6</sup> O texto integral do projeto, bem como o Plano de Manejo da RESEX, está disponível para consulta por parte dos interessados, nas sedes da APPA e do ICMBio, em Prado, e na sede da CI-Brasil, em Caravelas.

**Recursos pesqueiros estuarinos e marinhos do Brasil.** Fortaleza: EUFC. 1997a. 287 p: il.

\_\_\_\_\_ **Levantamento do estado da arte da pesquisa dos recursos vivos marinhos do Brasil:** Recursos Pesqueiros - Programa REVIZEE. MMA/SMA. 1997b. 241p.

SOARES, Mario Luiz Gomes **O Laudo Biológico do Sistema Caravelas-Nova Viçosa.** (2007)

# ANEXOS

---

**Anexo 1 – Gráficos Referentes à Resex Cassurubá**

**Anexo 2 – Gráficos Referentes a Caravelas**

**Anexo 3 – Gráficos Referentes a Cassurubá**

**Anexo 4 – Gráficos referentes a Nova Viçosa**

**Anexo 5– Gráficos Referentes a Alcobaça e Prado –  
sede**

**Anexo 6 – Gráficos Referentes a Resex Corumbau**

**Anexo 7 – Gráficos Referentes a Resex Corumbau - localidades**

**Onde a Pesca é Meio de Vida: Cumuruxatiba, Corumbau/Bugigão  
E Caraíva**

**Anexo 8 - Gráficos Referentes a Resex Corumbau - localidades**

**onde a pesca é para o mercado local: Veleiro, Imbassuaba e Barra  
Velha**

**Anexo 9 – questionário longo**

**Anexo 10 - questionário curto**

**Anexo 11 – roteiro entrevista *Cultural Roles***